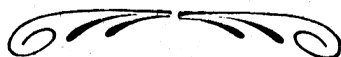


Duplicate

DEPARTAMENTO DA CREANÇA NO BRASIL

MONCORVO F.º

O PANDEMONIO DE 1918



«Subsidio ao historico da epidemia de grippe
que em 1918 assolou o territorio do Brasil»

RIO DE JANEIRO

1924

02230A

O Pandemonio de 1918

CESPI / USU
BIBLIOTECA

02-1118-10
005-00-10-10

420



PANDEMONIO DE 1918

PRIMEIRAS PALAVRAS

Quem se atreve a escrever as linhas que se seguem ainda está até hoje, já lá são passados mais de cinco longos annos, sob o peso da angustiosa impressão que lhe dilacerou a alma nos tetricos dias do 1918.

Sómente agora, valendo-me de relativa calma, pude reunir em paginas de sincera revelação o que me foi dado observar e anotar no doloroso surto da tremenda catastrophe que baixou sobre a nossa *urbs* e por occasião da qual tive, involuntariamente, que assumir um papel de destaque nos esforçados serviços dia e noite prestados á população.

Sendo testemunha de scenas as mais commoventes, encontrando-me em face de quadros capazes de confranger os corações mais estoicos, pre-tendo, com o presente e modesto subsidio, contribuir de alguma sorte para a historia do grande acontecimento que de modo tão pungente enlutou a nossa sociedade.

Propositamente dei a este livro o titulo de «*Pandemonio de 1918*» para bem caracterisar o cataclysma que sobre nós se desencadeou nesse anno terrivel, pois esse vocabulo bem exprime o que então todos assistimos e soffremos.

De facto, «*Pandemonio*», ninguem o ignora, foi a cognominação de Milton ao designar a corte ou a capital imaginaria do Inferno, dando a palavra nitida impressão da confusão, da balburdia, do horrór emfim!

No Relatório do Serviço Sanitário do Estado de S. Paulo sobre a «A gripe epidêmica no Brazil» pelos Drs. Carlos Luiz Meyer e Joaquim Rabello Teixeira, publicado, um dos raros trabalhos de folego, sinão o unico que, alheio á clinica propriamente dicta, foi editado entre nós, muito bem iniciaram os autores o seu «Prefacio» com esta grande verdade:

«O historiador que, no futuro, procurar descrever as principaes epidemias que assolaram o Brazil, com muita difficuldade poderá fazer idéa da formidavel calamidade que foi a gripe epidêmica».

E é perfeitamente exacta a affirmação, porque de surpresa fôra o assalto que de tantos horrores encheu aquelles dias tenebrosos, em que chegamos a perder a noção de que vivíamos em um paiz ultracivilisado e cercado do maravilhoso conforto de que sempre gosamos.

Ahi estão os motivos que me levaram a escrever o presente livro.

MONCORVO FILHO.

I — A GRIPPE NO BRAZIL

Certo não ha doença que pela extensão de suas epidemias, de tempos a tempos varrendo violentamente o Mundo, pela sua exquísita symptomatologia e obscura causa, mais haja enriquecido de trabalhos a Medicina universal, permitindo calorosissimas discussões nos centros scientificos de todos os paizes.

Grippe, Influenza, Grippeta, Cortezã, Generala, Hespanhola, ou que outro nome lhe queiram emprestar os medicos ou o povo, pouco importa, é um mal que se diz datar do anno de 475.

Da derivação da palavra *grippe* infere-se a significação clara do vocabulo francez *grippe* — *empolgar, apanhar, agarrar*, — e isso exprime bem o caracter de intensidade e de espantosa disseminação com que ella geralmente sorpreheende e devasta a especie humana.

No decurso dos annos de 870 a 1173 asseveraram ter a gripe assoberbado as populações europeas, pretendendo-se haver sido tambem desse mal as epidemias registadas na França em 1311 e na Italia em 1323, sendo porém muito obscura a historia desses factos.

De gripe ou não o que é certo é que a intensidade, a malignidade e o numero copioso de victimas que roubou á população daquelles dois paizes, particularmente o ultimo, retrataram um surto epidemico dos mais devastadores.

Dahi por deante encheram os archivos scientificos, com dolorosa periodicidade, os commentarios sobre a irrupção do mal. ora assólando apenas um paiz, deixando sempre atraz de si a desolação e a dôr, ora varrendo o mundo inteiro, atacando todos, quasi sem a ninguém poupar.

As lufadas epidêmicas com todo o seu côrtejo de horrores foram sendo cada vez melhor assignadas pelos medicos e descripta a doença, expurgada de diagnosticos vagos que constituem causas de erro na apreciação dos factos.

As epidemias de 1328 na Italia, e 1387, 1403, 1410, 1414 e de 1420, todas na França, provam a existencia do devastador mórbido nessa época.

No seculo XVI, revela a historia da Medicina que a grippe devastou toda a Europa e em 1505 raro foi o paiz que não soffreu as consequências da sua apavorante mortandade.

A epidemia de 1517 não foi das de menor importância, registando-se em 1515, 1543 e 1555 pequenos focos da doença; a de 1850, porém, se constituiu de tal gravidade e extensão, que se pôde considerar a primeira pandemia. Só em Roma matou então a grippe 9 mil pessoas.

O novo surto de 1950 attingiu também toda a Europa e só em Roma a esse tempo, affirmou-se terem ao tenebroso mórbido perecido mais de 600 mil individuos!

Então ficou demonstrado, como asseverára Hirsch, que desde 1173 da primeira (?) epidemia que invadiu o mundo, a influenza não poupou paiz algum, nenhuma latitude, clima, nem estação preferencial.

Em 1669, 1675, 1691, 1693, 1695, quer dizer durante o Seculo XVII, explosões mais ou menos intensas do mal foram ainda assignaladas em varios paizes do Mundo.

Póde-se dizer que o Seculo XVIII se caracterizou pelo apparecimento de focos epidemicos da grippe sobretudo na Belgica, na Dinamarca, na Alemanha, na Italia e na França no decurso dos annos de 1708 a 1799, durante os quaes cerca de vinte vezes fez, tanto no Velho como no Novo Continente, varias incursões, por esse tempo já melhor estudada a doença desde que Huxham e Pringle, em 1733, caracterisando, tanto quanto era possível na época, as fórmias e o seu evolver, con-

sagraram á mortifera peste o nome de *grippe* ou *influenza*, nomes hoje assaz vulgarisados.

A codificação epidemiologica das pandemias de grippe data de 1780 quando a Inglaterra, a Allermanha, a Italia e a França (na Europa) e a America e a Asia foram terrivelmente flagelladas, realisando-se a affirmativa de Borcier: «Ninguém á ella escapou».

No decurso do Seculo XIX, já estribados nos conhecimentos dos trabalhos que se vinham accumulando no Seculo transacto, os medicos melhor ainda puderam, e com detalhes, estudar a phenomenologia clinica do mal que, de 1800 a 1881, lastrou mais de onze vezes, com physionomia epidemica e grave, em varios paizes do globo.

Quasi toda essa resenha que aqui faço, pude bebel-a no excellente trabalho «Estdo Medico clinico da grippe-influenza», o mais completo sob tal ponto de vista publicado no Brazil pelo distincto collega José Novaes de Souza Carvalho Netto (These de doutoramento — 1919).

Veja-se agora o que se tem observado a respeito em nossa terra e nosso sentido as publicações sobre epidemiologia dos illustres Barão de Lavradio, Sigaud e De Simoni, principalmente os do primeiro (*Esbôço historico das epidemias que têm grassado na cidade do Rio de Janeiro de 1830 a 1870*), até certo ponto elucidam a questão. (1)

Pelas descripções existentes nesses subsidios da litteratura medica nacional interessantes dados en-

(1) Na sessão de 3 de Novembro de 1921, da Academia Nacional de Medicina o Dr. Garfield de Almeida, apresentou uma interessante nota da qual, como elemento historico, reproduzo o topico que se refere ao assumpto aqui discutido.

..... tive oportunidade, graças a gentileza do Sr. Dr. Sivalva Lins, de receber uns documentos, que são os que ora offereço aos archivos desta Casa. Um delles, é uma carta escripta do arraial da Conceição, em Minas Geraes, que se refere á uma epidemia de grippe occorrida em 1826.

Como se sabe, a grippe parece ter surgido pela primeira vez aqui em 1645, data em que, no dizer de Southey, ella prin-

contram-se mostrando nas lufadas espectaculosas e devastadoras dos varios surtos epidemicos, guardada a relatividade das situações, das épocas e dos computos da população, muita semelhança com o que se verificou no pandemio de 1918.

Historiando as epidemias que vergastaram a nossa população, já em 1835 o Barão de Lavradio dizia que «nos trimestres extrêmos do anno, se

cipiava por uma oppressão no peito a que se seguia dōres agudas e pleuriz. Uns morriam de repente, outros em algumas horas, ninguem depois do terceiro dia.

Em 1771, segundo Mello Moraes, foi o Rio accommettido de uma epidemia de gripe nervosa, importada de Lisboa, onde a tinham alcunhado de Zamperini, do nome de uma celebre cantora lyrica, então naquella cidade.

A esse respeito convem notar que o Barão do Lavradio, alludindo a tal epidemia, dil-a caracterizada por diarrhēa aguda, de phenomenos paralyticos.

Sigaud nos fala de outra epidemia em 1794 e 1835. Em 1826 houve uma grande epidemia de gripe que foi então cognominada «a Corcunda», pela curvatura dorsal que os accessos de tōsse tornavam frequentes; essa epidemia invadiu as provincias visinhas, nos seus mais distantes recantos.

Disso é prova o documento interessante que ora vos mostro e devo á obsequiosidade do prezado collega Sinval Lins; é uma carta escripta de Conquista (Minas Geraes) pelo Revmº Padre Bento Alves Gordin a um seu sobrinho. Nella se diz: «Fui ter os dias santos no arraial da Conceição, por ser capellão e thesoureiro da Irmandade do Rosario e careci de recolher no dia 2 do corrente, mas foi toda a familia atacada de epidemia deflussionaria, que tanto grassou a ponto de ser necessario buscar a quem nos servisse. Só no dia 9, a muito custo, regressei, deixando ainda lá alguns bem atacados e aqui tem passado a quasi toda a fabrica, cahem uns, levantam-se outros. E mesmo no Condonga (grande lava de ouro duma antiga companhia, distante de Conceição 270 kilometros) e nos Corregos (arraial distante de Conceição 20 kilometros), segundo me consta, tem grassado a tal peste dos Corregos; sei não haver perigado pessoa alguma; um mesmo negro que tinha cortado um pé já está bom».

Os outros documentos, talvez ainda mais interessantes, são uma série de receitas feitas por Fulano de Tal Pinto e datadas de 1765, 1766 e 1767. Em algumas, está lançado, no verso o preço respectivo.

É uma collecção que tem muito interesse historico e bastante antiga—de mais de 150 annos atrás.

Erão esses os documentos que eu desejava offerecer ao archivo da Academia».

desenvolveu uma epidemia de catarrhaes que alguns praticos denominaram *grippe*, outros *cholerina* e que alguns consideravam como precursora da manifestação da *Cholera-morbo*, á imitação do que acontecera em outros paizes, coincidindo seu reinado com a temperatura de 27º a 28º de Reumur e com variações frescas e aturadas.

A extensão que tomou em pouco tempo, continúa o distincto epidemiologista, a simultaneidade de ataques nas pessoas da população, o accommetimento das que vinham de fóra, o susto e o terror que se havia inoculado no povo pelas idéas imprudentes espalhadas a este respeito, e a divergencia de pareceres dos membros da Sociedade de Medicina acerca da natureza da molestia, levaram-n'a a nomear uma commissão de seu seio encarregado de estudar a epidemia e formular um relatório circumstanciado de todos os factos que lhe fōssem relativos.

Desse relatório collige-se que não passou essa epidemia de uma bronchitis mais ou menos energica... etc..

A commissão incumbida de estudar a epidemia acreditou que as causas principaes do seu desenvolvimento foram os phenomenos meteorologicos que então se deram, variações subitas de temperatura em virtude de chuvas escassas, alterando com altos grãos de temperatura, e reinado de ventos contrarios do quadrante do norte, quentes e secos, e do quadrante do sul, frios e humidos, sendo certo que tão notavel foi a influencia dos ventos na producção desta epidemia que as cazas situadas na direcção de norte a sul foram as que deram maior numero de doentes».

Segue-se a descripção dos symptomas que, *mutatis, mutandis*, eram os da grippe.

Disse ainda o Barão de Lavradio que «a epidemia foi de curta duração.

Principiando em fins de Março tinha cessado absolutamente, em virtude de mudanças nas condições athmosphericas, reaparecera as febres intermittentes e outras molestias, mas não se manifes-

tando a cholera-morbo, cujo apparecimento fôra imprudentemente vaticinado por alguns medicos».

Por muito curioso não pôsso deixar de referir-me aqui ao artigo de Sigaud inserto no «Diario de Saúde» (1835), no qual dando conta do «quadro das molestias observadas nos primeiros quatro mezes do anno de 1835», emprestando tambem grande importancia ao estado da athmosphera, allude aquelle medico á «certa affecção catarrhal denominada grippe...» e descrevendo a sua disseminação assim se manifestou:

«Esta affecção catarrhal, conhecida pelos nomes vulgares de *grippe*, de *influenza* e *malmatello*, se manifestou nos hospitaes, assim como nas familias domiciliadas na cidade e nas chacaras visinhas.

He fôra de duvida, que o estado de variações athmosphericas, e principalmente a secca prolongada, he o que tem produzido o seu desenvolvimento e provocado sua prolongação. O Snr. João Alves Carneiro, referiu á sociedade de medicina, em sessão de 28 de Fevereiro de 1835, que depois de grandes seccas, se havia observado no Rio de Janeiro epidemias de febres catarrhaes da mesma natureza, e taes forão as de 1749 e de 1811 ajuntou mais, que de ordinario em Março, nos fins dos grandes calores do verão, manifestava-se certa affecção catarrhal dos bronchios e dos pulmões, mais ou menos intensa, de duração variavel, em alguns casos graves, ás mais das vezes benigna, ou cedendo... etc.»

Proseguindo em considerandos, o Dr. Sigaud diz que «Na casa dos engeitados da Misericordia, onde existem mais de 150 individuos, houve 50 doentes no espaço de vinte dias».

Entra a descrever a symptomatologia da doença, com uma precisão tal que nenhuma duvida nos deixa hoje sobre a realidade da influencia em 1835.

Ainda mais elucidativo é o relatório da Comissão Especial sobre a epidemia de febre catarrhal e composta dos Drs. Silva Maia, Paula Candido, Valladão e Guissart, apresentado naquella da-

ta á Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro (*Diario de Saúde* — Abril de 1836) e pela leitura do qual se esclarece a caracterisação da grippe e a sua disseminação nesta cidade.

Affirmam os relatores:

«A exceptuarmos os annos de 1780 e tantos, se bem nos recordamos, em que ellas revestirão certo caracter muito particular do systema nervoso, reagindo sobre o systema locomotor designadas pelo nome de *zamparina*; o anno de 1801, em que investirão ao mesmo tempo os olhos produzindo inflamações tão terribéis, que muitos doentes perderão a vista; ou o anno de 1816, em que ellas tomarão um caracter pneumonico tão pernicioso, que em menos de cinco mezes, só o registro da capital deu para mais de trez mil mortos, e que o vulgo, pela posição curvada em que ordinariamente ficavam os doentes, deu a este mal o nome de *corcunda*, digo, a exceptuarmos esses annos, as affecções catarrhaes que tem apparecido nos outros, têm sido benignas».

Reportando-se ainda ao anno de 1835 ao qual se referia o trabalho alludido, eram seus autores que confessavam:

«Todavia neste anno esta affecção grassou muito mais que nestes ultimos dez annos, e foi revestido pelas consequências a que podia dar lugar, de hum grão maior de malignidade; e he porisso, que ella mereceu mais a attenção da sociedade, que nos annos preteritos».

Continuando são ainda os medicos relatores que declaram, referindo-se aos symptomas do mal, que: «Elles tem a maior analogia com os que caracterisarão a grippe, ou influenza, epidemica catarrhal de que fallam alguns autores antigos, que grassou tambem na Europa de 1830 a 1832... etc.».

Muito longo não foi o periodo de calma e em 1837, o nosso patricio Barão de Lavradio fallava na epidemia de bronchitis, que pelo quadro desenhado não se pôde deixar de acreditar haja sido a grippe e que «principiando no curso da epidemia de variola, quando havia esta chegado ao seu maior

auge, e mais notaveis eram seus estragos, ella correu para peiorar as condições sanitarias desta cidade pela generalisação que tomou, embora não fosse dotada de maior gravidade na quasi totalidade dos casos.

Manifestando-se os primeiros factos no principio de Abril em virtude da baixa rapida de temperatura e do apparecimento de excessivo e desagradavel frio, subseqüente á chuvas copiosas que cahiram por 15 dias successivamente, precedidas de vento impetuoso do sudoeste que soprou a 9 de Abril, durou ella até fins de Maio, accommettendo sem distincção de sexos, nem de idade e fazendo algumas victimas entre as crianças, quer em virtude de complicações com lesões cerebraes e febres intermitentes, então reinantes, quer da recrudescencia da coqueluche á cuja influencia estavam ainda subordinadas algumas pessoas.

Nessa mesma occasião grassavam com alguma frequencia pneumonias mais ou menos graves, as quaes não poucas victimas arrebatarem, tanto por sua propria intensidade devida á actividade e permanencia de suas causas productoras, como por sua complicação com gastro-enteritis e febres intermitentes e remittentes graves. As pneumonias, porém não grassaram em proporções taes que pudessem caracterisar uma epidemia; umas e outras nada mais offereceram de particular além do que fica exposto.

Cinco annos depois, isto é, em 1841, era o mesmo Barão de Lavradio que descrevia um surto epidemico havido nesta Capital de um mal por elle denominado de gastro-bronchitis, sobre vindo apoz uma epidemia de escarlatina. Parece não se ter porém revestido de intensa gravidade, porquanto é o epidemiologista quem diz: «muito geral e extensa, distinguindo-se por uma fôsse nervosa muito semelhante á coqueluche. Precedeu as epidemias de febre typhoide e escarlatina de 1842; mas foi em geral benigna, excepto quando complicada de molestias communs violentas.

Esta epidemia não limitou seu reinado á esta

cidade; invadiu tambem varios pontos da Provincia do Rio de Janeiro, tendo antes de aqui apparecer reinado em Montevideu e em varias provincias do Brazil.

Proseguindo nos seus estudos descriptivos, aquelle medico-brazileiro, alludiu entre as epidemias que grassaram em 1852, á *epidemia catarrhal*, e volvendo «quasi ao mesmo tempo que a epidemia de febre amarella...», começando depois das grandes chuvas, a qual invadiu de subito quasi toda a população desta cidade, não respeitando condição alguma social, nem idade e sexos; mas sua duração foi curta, afracando logo de meiado de Março em diante.

Caracterisada em seu principio por symptomas mui benignos, consistindo em coryza mais ou menos forte, tósse com expectoração de escarras mucócos, pouca ou nenhuma febre, dôr intensa na região sternal, lombar e grandes articulações, estado saburral da lingua e outros..., passou depois a tomar caracter mais serio complicando-se com pneumonias e pleurizes que não deixavam as vezes de ser graves e fataes, de febres intermitentes mais ou menos violentas, emfim da febre amarella cuja manifestação se revelava depois pelo apparecimento dos symptomas atterroreses.

No anno seguinte, 1852, «depois de copiosas chuvas, diz o Barão de Lavradio, acompanhadas de fortes ventos de sudoeste, que cahiram em Fevereiro, manifestou-se uma *epidemia de catarrhaes* quasi geral, caracterizando-se por symptomas mui differentes, precedendo uma ou outra vez a febre amarella, sobretudo nos individuos pouco acimados.

Esta epidemia foi de pouca duração; seu desapparecimento foi rapido, quanto havia sido sua manifestação.

Em 1862, lá surge uma nova *epidemia catarrhal* iniciada em Agosto e incrementada em Setembro mas «não respeitando idades, sexos, nem condições sociaes; mas tão benigna correu que, a não serem algumas victimas colhidas entre as crianças de menor idade, em virtude de pneumonias e de catar-

rhos suffocantes, poucos vestígios desastrosos deixaria de seu longo reinado». (B. de Lavradio).

No anno seguinte então, rezam ainda os trabalhos do Barão de Lavradio, uma extensa epidemia de gripe assolou a Capital.

Diz elle: «Esta epidemia, uma das mais extensas e geraes das que grassaram no decurso do anno, iniciou-se em fins de Março, por occasião das mudanças athmosphericas occorridas ao equinocio de outono, e durou para cima de trez mezes. Posto que fôsse muito geral, e seus padecimentos durassem ás vezes 15 dias e mais, caracterisou-se, quasi sempre, por fórma benigna em virtude da raridade das pneumonias.

A lesão mais constante era a bronchitis, acompanhada de estado saburral das vias digestivas, rebelde a todos os meios empregados para combatel-a, a anorexia, absoluta. Em alguns doentes, porém, a affecção deixava grande prostração de forças e um incommodo indefinivel e doradouro.

A frequência de phenomenos nervosos notados em muitos doentes, e a semelhança da epidemia com as de gripe descriptas pelos observadores de outros paizes, suscitaram duvidas sobre a sua natureza, opinando alguns medicos pela existencia da gripe, e sustentando outros opinião diversa, sendo certo que alguns dos factos observados representavam verdadeiros typos da gripe descripta pelos observadores de outros paizes.

Como quer que seja, a molestia foi em geral muito benigna: mas apesar disto, deram-se casos fataes, quer na infancia quer nas outras idades, ou por complicações com outras molestias, ou pelo aggravamento de soffrimentos mais antigos.

E' pelo mesmo autor referida a *epidemia catarrhal* evolvinda em 1864 e que durou os oito mezes do anno, coincidindo com mudanças athmosphericas... atacando sempre de preferencia a infancia e o sexo masculino.

O maximo de sua generalisação deu-se em Agosto, havendo talvez um quinto da população por ella sido atacada. Nessa época sua gravidade

tornou-se mais sensível na infancia, revestindo-se ora de fórma do catarrho suffocante, fatal ás vezes dentro de poucas horas, ora de fórma asthmatica, caracterisada por forte dyspnéa e sybillo pronunciado, sobretudo de noite, desenvolvendo-se então accessos febris graves que faziam perigar os doentes ou encaminhavam mesmo a molestia á uma terminação fatal, si em tempo não era combatida.

Esta epidemia, tanto ou mais geral que a de 1863, não foi tão grave como aquella, da qual se differenciou sob alguns pontos de vista clinicos; porquanto na outra, bem que a marcha da molestia fôsse ás vezes rapida, a convalescença era sempre longa, coincidindo, como vimos, com prostração de forças, tórpor, anorexia e outros symptomatos que lhe davam o character da gripe; nesta, pelo contrario, a marcha era rapida, de curta duração, e quando seguida de terminação feliz, como succedia quasi sempre, a convalescença era rapida, mas as recahidas tambem mais frequentes. No geral foi sempre benigna, ainda mesmo na época de sua maior força, e os poucos casos fataes que se deram no seu curso foram devidos á pneumonias, convulsões no periodo da dentição, e febres periodicas com desordens cerebraes mais ou menos importantes.

Chegando-se ao anno de 1867, vê-se consignada no trabalho do Barão de Lavradio uma nova *epidemia de catarrhaes* e que de Março em diante reinou com alternativas de gravidade e incremento, conforme as condições athmosphericas».

Segundo aquelle autor a epidemia «differente-mente do que acontecera com a de 1865, que tambem foi extensa e duradoura, fez muitas victimas, sobretudo na infancia».

Proseguindo na descripção dos episodios do mal, mostrou a influencia meteorologica, accentuando não haver elle poupado nem raças, nem edades, nem sexos, nem posições sociaes, tendo sido ainda a infancia que maior tributo a elle pagou, pela gravidade com que a accommetteu, não sendo

pequeno o numero de bronchites capillares, broncho-pneumonias, meningoencephalites e convulsões então registadas.

Um terço da população foi assolada, mas a mortalidade se revelou relativamente pequena.

Finalmente accentuava o Barão de Lavradio que em 1870 «embóra sem a indole epidemica, grassaram com muita frequencia e gravidade, sobretudo a pneumonia a qual innumerias victimas arrastou á sepultura, as doenças das vias respiratorias».

Ahi findou-se o estudo feito pelo nosso compatriota e de então para cá, mais ou menos acompanhando ou seguindo-se ás incursões europeas, a gripe, a legitima *influenza*, tornou-se endemica em nosso meio.

Como succedera nos periodos de 1862, 1864 e 1865, em que verdadeiras epidemias e graves, asoerberaram a nossa população, ainda em nossos dias em épocas diversas registou a historia nosologica de nossa Capital, surtos epidemicos de verdadeira gripe, mais intensa, grave e extensa nas suas depredações.

Alguns topicos da obra de José Novaes alludem á presumpção de, mesmo, no decurso de 1835 a 1870, afóra as incursões epidemicas, existir a gripe com caracter mais ou menos endemico, attenuado porém.

«Do cotejo praticado, commenta elle, mais ou menos systematicamente, em tórno dos dados epidemiológicos no Brazil, frisando a gripe (*influenza*) atravez do espectaculo nosographico de nossa terra com os subsidios admiraveis do egregio Barão de Lavradio (José Pereira Rego), impõe-se approximar e coincidir as epidemias de *febre polka* e *zamperina* (zamparina) com a de gripe (*influenza*).

Ao Dr. Sigaud (J. F.) não escaparam impunes ligações e colligações symptomaticas, intrincando o proteismo da gripe. De facto a *febre polka* (denominação plebéa) define uma febre rheumatica eruptiva, contagiando em massa, segundo o testemunho do Dr. De Simoni: «os *hospitales chetos...*

atacava familias inteiras em poucos dias, e tendo havido casas em que não ficou de pé uma só pessoa e foi preciso serem soccorridas por alguém da vizinhança ou de seus amigos e parentes de fóra» (sic).

O Snr. Barão de Lavradio descreve-lhe trez periodos: 1º. (Junho a Setembro) aquelle em que dominavam as urticarias e roseolas; 2º. (Setembro até meiado de Outubro) aquelle em que appareceram as febres, com caracteres de affecções arbitrarías e erupção exanthematica, que se não manifestava no maior numero dos doentes; 3º. (meiado de Outubro) aquelle em que se iniciavam os symptomas catarrhaes da gripe. Ora, argumentemos, por dentro do eschematismo em periodos, confórme a magistral descripção do immortal epidemiologo brasileiro o Barão de Lavradio, sobre quanto se dismutiu em 1864 a respeito da lufada epidemica de *polka*, durando, arrastadamente, de 1846 a 1847 e 1848.

Em 1846—47—48 tudo e tudo como em 1918-1919: de Junho a Setembro surgiram francamente pyrexias eruptivas, havendo até travada a discussão, ao tempo, em objecto de controversia clinica, se os casos eram de *sarampo* ou de *4ª molestia* (*rubeola, escarlatina*—Filatow-Dueckes), tambem denominada, por Cheinisse *pseudo-escarlatina epidemica*.

E o Dr. José Novaes depois de certa ordem de considerações, diz:

«Portanto, os periodos classicos, assignalados pelo Barão de Lavradio, em 1846-47-48, houve-os em 1918, como se vem de ver a risca do parallelismo anterior. No concerto epidemico, grassando no Rio em 1871 (*Zamperina*) e 1830 a 1870 a *febre polka*, a *zamparina*, e até *denngo*, o repertorio deve de ter sido de... *grippe* (*influenza*)»

Por ser interessante o relato do Dr. José Novaes a proposito da denominação de *zamparina*, transcrevo-lhe o topico respectivo:

«No Brazil, quanto a terminologia da gripe, o zamparinismo epidemico foi importado pelo lis-

boeta. Os hespanhóes e argentinos abusavam do *trancazo*, os francezes de mil nomes populares, os portuguezes... da *zamparina* e os brasileiros... da *zamparina* mais da *polka*. Porque *zamparina* (*zamperini*)? Simplesmente por isto: Anna Zamperini era uma cantora veneziana, trazendo com elegancia expontanea um chapéu derrubado sobre a testa e cahido para a orelha direita; Zamperini ou Zamparina (traducção popular portugueza) por seu talento e dotes excepçionaes a odos empolgava; ella conseguiu alvoroçar Lisboa durante quatro annos; della se occupava toda a gente, para o bom e para o mal: Zamparina estava em fóco e a suggestão de uma tal mulher foi tão fórté nas varias camadas sociaes, fazendo sentir-se na sciencia, na industria e na litteratura... até se formaram vocabulos como *zamperinar* (applaudir, cortejar a Zamparina) e *zamparinar-se* (enlouquecer de amor por ella até se perder o juizo). A Zamperini foi tão terrível em Portugal, celebrisando-se, que o grande Marquez de Pombal, por causa de seu filho doudivanos o Conde de Oeiras, a expulsou do jardim da Europa á beira mar plantado.

Ao Dr. José Pereira Rego Filho (illustre epidemiologo brasileiro e secretario perpetuo da Academia Nacional de Medicina) deve-se, bem assim ao saudoso Dr. J. Verissimo, a divulgação da Zamparina, por Alberto Pimentel, de quem promanam os seguintes conceitos:

«*O vendaval da insanía, que a Zamerini desencana deara sobre Lisboa causou espanto no Brazil, e delle riam principalmente os fluminense durante annos.*

Quando alli exerceu as funcções de Vice-Rei um fidalgo lisbôta, da Casa Castello — Melhor. Luiz de Vasconcellos e Souza (1779-1790), grassou no Rio de Janeiro uma epidemia intensa, a que lá deram epigrammaticamente o nome de Zamperini, por allusão ao contagio de allucinada effervescencia que a famosa veneziana fizêra alastrar em Lisboa.

Se Sigaud não nos deu a razão de ser do zamperinismo epidemico no Brazil, Simoni explicou: «*o povo a denominou de Polka, querendo dizer*

com este nome a molestia da moda, ou antes alludir ao geito, que tomam, no andar, as pernas de algumas pessoas que a soffreram, as quaes, por causa das dôres com que ficam nas pernas parecem andar executando certos movimentos dos que dançam este bailado de ultima móda. No Brazil, o defluxo, a febre catarhal, a febre polka, a zamperina são modalidades da grippe — influenza».

Finda esta digressão, proseguindo na minha ordem de idéas, convem assignalar que a grippe de 1870 para cá se mantinha mais ou menos com o seu caracter de benignidade, quando em 1889 e 1890 se manifestou em franco surto epidemico e grave nesta Capital, estendendo-se depois a todo o Brazil. Coincidiu esse doloroso acontecimento com a grande epidemia que a esse tempo grassava nas principaes capitães europeas e nas grandes cidades dos Estados-Unidos, da Argentina e do Uruguay.

Confórme fez ver o Dr. Cassio de Rezende (*Anuario de estatística demographo-sanitaria* — 1908), o diagnostico de grippe «não se encontra como causa de obito em as nossas estatísticas, sinão a partir de muito pouco tempo» e a proposito diz uma grande verdade:

«Para nós a grippe, que hoje temos, sempre existiu e é certo que determinou noutros tempos tantas victimas quantas determina actualmente. Si ella não figura em as nossas estatísticas antigas é porque naturalmente naquella época os clínicos não especificavam a causa de mórte como é de uso hoje fazer-se talvez com algum exagero.

O que hoje é «pneumonia grippal, pleuro-congestão grippal, angina grippal, bronchite e broncho-pneumonia grippaes, grippe intestinal, etc.» era outróra simplesmente «pneumonia, congestão pulmonar, bronchite e broncho-pneumonia, enterite, etc., sem mais epitheto».

E' esse demographista quem, publicando o obituario da grippe, faz ver haver ella produzido 539 victimas em 1903, 511 em 1904, 648 em 1905, 530 em 1906, 589 em 1907 e 597 em 1908, quando de 1900 até esta ultima data a lethaldade annual foi

augmentando de 163 a 481, contando-se numero muito reduzido de obitos nos annos de 1893 a 1900.

A disseminação e a frequencia da grippe entre nós, o seu incremento por occasião do apparecimento nesta Capital da peste bubonica, já em 1903 fazia a alguns suppor as suas relações com esse terrivel mórbio e essa presumpção despertou não raras discussões a respeito. Graças ás medidas de hygiene offensiva e defensiva póstas então em pratica, a peste foi suffocada, mas a grippe surda e insidiosamente continuou a acometter todas as camadas sociaes, pela sua constancia e pela sua frequencia, habituando os medicos e até o povo a consideral-a uma cousa inherente ao nosso meio, não se a estranhando mais e registando-se como factos vulgares: os *resfriamentos* (indevidamente co-gominados pelo povo *constipações*), as *suppressões de transpiração*, as *anginas*, as *bronchites*, as *pneumonias*, etc., outra causa não reconhecendo si-não a grippe. O que é certo porém é que de 1893 a 1911, quer dizer no decurso de oito annos, a grippe já havia victimado no Rio de Janeiro 4512 pessoas, tornando-se, depois da tuberculose (26.130 obitos) e da variola (11.587 obitos), a doença infectuosa de maior coefficiente mortuario (Sampaio Vianna — Annuario de Estatistica Demographo-Sanitaria — 1911).

De 1904 em diante foi sempre annualmente avantajado o numero dos fallecimentos por grippe, registando-se respectivamente até o anno de 1917, os algarismos de 511, 648, 530, 589, 597, 609, 684, 824, 750, 721, 747, 584, 426 e finalmente 411 naquelle ultimo anno.

E' curioso saber-se que (distribuindo-se por quinquennios os coefficientes da lethalidade por 100.000 habitantes encontrados) se chega a concluir que, havendo sido de 2.06 (1893-1897), de 18.04 (1898-1902), attingiu a 80.62 (1903-1907), baixando a 74 (1908-1912). Em 1914 já se elevava esse coefficiente a mais de 77.

De 1915 a 1919 (um quinquennio), incluido o

obituario do pandemio, o numero total das victimas elevou-se a 14.845, pois só em Outubro e Novembro de 1918 registou a estatistica demographo-sanitaria 13.424 obitos.

Sempre calcando o algarismo da mortalidade infantil, o obituario de nossa Capital revela terem sido sempre tambem um tanto poupados á grippe os maiores de 40 annos.

II — O QUE FOI O PANDEMONIO

Depois de exhaustivo mas imprescindivel historico que venho de fazer, coordenando factos e reunindo argumentos que provassem, de um lado existir entre nós, de velha data, a gripe endemica e, de outro, as suas devastações, em épocas varias, em surtos epidemicos, sem se saber perfeitamente qual a sua razão de ser, passo a referir-me propriamente ao pandemio de 1918.

Habituaados á uma certa percentagem de casos de influenza que o exercicio quotidiano da clinica nos fazia sempre observar, causava-nos, a nós clinicos militantes, alguma impressão o augmento sensivel de todas as doenças agudas, indicando qualquer grave perturbação no ambiente medico, o que se ia verificando desde os primeiros dias de Setembro de 1918, — o anno nefasto —.

Os chamados de clinica civil triplicavam, as as enfermarias dos hospitaes apresentavam plethóra de doentes e nas consultas dos ambulatorios crescia a olhos vistos o movimento. Todavia a mortalidade não correspondia ao grande numero dos atacados, sobretudo de affecções do aparelho respiratorio.

A esse tempo, em 10 de Setembro, explodia, com caracter maligno, a epidemia de influenza em Dakar, porto francez do Senegal onde ancoravam navios de guerra brasileiros e o paquete que conduzia a «Missão Medica» chefiada pelo Deputado Dr. Nabuco de Gouveia e que se dirigia para o theatro da guerra.

Pairavam então no espirito brasileiro as maiores duvidas sobre o verdadeiro diagnostico dessa entidade terrivel que dizia-mos impiedosamente na

Europa e que já começava a ser cognominada entre nós de *hespanhola*, como se pretendendo differencial-a da gripe, por muitos denominada de *nostras* e desde tempos idos já acclimada em nosso meio e com a qual tão familiarizados se mostrava meio e com a qual tão familiarizados se mostravam os medicos.

Fallava-se que a epidemia de Dakar era de cholera, era de peste pneumonica, e os commentarios choviam por todos os lados.

O Dr. Carlos Seidl, illustre hygienista, então Director de Saúde Publica, recorria em 26 de Setembro ao Ministro do Interior em busca de informações telegraphicas, e debalde assim procedendo, convencido porém de que se tratava de *grippe pandemica*, recommendava aqui e nos pórtos outros brasileiros uma prophylaxia que denominou «*indeterminada*, isto é, visando tudo quanto pudesse ser motivo de transmissão morbida» (*Rev. Medico-Cir. do Brazil* — nº. 10, Out. de 1918).

Reiterando «pedidos anteriores feitos ao Governo de meios necessarios para fazer funcionar o unico Lazareto que possuamos, o da Ilha Grande» (offo. de 24 de Setembro de 1918), o Dr. Seidl estendeu-se nas mais conscienciosas ponderações sobre as lacunas do nosso aparelhamento sanitario, solicitando do Ministro a abertura do credito de 150 contos necessarios á execução dos concertos do material fluctuante, temendo que a entrada do vapor «*Samara*» procedente de Dakar, não podendo ser quarentenado, fôsse o estopim para o desabrochar da *hespanhola*, com todos os seus horrores, em nosso paiz.

Então dizia o Director da Saúde Publica no seu citado officio:

«Occorre ponderar ainda que, mesmo no caso de passarmos incolumes perante o perigo actual da mal definida epidemia de Dakar, que tanto preoccupa a opinião publica neste momento, continuaremos sob a ameaça das epidemias de cholera-morbus e typho exanthematico que tem sido assignaladas

em cidades e zonas dos paizes belligerantes e neutros, commosco relacionados commercialmente».

Em 26 de Setembro era publicado o telegramma do Dr. Nabuco de Gouveia dando a dolorosa communicação do que occorrera com os membros da «Missão Medica».

Já então a imprensa carioca, voltada para a questão da epidemia de gripe, que na Europa fazia a mais cruel das devastações, clamava por medidas energicas da parte do Governo, que, talvez sem medir as consequencias, surdo se encontrava á justa grita.

Já existia um começo de panico e solicitava-se o fechamento das escolas, dos theatros, cinemas e outros centros de aglomeração de pessoas.

No desespero do momento, sem se pezar bem as responsabilidades das quaes estava investido o Dr. C. Seidl, em situação bastante esquerda ante a possibilidade de uma incursão epidemica e a impossibilidade e inacção do nosso Governo, era já tremenda a campanha levantada contra a Directoria de Saúde Publica, que, dizia-se, «cruzava os braços diante da calamidade que nos ameaçava».

Um jornal chegou um dia a editar em suas columnas um violento artigo, no qual se destacava este topico:

«Dos males todos occorridos no quadriennio prestes a findar, o Snr. Wenceslau Braz não é exclusivamente responsavel. O Brazil entrou na guerra e o governo teve a seu lado a opinião unanime do paiz. E nós não lhe attribuiriamos a invasão da gripe e a ameaça do cholera morbus, si o governo, cumprindo o mais elemental dever de providencia, tivesse empenhado todos os esforços para evitar essa invasão e se uma vez consummada a desgraça da peste, ella tivesse encontrado o governo aparelhado para lhe dar combate.

Ao envez disso, a gripe irrompeu, encontrando as sentinellas da defeza sanitaria a dormir a somno solto, e quando o clamor publico as despertou des-se somno criminoso, a estremunhar, não se lembraram nem de dar o alarme, nem de bradar ás ar-

mas, só abrindo a bocca para enganar o publico, com publicações e reptos pueris, como as do Snr. Seidl ou para exhibições grotescas como as dos telegrammas e communicações officiaes do Ministro Carlos Maximiliano, misturando, na sua litteratura ridicula, citações de Dante, n'um prurido infantil de erudição de almanaks».

Os jornaes viviam cheios desses reprovaveis apódos ás autoridades, movidos pelo pavor e pelo desespero ante a mais horrorosa das epidemias que hão assolado o nosso querido torrão e então não pouparam hostilidades aos homens do governo que, de facto, sem dispôr do mais rudimentar aparelhamento para suffocar qualquer incursão violenta de doença epidemica, sem a mais elemental organização de Assistencia Publica, a despeito dos clamores de velha data partidos de toda a imprensa do paiz, dos homens de coração e de todos nós, medicos e hygienistas, nada podiam fazer naquelles momentos de dôr e de angustia para o Brazil do cruel «Pandemonio de 1918»!

Mais ou menos isso explicou o meu eminente collega Dr. Carlos Seidl quando em 7 de Novembro daquelle anno escrevia á «A Noite», justificando a sua conducta, mostrando que o «apparecimento da inevitavel pandemia de grippe, que nunca esforço humano conseguiu deter, foi pretexto para uma campanha de imprensa» contra elle, dividindo o entrevistado em dois os grupos de atacantes: «os mal intencionados e os mal informados».

Repetiu o eminente ex-Director de Saúde Publica que «sendo a grippe ou influenza a actual doença de Dakar e de outros logares, com que estamos em relações e sendo essa doença verdadeira epidemia planetaria, a causadora da mais diffusivel das epidemias, para a qual não houve até agora barreiras internacionaes, não é provavel que possamos evitar a sua visita», o que dizia então em 27 de Setembro.

Em 10 de Outubro apresentára o Dr. Seidl a Academia de Medicina, nove conclusões entre as quaes a setima que assim era concebida:

«Tentar impedir a invasão pela grippe ou influenza de uma região ou de uma cidade é procurar resolver um problema insolavel: é um sonho, uma utopia scientifica. Em sua marcha caprichosa e vagabunda, a influenza ou grippe tem, até agora, em todos os paizes, menosprezado todos os elementos de defeza, todas as medidas administrativas e todas as quarentenas. O mais a que pôde o hygienista aspirar é preservar limitados agrupamentos humanos, como enfermarias, prisões, collegios, etc. O isolamento, tão efficaz, em geral, em todas as doenças contagiosas, é irrealisavel na grippe epidemica, a menos que se interrompam por longo tempo todas as relações sociaes e todos os contactos daqui oriundos. A grippe, ou influenza epidemica, é, portanto, doença ubiquitaria, inacessivel ás medidas de prophylaxia internacional».

E proseguia, dest'arte, em sua defeza:

«Esse modo de pensar, que é indiscutivel e desafia a contradicta sensata de quem quer que seja, acaba de ser expresso pelas seguintes palavras do professor JULES RENAULT, em seu relatório apresentado á Academia de Paris, sobre a epidemia de grippe (chamada hespanhola) que flagellou a Suissa: «Malgré sa grande diffusion, la grippe est une affection relativement peu grave, pour laquelle les mesures de quarantaine ou de désinfection aux frontières, applicables à d'autres maladies, seraient injustifiées et d'ailleurs inutiles».

Chamo a attenção de quem me lêr para as palavras pelas quaes o Dr. Renault considera *injustificavets e inúteis quaesquer medidas internacionaes de quarentenas ou de desinfectão*, relativamente á grippe. E ponto é este digno de especial relevo, por estarem as relações internacionaes subordinadas a convenios em que o tratamento dos navios, cargas, equipagens e passageiros é estipulado de modo claro e preciso. Para o nosso paiz vigoram os dous convenios internacionaes seguintes: o de Paris, de 3 de Dezembro de 1903, ratificando a 6 de Abril de 1907, assignado por 20 potencias e o de Montevidéo datado de 21 de Abril de 1914.

Por nenhum desses convenios é licito considerar a gripe objecto de medidas de prophylaxia internacional.

Coherente com esses principios, a França deu livre pratica ao navio brasileiro que levava gripados de Dakar, dos quaes dous officiaes nossos foram morrer em Paris.

Coherente com esses principios nenhum paiz jámais estabeleceu quarentenas para navios que tenham grippados á bordo.

E' a consagração basica do postulado anterior constante das conclusões que apresentei á Academia, isto é, de que só é possivel evitar a invasão da gripe epidémica, em uma cidade, pela *suppressão absoluta e por longo tempo de todas as relações sociaes, de todos os contactos*.

Não me abalanço a citar opinião dos autores, porque fôra necessario transcrever textos perfeitamente iguaes de todos: porquanto não ha uma só autoridade em hygiene que pense differentemente.

Si isto representa um atrazo da sciencia, não é momento de o discutir. E' um facto, proprio das contingencias humanas, a que nos temos de submeter.

Demais, a lição dos acontecimentos sobrevindos no mundo inteiro, relativamente á expansão planetaria da gripe, repetição, aliás de occurrencias iguaes de annos passados, e repetição multiseccular, confirmou todas aquellas affirmativas, dispensando maiores commentarios e citações. Pretender, portanto incriminar-me pela penetração da gripe epidémica é formular accusação profundamente pueril, grandemente absurda, soberanamente ridicula.

De resto, na presente hora, ninguem mais, que possua nome respeitavel e equilibrio mental, ousa subscrever semelhante accusação, primitivamente formulada com desusada precipitação.

A segunda accusação é a da morosidade das providencias para combater a epidemia, que nos infelicitava como a tantos outros paizes.

Quando, a 27 de Setembro, a imprensa publicou a minha opinião sobre a gripe epidémica, da exposição que fiz consta a affirmação de que essa doença encontraria entre nós razões de attenuação e que para conseguir esse *desideratum* se esforcaria a directoria a meu cargo.

As perturbações meteorologicas sobrevindas, que ninguem poderia prèver e as condições de profunda miseria organica e social de uma grande parte de nossa população, ultrapassando todos os calculos, contribuíram, porém, para que o effeito da lutada epidémica tomasse um incremento formidavel e devêras suprehendente. Diante deste facto não é logico nem sensato exigir que uma cidade qualquer, por mais adiantada, esteja aparelhada, em seus serviços de assistencia publica e particular, para acudir effizacmente á morbidade colossal do quasi metade de sua população, em poucas horas affectada de um mal cuja influencia profundamente deprimente do systema nervoso é a nota dominante e caracteristica.

A' essa depressão nervosa propria da doença juntou-se a sobrecarga do terror-panico, que se infiltrou subitamente por toda a cidade, graças a elementos que me dispensei de commentar, por serem de publico dominio.

Convém accentuar o facto de ter-se produzido phenomeno semelhante de desorganisação social e administrativa, embóra menos intensa, em muitas outras cidades e paizes invadidos subitamente pela mesma gripe epidémica, ferindo de modo notavel a imaginação publica, bruscamente tomada pela extensão rapida da epidemia. Entretanto, é preciso assignalar que em nenhum desses paizes ou cidades desapareceu a calma necessaria por parte do governo e da imprensa, nem se desequilibrou o sensato commedimento da apreciação dos factos, para culpar de todos os males o Director de Hygiene ou da Saúde Publica local.

Aqui, porém, jornaes, que mantinham permanente hostilidade á essa autoridade, reactivaram desabrida campanha pessoal, a que adheriram outros,

primitivamente indifferentes, entoando em côro o clamoroso e injusto *tolle, tolle cruxifige eum*, repetindo-se por fim, guardadas as distancias, a iniqua sentença do pretorio de Pilatos...

O homem, porém, a quem nada valeram dezenas de annos de dedicação ao serviço publico e de esforços por bem desempenhar funções em que se beneficiava a collectividade, não ficou aniquillado pela injustiça tremenda de que foi alvo e pede aos homens de boa vontade, desapaixonados, sinceros, que leiam e avaliem os argumentos e factos que passa a apresentar, provando: 1º) não lhe competir a totalidade das providencias necessarias para evitar os males decôrrentes da invasão epidemica da grippe; 2º) que nas providencias de sua esphera de acção publica elle procurou não ser moroso e desenvolveu a maxima solicitude.

Pergunto primeiramente e ainda uma vez si ha porventura noticia de uma cidade que se encontre aparelhada para amparar com presteza á desorganisação decorrente da enfermidade asthenica de metade de sua população, figurando nesse grupo numero apreciavel de seus funcionarios e empregados e numero não menos apreciavel de homens, até então, perfeitamente validos, de cuja actividade dependia toda a engrenagem da vida urbana e que faziam o commercio de generos alimenticios, dieteticos e medicinaes?

A resposta é simples e é negativa. Não ha no mundo inteiro cidade nessas condições. E si esse aparelhamento tivesse de existir é claro, é obvio, não dever nem poder estar exclusivamente dependente da acção e da iniciativa do Director Geral de Saúde Publica, cuja esphera de attribuições tem limites definidos e precisos.

E os factos que sobrevieram e as medidas extraordinarias tomadas pelo governo, interessando activamente, no combate á epidemia de grippe, varios dos seus departamentos e diversos de seus chefes de serviços demonstraram aquella asserção, de modo indiscutivel.

Não se faz mistér citar factos nem referir no-

mes. E' preciso ter a consciencia embotada e cegos absolutamente os olhos do espirito para me negar razão.

E', portanto, evidentissimo não caber ao Director de saúde federal, na orbita das suas funções normaes e regulamentares, nem a lembrança nem a execução da totalidade das medidas precisas, na conjunctura creada pela invasão da grippe epidemica. E si esse Director, querendo dar arrhas á uma previdencia quasi divina, invadindo attribuições do Prefeito, dos Ministros de Estado e do Presidente da Republica, solicitasse o preparo de todas as providencias, para as eventualidades decorrentes da enfermidade subita de 400.000 habitantes da cidade, sendo desses pelo menos 100.000, sem recursos de alimentação e medicação, depauperados, organicamente miseraveis; si esse Director da Saúde Publica declarasse ser preciso, antes da explosão epidemica, transformar escolas em hospitaes, requisitar generos alimenticios, monopolisar medicamentos, organizar ambulancias, mandar preparar caixões funebres em numero sufficiente, pôr nos cemiterios trez centenas de homens cavando sepulturas, enfim, prever tudo quanto os acontecimentos obrigaram a fazer apressadamente, que diria o governo, que diria o *quarto poder nacional*, tão prompto em criticar?!...

E' evidente que o menos que se articularia contra esse ultra previdente funcionario era ter elle ensandecido...

Ha, porém, medidas que ao Director de Saúde Publica incumbia lembrar e executar.

Verifiquemos o que fez elle neste particular. Primeiramente foi franco e leal. Não prometeu impossiveis. Disse a tempo e muito a tempo que seriamos visitados pela grippe epidemica em seu torneio planetario. Quando isso affirmou nenhum profissional se abalancou a contestal-o.

Ninguém veio a publico pedir ao governo a destituição desse Director da Saúde Publica, que se declarava impotente para vedar a entrada da grippe epidemica, nem o governo, scientificado fre-

quentes vezes desse modo de pensar, se surpreendeu com o facto ou denunciou falta de confiança naquelle funcionario technico, que nunca deixou de observar religiosamente o que estatue o seu regulamento em o artigo 330. que assim reza: «Nos casos omissos o Director Geral de Saúde Publica procederá de conformidade com as ordens que receber do Ministerio do Interior».

E assim procedeu o ex-Director de Saúde desde que a 25 de Setembro o Exmo. Ministro centralisou em suas mãos o serviço de defeza contra a invasão do que se chamava então a peste de Dakar, conforme nota official publicada pela imprensa toda.

Mas, não se limitou o ex-Director de Saúde a dizer francamente o que aconselhava a sciencia. Fez publicar e disse ao povo, desde o dia 26 de Setembro, que se precaviesse com os cuidados pessoais para evitar, quanto possivel, a infecção gripal, pormenorizando esses cuidados, na orbita do que é plausivel e aceitavel.

Varios medicos consultados pela imprensa não se expressaram differentemente sobre os meios de preservação da gripe.

Mas, para melhor exposição dos actos do ex-Director de Saúde Publica, convém fazer um pouco de historia pregressa.

Até ser publicado, como o foi no dia 26 de Setembro, o telegramma do Dr. Nabuco de Gouveia, chefe da missão medica, em viagem para a França, a Directoria de Saúde, ignorava qual a natureza da doença epidemica que surgira em nossa esquadra e na referida Missão, quando no porto de Dakar. Por isso, nos dias que á essa publicação antecederam, a Directoria de Saúde recomendou aos inspectores dos portos dos Estados e do Rio, a maxima vigilancia e execução do que então denominou *prophylaxia indeterminada*, porquanto, dizia-se ser, ora de cholera-morbus, ora de peste-pneumonica, a doença epidemica de Dakar.

Pelo mesmo motivo a Directoria de Saúde reiterou anteriores e instantes pedidos ao Ministerio do Interior, no sentido de ser aparelhado o La-

zareto da Ilha Grande, unico que possui o Brazil: reiterou tambem pedidos de verbas para concertar seu material fluctuante sanitario. Correndo o risco de ser responsabilizado (porquanto o Director de Saúde não pôde fazer despeza superior a um conto de réis, sem autorisação-escrita do Ministerio a que está subordinado), mandou o referido Director que se procedesse aos concertos que ha muito reclamava para o «Pasteur», para a «Carneiro de Mendonça», e para o «Republica», aguardando no que dizia respeito ao «Lazareto», a autorisação pedida. Tudo isto, consta dos officios ns. 1.281 e 1.658, de 9 de Agosto e 5 de Outubro.

Ainda na insciencia da natureza da doença que matou brasileiros em Dakar e sendo informado da existencia de 130 marinheiros francezes dali procedentes, havia oito dias alojados em um vapor perto da Ilha da Conceição, designou o ex-Director de Saúde os Drs. Emilio Gomes e Lindemberg para examinar os referidos marinheiros. Este exame meticoloso foi feito a 25 de Setembro, nada de anormal encontrando os citados profissionaes. E quando no dia 14 de Setembro aportou aqui o paquete inglez «Demerara», o ex-Director, para resolver uma consulta da Alfandega, foi á bordo, acompanhado dos Drs. Alberto da Cunha e Adriano Duque Estrada. Dessa inspecção resultou a convicção do acerto das medidas tomadas pelo seu auxiliar no porto, Dr. Figueiredo Ramos.

O «Demerara» trazia 35 dias de viagem de Liverpool, com escala por Lisboa, Recife e Bahia. Em 3ª classe vinham mais de 500 passageiros, dos quaes a metade para este porto. Durante a viagem occorreram 5 obitos, e destes só um por influenza. Seria crível que em um navio, nas condições do «Demerara» superlotado, com alimentação e hygiene certamente deficientes, viajando em condições de grande intranquillidade, houvesse doença epidemica, fazendo apenas 5 obitos em uma aglomeração de meio milheiro de pessoas, sendo que desses 5 obitos só um teve o diagnostico de influenza? Entretanto, a autoridade medica do por-

to, não consentiu, por maior precaução, trabalho de descarga senão depois de feito expurgos no porão e desinfecção de outras dependências do paquete; foram examinados todos os passageiros de terceira classe e removidos para o hospital de isolamento os doentes. Mandar o navio para o Lazareto não era possível: não era nem legal, nem científico.

Tendo sido notificado que uma passageira do «Demerara» fallecera de gripe no hospital da Gambia, o ex-Director de Saúde mandou desinfectar o predio e proceder a vigilancia do domicilio onde estivera a referida senhora, nenhum caso outro tendo surgido.

E tal é a simples historia do «Demerara».

O facto de ser uma cidade invadida pela gripe epidemica, será que para impedi-lo fosse sufficiente o poder humano, não importa, evidentemente, no cruzamento de braços, nem na attitude contemplativa dos governos. E' preciso agir, assistir aos enfermos, isolar quanto possível os contagiantes, procurar attenuar a força expansiva epidemica. Estes gestos não são todos da exclusiva alçada do Director de Saúde Publica. conforme é obvio, para quem conhece a esphera de acção dos nossos serviços publicos. Pois, entretanto, o primeiro que se lembrou de pedir providencias para o caso, no inicio da pandemia, foi o malsinado ex-Director. Sem recôrdar sua acção junto ás Companhias de vapores, junto aos Chefes de Saúde do Exército e da Marinha, que o honravam com as suas informações para uma acção combinada e uniforme; sem lembrar as inspecções feitas por determinações suas na Ilha do Vianna, a bordo dos navios, para isolar quanto possível os doentes, e a sua acção junto ás Companhias de navegação para proporcionar o necessario conforto ás guarnições atacadas; sem recordar a remoção que mandára fazer para os hospitaes da Saúde Publica dos grippados pneumonicos e das desinfecções nos

domicilios em que se davam obitos dessa forma grave da gripe, basta referir que o mesmo ex-Director de Saúde foi quem primeiro pediu ao Ministro, por officio de 11 de Outubro, authorisação para contractar pessoal medico extraordinario, afim de attender a situação de numerosos enfermos sem assistencia medica a domicilio. A esse pedido respondeu o Snr. Ministro, por Aviso de 14 de Outubro, dando a authorisação. Na mesma data começou o ex-Director o serviço de soccorro em Sapopemba e cercanias, primeiros logares que lh'o reclamaram. A 15 foi designado um Superintendente dos serviços de soccorros á epidemia, funcionario da confiança do ex-Director, recebendo logo esse Superintendente a quantia de trez contos, destinados ás primeiras despesas. A 16 pela manhã assumiu o Dr. Theophilo Torres, o Superintendente nomeado, suas funcções, continuando o trabalho de organização e discriminação de medidas encetadas, pelo ex-Director, inclusive o preparo de elementos para a distribuição de medicamento, ainda não divulgado entre nós para tratamento da gripe, pela essencia de canella.

No dia 17 de Outubro, ás 4 horas da tarde, propuz verbalmente ao Snr. Ministro fazer em 24 horas ao governo uma exposição da situação, dos meios já empregados para lutar contra a epidemia e dos meios extraordinarios a empregar para combatel-a efficazmente.

O Snr. Ministro achou dispensavel a justificação ou exposição que lhe propuz; animou-me a desprezar injustos ataques de jornaes; declarou-me que a melhor maneira de responder era trabalhar activamente no combate á epidemia que nos chegar, como chegára a tantos paizes do mundo. Tendo proposto ao Snr. Ministro mobilisar immediatamente todo o pessoal da Saúde Publica, na assistencia aos grippados, não mereceu assentimento de S. Ex. a proposta. O novo Superintendente de soccorros aos epidemicos encetava seu serviço a 16 de Outubro. A noite de 15, até além da meia-noite, levámos os Drs. Torres, Del Vecchio e eu, assen-

tando o programma de acção do dia seguinte. Pela manhã de 16 já tínhamos obtido promessa de serviços de alguns medicos extraordinarios e designado os respectivos postos. Estavamos na faina de organização sem atropellos ou inutil agitação, quando o Snr. Ministro veiu á repartição central, tudo examinou, de tudo indagou e recommendou a maxima urgencia na parte referente a medicamentos. Mostramos-lhe a nossa iniciativa relativa á distribuição de solução de essencia de canella, perguntando-nos então S. Ex. porque não se dava publicidade a todo esse serviço... Entretanto, na noite de 17, se dava conhecimento ao ex-Director de que o Snr. Presidente da Republica o julgára moroso nas medidas para amainar o flagello. Os factos portiores demonstraram a injustiça deste conceito. Mais de uma semana levou meia duzia de eminentes chefes de serviços publicos a organizar a assistencia aos epidemicos, que se exigia entretanto preparada, efficientemente, em 48 horas, pelo ex-Director de Saúde Publica, sem recursos monetarios, sem attribuições extra-regulamentares que a situação anormal reclamava, obrigando, portanto, a submeter todos os seus actos á prévia sancção ministerial!...

Lembro-me sempre, e a tal proposito o recôrdo, do conselho de Pythagoras: «Supporta, amigo, as injustiças e consola-te: o verdadeiro infeliz é quem as pratica».

Quanto ás injurias, doestos e baldões, de que fui e sou alvo por parte de certa imprensa, que pôsso eu dizer, sinão que me encontro na excellente companhia de numerosos homens publicos, respeitaveis, dignos, cheios de serviço á nação de muito mais valia que os meus, e victimas de igual pelourinho?...

Christão e catholico, aprendi a perdoar as injurias, sobretudo quando os que as proferem e escrevem não têm consciencia do mal que praticam.

Opportunamente direi em que consistiu a minha gestão de seis annos e nove mezes na Saúde Publica, não por vangloria, mas pelo dever que me

incumbe de não me deixar espesinhar de módo tão injusto.

Não existe na nossa historia homem que tenha sido tão vilipendiado e atacado como o foi Oswaldo Cruz. Fizeram-lhe alfin justiça.

Uma das accusações formuladas pelos intemperantes da penna é a de que destrui a obra daquelle eminente hygienista nacional. Contraponho a tal dislate a opinião do proprio Oswaldo Cruz, expontaneamente manifestada, quando, a 12 de Janeiro de 1912, fui convidado para o cargo de Director Geral de Saúde Publica, opinião que elle continuou a manter, enquanto viveu, conforme documentos que possuo. Eil-a, exposta na seguinte carta:

«Instituto de Manguinhos, 13 de Janeiro de 1912.

Meu caro Seidl.

Com grande contentamento tive noticia hoje de tua nomeação para o cargo de Director Geral.

Felicitto sinceramente a Repartição de Saúde Publica pelo excellentte Chefe que vae ter e, com um estreito abraço, faço votos para que o Bom Deus te conserve toda a coragem e abnegação para enfrentar as difficuldades que surgirem durante tua administração, que, estou certo, será em extremo proficua e grandemente fecunda.

São estes os votos do teu admirador muito grato

Oswaldo.»

Com esta honrosa credencial entrei a exercer o cargo de Director Geral. Si a minha administração correspondeu ás generosas e benevolas esperanças de Oswaldo Cruz, só poderão dizel-o os que

a acompanharam de perto e os que têm competência para afferir-a.

De alguns desses companheiros e de homens de reputado valor moral e intellectual possuo declarações, agora recebidas, que muito me penhoram e que guardo no escriptorio dos meus documentos preciosos. Sirva esta nota de agradecimento ao conforto que se dignaram generosamente offerecer-me.

Aos homens de boa fé, que ignoravam não ser eu um producto do favoritismo ou do «arrivismo» politico, mas sim um funcionario tecnico, estudioso, como os que mais o sejam, de questões de hygiene, com perto de trez dezenas de annos de serviço publico no departamento sanitario federal, achando-me portanto, perfeitamente nas condições de exercer o cargo que occupei durante quasi um septennio, offereço a presente defeza, em a qual tive em mira provar: 1º) não ter sido possível evitar a pandemia de grippe, para a qual não ha prophylaxia internacional efficiente; 2º) uma vez entrada a grippe epidemica, não competir ao Director de Saúde Publica a totalidade das providencias destinadas a minorar os consequentes estragos e maleficios; 3º) ter sido o ex-Director de Saúde Publica solícito na execução das medidas que lhe competiam.

Rio, 5 de Novembro de 1918.

DR. CARLOS SEIDL.

Propositalmente trasladei para estas paginas a mór parte dos trechos da defeza do Dr. Carlos Seidl por conter ella um punhado de verdades que precisam ter nest'hora divulgação e serem apreciadas com meditação.

Não foi, por exemplo, sómente Jules Renaul que julgou absolutamente impossível evitar a disseminação epidemica da grippe n'uma cidade ou n'um paiz.

Entre outros o notavel Vincent dizia, ainda

não ha muito tempo, com bons fóros de razão, que a grippe «offerece a particularidade de ser a **mais** epidemica de todas as molestias infectuosas. Huxam diria: «*Morbus maximum epidemicus*».

Entretanto no proprio archivo de trabalhos nacionaes encontra-se a demonstração evidente de que um bem organizado serviço de Assistencia Publica ainda é um estorvo á maior disseminação do mal, ao mesmo tempo que se consagrando á população relativo conforto em transe tão cruel como é o de uma epidemia violenta, brusca e apavorante quanto a de grippe.

O Estado de S. Paulo é um exemplo.

«Ahi tendo conhecimento do que se passava no Rio de Janeiro, onde a pandemia de grippe irrompeu de maneira tal a espalhar o panico pela população, desorganizando todos os serviços, o Governo do Estado resolveu tomar immediatamente todas as medidas e providencias para o combate do mal que, como era de esperar, não tardaria a fazer a sua incursão no Estado de S. Paulo, uma vez que a prophylaxia terrestre era irrealisavel contra elle» (*A grippe epidemica no Brazil* — S. Paulo — 1920).

O Governo do adiantado Estado, que já tinha um excellentes aparelhamento dos seus serviços de Hygiene e Assistencia Publicas, preparou-se para enfrentar o impiedoso mórbio, creando o maior numero possível de hospitaes, além dos que já possuía, póstos de soccórros, a assistencia domiciliaria, organizando a distribuição de medicamentos, etc., etc. e por toda a parte, tudo com uma disciplina digna dos maiores elogios, conseguindo outrossim associar, de uma maneira admiravel, o herculeo trabalho da iniciativa privada que os mais abnegados serviços prestou.

E emquanto no Rio de Janeiro, durante o ultimo trimestre de 1918, haviam succumbido, á grippe, 14.504 individuos, em S. Paulo o numero de obitos attingiu, no mesmo periodo, a 6.861, sendo o coefficiente annual sobre mil habitantes de 51.94 para S. Paulo e de 63.46 para o Rio de Janeiro,

apezar da circumstancia de ser o clima de nossa Capital melhor que o de S. Paulo.

Outro exemplo instructivo é o da cidade de Juiz de Fôra. Com 35 mil habitantes, havia estabelecido, antes que a gripe chegasse, 12 póstos de soccôros.

Nesta proporção o Rio de Janeiro, dado mesmo que se computasse sua população em um milhão de habitantes deveria, quando irrompeu a epidemia, possuir perto de 350 póstos e no entanto sequer um só, official, possuia.

Em Juiz de Fôra, como em S. Paulo, povo, confrarias religiosas, lojas maçonicas, associações de beneficencia tanto nacionaes como estrangeiras reuniram-se todos em tôrno das autoridades n'um admiravel concerto de infinita bondade e de prestimosos serviços e graças a isto e ás demais providencias tomadas sob a direcção suprema do Presidente da Camara, um medico rico, intelligente e culto, a mortalidade da prospera cidade do Sul de Minas foi insignificante.

Em nossa Capital foi tremenda a catastrophe, acredito porque, além do completo desapparelhamento de nosso serviço de hygiene e assistencia publicas, a nossa população estava nas mais favoraveis condições de receptividade, para isso concorrendo varias causas entre as quaes sobreleva notar: as preocupações com a guerra européa, o esfalte, a miseria, a ignorancia dos mais comesinhos principios de hygiene, a ausencia de educação popular, o relaxamento de costumes, a inclemencia do estado athmospherico, etc., etc.

Tal a rapidez de raio do seu apparecimento, a balburdia e o pavor dominando a situação, que impossivel foi determinar precisamente como teve jñcio o «Pandemonio de 1918». Ha' vagas informações sobre o seu funesto apparecimento com a physionomia que teve de uma peste devastadora.

Para uns os primeiros casos do Rio de Janeiro foram os de passageiros desembarcados do paquete «Demerara» e de algum outro vapor entrado do fim do mez de Setembro.

Para outros os primeiros doentes surgiram no Collegio Militar, do qual passou para outros estabelecimentos de educação. A principio eram casos benignos reclamando apenas certos cuidados hygienicos, não tardando porém a epidemia a adquirir a maior gravidade, obrigando os Directores dos referidos estabelecimentos a tomar medidas sobremodo energicas.

Ao mesmo tempo que isso se passava, como que impulsionado por um tufão, o mal invadia, de um jacto, os navios do nosso porto, os quartéis, as fortalezas, os demais estabelecimentos e corporações da Marinha e da Guerra e, sem tardança, toda a Capital dos Estados Unidos do Brazil sentia os terribes effectos do «Pandemonio».

Em 7 de Outubro a irrupção da *hæspaphola* era, infelizmente, um facto constatado entre nós, notificando-se tambem concumittantemente muitos casos em Nictheroy.

Censurou-se então bastante a ausencia das medidas preventivas por parte dos Poderes Publicos, o nenhum expurgo dos navios aqui aportados infectados e a falta de conveniente divulgação de conselhos sobre a prophylaxia do mal e que deveriam ser profusamente espalhados, maxime no seio das classes menos favorecidas da fortuna.

Com relação aos nossos serviços clinicos, como já disse, desde meiado de Setembro, se observava o incremento do numero de doentes, sobretudo de creanças que eram levadas aos estabelecimentos de caridade, dia a dia augmentando copiosamente a frequencia dos casos de gripe. Com o seu caracter grandemente disseminador, como querendo tragar a população inteira, a nefasta doença calcava o quadro nosologico, fazendo surdamente seus estragos, emprestando á população de nossa Capital uma impressão de temor, collocando os clinicos na previsão de que algo de anormal e grave entre nós se iria passar.

Surgiam os casos aqui e acolá, os facultativos começavam a ter augmentados ainda mais o seu contingente de doentes, o obituario crescia e, com

incrível rapidez, pouco tempo depois o mal se generalisava brutalmente.

De facto de 12 a 16 de Outubro já o devastador mórbo havia revelado, a par da sua intensidade, da sua gravidade extrema, o que se poderia esperar da sua progressão no seio de uma população, como a nossa, infelizmente não abroquelada pela protecção de um bem organizado aparelho sanitario.

Nos nossos serviços nosocomiaes jamais se houvera assignalado maior plethóra, multiplicando-se, de hora para hora, o numero de acomettidos da *hespanhola* e já tendo esta, como que procurando estygmatizar a humanidade, atacado os medicos em numero avantajado, tornando este facto de mais em mais difficil o seu necessario combate.

* * *

Dessa dolorosa emergencia não escapou o Instituto de Protecção e Assistencia á Infancia do Rio de Janeiro que, no lapso de tempo alludido, viu seus serviços clinicos repletos e quasi todos os profissionais medicos, estudantes, parteiras, enfermeiras e enfermeiros cahindo um a um, affectados, e alguns bem graves, do temido mórbo. Cresciam de muito então as difficuldades com que a Administração do Estabelecimento procurava, como sempre, acudir com zelo e proficiencia ás que della se soccórriam, quando, em 16 de Outubro, me vi deante de uma alarmante situação, de côres tão negras que quasi me sinto incapaz de poder descrevel-as, tão tremendo foi esse momento!

Estava eu despachando papeis no meu Gabinete. Seriam 11 horas da manhã e pouco antes haviam sahido do estabelecimento quasi todos já adoentados, os Drs. Bento Ribeiro de Castro, Francisco Gomes Pinto, Maurity Santos, Orlando Góes e Sylvio e Silva que pela manhã haviam attendido ao serviço diário que lhes competia. Achava-me então só, sem collega nem estudante algum que me pudesse auxiliar. Dos empregados sómente dois

estavam a póstos, pois para mais assombrar a dolorósa situação, dos vinte funcionarios do Instituto, até mesmo os serventes adoeceram, privando-me de auxilios imprescindiveis em occasião de tanta angustia.

Grande voserio, gritos e gemidos de repente ouvi que partiam do saguão da entrada e contiguo á minha sala. Córro a ver o que era. Uma onda humana invadia o predio da nossa séde: eram homens, mulheres e creanças, em sua maioria andrajóssos, comprimindo-se para entrar e agasalhar-se em todas as salas do nosso estabelecimento.

Havia gente de todas as classes sociaes, individuos brancos e de côr, velhos, moços e creanças, carregados uns pelos outros, alguns que entravam a cabalar, esqualidos, ardendo em febre, outros a vomitar e finalmente alguns encontrados já a expirar na via publica...

Eu, que era o unico medico presente, porque os demais profissionaes scientificos se achavam impossibilitados de comparecer, como disse, a maioria já acomettidos da *hespanhola*, senti-me aturdido e no primeiro momento, confesso, ante quadros tão tragicos, sem saber como resolver a cruciante situação, tive impetos de fugir, de ir para bem longe, onde se me apagassem do espirito aquellas scenas macabras e dos meus ouvidos os lascinantes gemidos que me dilaceravam a alma.

O cumprimento do dever, o amor á humanidade, condoído da sôrte de tanta gente, alguns que de joelhos e mãos póstas me imploravam soccôrro immediato, fizeram-me reflectir sobre a gravidade do momento.

Era preciso toda a presença de espirito e imperioso se tórna, com rapidez, dispôr um plano a seguir em face de tão dura eventualidade.

Chamei ao meu Gabinete o Massagista do Instituto, Demetrio Giovaninetti, que apparecia na occasião, e, como excellente pratico de pharmacia, incumbi-o de montar immediatamente na yasta sala da Secretaria uma pharmacia e laboratorio, missão da qual se desempenhou galhardamente o meu au-

xiliar. Um dos empregados, Oscar Ribeiro de Medeiros, 1º Escriptuario, dada a urgencia das providencias, foi encarregado de arrombar os armarios do estabelecimento, delles retirando todas as drogas, caixas de empollas, seringas de Luer e material necessario para uma acção prompta, decisiva, e sem tergiversões. O outro funcionario, Washington Rodrigues, era enviado á rua em busca de remedios e procurando recrutar na via publica alguns individuos de ambos os sexos, dos que ainda não estivessem sob o jugo do mal epidemico, para que servissem, no Instituto, como enfermeiros improvisados.

Alguns minutos depois iniciiei a divisão do trabalho, com tal ou qual methodo que sempre procuro pôr em pratica em todos os actos de minha vida.

Com o escasso pessoal de que, como foi dito, dispunha, utilisando-me já de algumas pessoas do povo, colhidas mesmo entre as que conduziam os doentes mais graves, transformei as installações communs do Instituto, em um «Pôsto de Soccorros», enchendo as maiores salas com todas as mezas e leitos que possuíamos.

Apezar da deficiencia quasi absoluta de recursos, a boa vontade, a relativa calma no modo de agir, a enorme actividade desenvolvida e o desejo ardente de servir á toda aquella gente que ardia em febre, delirando uns, a cahirem outros acomettidos pelo collapso, a succumbirem ainda outros sob o jugo de modalidades as mais graves e bizarras da terrivel doença, suppriram muitas de nossas insufficiencias e, passados os primeiros momentos de intensa turbacão do animo que aquelle dantesco espectáculo em mim gerou, conseguia eu organizar todos os serviços, embóra sobrecarregado com trabalho superior ás minhas forças ante a multidão que se premia em todos os recantos da nossa instituicao.

Foi esse, completamente aparelhado, o primeiro «Pôsto de Soccorros», por occasião da gripe, installado no Brazil.

III — DESAPPARELHAMENTO DA NOSSA ASSISTENCIA PUBLICA. Póstos de Soccorros organizados pelo Governo, pela Prefeitura e por particulares.

Os casos occôrridos em Nitheroy adquiriam maior gravidade e affirmava-se que o mal alli irrompera depois do desembarque de um doente provindo do «Demerara».

Havia quem dissesse que nos ultimos dias de Setembro passageiros de um vapor chegado de Dakar contaminado, tinham sido mandados para a Ilha do Vianna, onde não tardou a irromper o mal da *hespanhola*, verificando-se em 1º de Outubro uma verdadeira epidemia na população da Ilha.

No Exercito e na Armada, onde já appareciam os primeiros casos, eram tomadas varias providencias e por essa época os Poderes Publicos procuravam acalmar o povo, repetindo a cada passo que não havia motivo para alarme.

A guarnição desta Capital começava a ser fortemente atacada e em 7 de Outubro noticiavam os jornaes mais de duzentos casos de gripe na Marinha, só no encouraçado Minas-Geraes se verificando para mais de 100, iniciando-se já a esse tempo o seu funesto ingresso no Batalhão Naval. As acomodações do Hospital da Marinha tornavam-se insufficientes para conter tantos doentes.

A bordo do «Aymoré» surgiram varios casos e nas guarnições dos vapores do Lloyd Brasileiro a *hespanhola* já grassava impiedosamente.

A bordo do «New-Castle» o numero dos doentes subia á uma centena. Na Brigada Policial, na Caza da Moeda, nos quartéis do Exercito, nu-

merosissimos eram os casos epidemicos e as ambulancias da Assistencia Municipal e da Policia difficilmente davam vazo ao transporte dos doentes colhidos na via publica.

Nas habitacoes collectivas, em estado grave cahiam quasi fulminados pelo terrivel morbo innumeros de seus moradores.

A populacao estava mui justamente alarmadissima e todos os servicos publicos ja se mostravam em 10 de Outubro sensivelmente desfalcados do seu pessoal, por doenca affastado de seus misteres, sendo em numero assaz elevado as guias extrahidas pelas Delegacias de Policia para o internamento de grippentes no Hospital da Misericordia. Os miseraveis e mendigos, como sempre succede, eram os que primeiro cahiam victimas do devastador morbo e nos quaes a doenca de maior gravidade era desde logo emprestada.

Comecava a paralytizacao da vida habitual da cidade: as casas de diversao fechavam-se, antes pelo acomettimento do seu pessoal impossibilitando-o de realizar os espectaculos e sessoes, do que mesmo por medida de prophylaxia.

As escolas municipaes e collegios particulares cerravam tambem suas portas.

Os estabelecimentos do commercio, sobretudo hoteis, *bars* e botequins, onde a frequencia era entao quasi nulla, iam pouco a pouco deixando de funcionar porque simultaneamente todos os em-funcionnar porque simultaneamente a totalidade dos empregados eram surprehendidos pela apavorante *hespanhola*.

Nas casas de familia todos eram atacados de maneira espantosa, raro sendo aquelle que escapava, mostrando-se relativamente limitad o numero dos medicos para attender aos milhares de chamados dos doentes existentes em todos os recantos da Capital.

As pharmacias, onde pelos mesmos motivos o pessoal era escasso, dia e noite trabalhavam, n'um atan esfalfante, para aviar as receitas que ás centenas chegavam, começando sem tardança a faltar

as drogas, sobretudo a quinina, sempre muito preconisada na grippe.

Por essa occasiao, entre 10 e 12 de Outubro, os casos de morte, que no inicio da pandemia eram raros, começaram a ser assignalados em maior escala, até que em 14 de Outubro era verdadeiramente desesperadôra a situacao de nossa populacao, no scio da qual só se fazia commentar as dolorosas noticias da mpreinsa, tambem sómente se occupando do assumpto.

Diante de tao alarmante emergencia, dispondo a nossa Capital de hospitaes insufficientes, sem ambulatorios preparados, a mingua da menor organizacao para a defeza da saude de nossa populacao, o Governo, atarantado ante a gravidade que se lhe deparava, só entao procurou estabelecer as primeiras medidas praticas e tendo em 18 de Outubro pedido demissao do cargo de Director de Saude Publica o Dr. Carlos Seidl foi para elle nomeado interinamente o Dr. Theophilo Torres e incumbidos os Drs. Carlos Chagas e Fernando de Magalhães de organizar os postos de soccorro em toda a cidade, procedendo conjuntamente á assistencia domiciliaria.

No dia 19 de Outubro o Snr. Presidente da Republica, em pessoa, visitava a Santa Caza e era nos seguintes termos que «A Noite» noticiava o facto:

«O Snr. Presidente da Republica, desejando ver pessoalmente o aspecto da Santa Casa da Misericordia, nestes dias calamitosos, e «de visu» precisar a maneira por que ella vem acudindo á pobreza e se desempenhando da sua obrigacao, visitou hoje aquelle estabelecimento.

Por não se ter feito preceder de um aviso de alguns dias de antecedenencia, como de costume, S. Ex. deve ter tido a peor impressao do que viu!

Os leitos mal cheirosos e as roupas de cama encardidas de sujo deviam ter dado certamente á S. Ex. uma impressao muito differente da que recebeu em anteriores visitas.

Recebido pelos Snrs. Senador Miguel de Car-

valho e Dr. Miguel Calmon, o Snr. Presidente da Republica, se fez acompanhar do seu filho Dr. José Braz e do chefe de sua casa militar, capitão de fragata Thiers Fleming, visitou todas as enfermarias, pharmacia, secção funeraria e necroterios.

Nas enfermarias dos grippados causa horror ao coração mais empedernido o accumulo dos doentes alli em tratamento.

Dessas enfermarias, a das mulheres é a que está em peiores condições.

Nos vãos dos leitos, atirados ao chão, vêem-se colchões onde tres pessoas se deitam, todas atacadas do mesmo mal, todas respirando o mesmo ar.

Em nenhuma das enfermarias foi visto medico nem interno.

A Santa Casa está repleta de doentes e... de cadáveres.

Nos diversos necroterios havia algumas dezenas de cadáveres insepultos. Ahi trabalha-se dia e noite para sepultar os que pagam, mas os indigentes esperam que chegue a sua vez.

Na Empreza Funeraria os empregados não têm mãos a medir. Extraem guias para os caixões. Esses são lá fóra fabricados com uma azafama extraordinaria por 16 empregados — apenas? — de que a Funeraria dispõe para esse mistér.

Apezar disso o Snr. Trajano de Medeiros e a Central do Brazil, esta por ordem do governo, devem enviar serrados para alli hoje 640 caixões, sendo 600 daquelle e 40 desta.

A nossa impressão da visita á Santa Casa foi simplesmente desoladora. A do Snr. Presidente da Republica não deve ter sido melhor...

A impressão do Snr. Presidente da Republica

Comunicação official que tivemos do Palacio do Cattete assevera que a impressão obtida pelo Snr. Presidente da Republica, na sua visita á Santa Casa, «foi a peor possível».

No dia seguinte o Chefe de Estado, que se entretinha com certa assiduidade em combinações com os seus Ministros, mandava visitar, pelos seus officiaes de Gabinete, todos os postos de Assis-

tencia Publica, creados, afim de verificar não só o seu funcionamento como as condições de attender ás necessidades publicas, fornecendo medicamentos a quem precisasse.

Em 20 de Outubro, quando já havia quatro dias que funcionava, acudindo a um numero vultoso de doentes tanto adultos como creanças orçando em cerca de 2.300 o «Pósto de Soccorro» da *Assistencia á Infancia*, era installado com 100 leitos o «Hospital Deodoro», na Escola Modelo do mesmo nome, á Rua da Gloria.

Segundo se lê em uma *nota official* publicada pel'«A Noite», esse Hospital que tivera 14 enfermarias, chegou a recolher 1.140 doentes, entre homens, mulheres e creanças, dos quaes falleceram 244, quer dizer menos de 22 %. No ambulatorio tiveram tratamento 3.707 doentes, havendo recebido visitas domiciliarias cerca de 4.000 pessoas.

Outros póstos de soccorro não tardaram a ser installados não só no centro da cidade como nos suburbios e o Dr. Theophilo Torres, Director de Saúde Publica, procurava, nas suas entrevistas com os jornaes, inocular a calma á população, pedindo-lhe tivesse confiança nas medidas do Governo e que se submettesse aos conselhos prophylacticos cuja divulgação *largamant* fazia pela imprensa diaria.

Pelo que esta-noticiára, o Governo da Republica entregára, por parcelas, ao illustre Dr. Carlos Chagas quantia superior a mil e quinhentos contos de réis para com ella serem custeados os serviços assoberbantes que a infelicidade época obrigava, e realisada uma farta distribuição de meios, tanto de ordem medica como material, aos habitantes desta Capital.

O Dr. Theophilo Torres, quando apenas Superintendente do Serviço especial de combate á gripe, como diz no seu Relatorio, tivéra por primeiro cuidado «enviar para os diversos estabelecimentos fabris, o pessoal necessario para a assistencia a eses operarios em numero approximado de 220.000».

Pelos jornaes, o mesmo distincto collega de accôrdo com as ordens do Governo, convidava medicos, pharmaceuticos, estudantes de medicina e enfermeiros a irem trabalhar por conta da Directoria de Saúde Publica e contractava todos os que se apresentavam. Assim foram engajados 53 medicos extranhos á Repartição, 55 pharmaceuticos ou praticos de pharmacia e 117 academicos, não fallando em varias outras pessoas, tujos nomes não figuraram nessa relação por haverem adoecido desde o início.

Assumindo a Directoria de Saúde Publica, logo depois desses actos e providencias, procurou o Dr. Theophilo Torres mobilisar todo o pessoal encarregado dos serviços normaes da Repartição, especialmente para o combate á epidemia.

Tudo isso perfeitamente ideado, porém, era muito tardiamente levado a effeito por culpa daquelles que tinham a responsabilidade do nosso desapparelhamento em materia de Assistencia Publica.

Para se ter uma idéa da justeza do conceito que imiltimos basta que se leia o que em 21 de Outubro, quer dizer quasi no final do auge dos horrores e das desventuras porque passou o nosso povo nos tremendos dias da grande pandemia, o artigo, que se segue inserto n'«A Noticia» publicada á tarde daquelle dia:

«Infelizmente ainda não nos é possível registar a grata nota de que entrou em declínio a epidemia que se apôsso da cidade nesta quinzena tragica. Si é exacto que o numero de mortos decresceu, não é menos exacto que os grippados augmentam, sendo rarissimos os lares cariocas onde á est' hora não existe, pelo menos um doente.

O aspecto da cidade todavia vae melhorando. Já se nota um accentuado movimento crescente, tendo-se mesmo attenuado aquelle ambiente de afflicção e angustia dos primeiros dias em que o lucto, a desolação e o cunho doloroso de soffrimento moral se estampava em todas as physionomias.

Para essa situação menos triste e menos af-

flictiva quer-nos parecer que está concôrrendo de modo decisivo a segurança que a população vae tendo de que o Governo está dando tenaz combate á epidemia. De facto as medidas que está lançando mão, os meios que emprega para conjurar ou pelo menos attenuar os terriveis effeitos do mal incutem no espirito de toda a gente um pouco de coragem e conforto, esse estado moral de quem tem a certeza de um amparo na hora acêrba do soffrimento. O pavor das primeiras horas, a angustia terrível do desespero que caracterisavam os primeiros e sombrios dias da molestia, cede lugar a um pouco mais de serenidade e confiança, circumstancia essa que registamos com grande prazer, pois o governo tem necessidade della como seguro elemento de combate á epidemia.

E' sómente auxiliado por um ambiente moral dessa natureza, pela certeza de que a população corresponde pela coragem, pela abnegação, mesmo diante dos maiores soffrimentos, que os seus benemeritos esforços poderão fructificar com efficacia. Cada um de nós pois, no interesse, primeiro de si e depois da collectividade de que fazemos parte, deve procurar ser o mais estoico possível e, em vez de carregar as tintas já tão tristes do quadro, deverá pelo contrario attenuar-as, convertendo-se num corajoso, capaz de incutir a energia e a força de resistencia no espirito e no temperamento dos mais tímidos e assustadicos.

Com uma attitude assim havemos de transpôr esta hora extrema de provações, bem pequena, em verdade, diante dos enôrmes soffrimentos que vêm assolando a humanidade nestes dias tão tragicos para a existencia de todos os povos da terra.

Dissemos mais acima que o Governo está adoptando uma serie de medidas capazes de produzir os melhores resultados imaginaveis. E' esta aliás neste momento a convicção de toda a gente. Não se pôde negar, a não ser por uma injustiça e pessimismo incompativel com o momento, que realmente o governo está animado de um sentimento

profundamente reconfortante de interesse pelo povo na obra em que se está empenhando com energias inimitáveis.

O proprio Snr. Presidente da Republica, dando um bello e raro exemplo de dedicação, tem-se interessado pela distribuição de auxílios, attendendo pessoalmente as vózes de soccorro e de afflicção que chegam até elle. Muitas das medidas que estão sendo praticadas têm sido suggeridas pelo eminente cidadão.

Embóra porém não tenhamos louvores bastante significativos para applaudir o caminho trilhado pelo governo, quer-nos parecer todavia que essas medidas não estão sendo executadas com o necessario espirito coordenativo de ordem e de disciplina.

Ou pela circumstancia de estar profundamente viciado todo o nosso organismo administrativo, que com ellas se relaciona, ou pela precipitação tão natural á nossa índole, a verdade é que se sente, na maioria dos serviços de occasião ou mesmo nos reorganizados uma relativa falta de ordem que já finhamos sobrado tempo de dominar.

No serviço de enterramento de mortos é onde a nosso ver attingiu a maiores proporções essa falta de ordem. Não se pôde negar que a policia tem agido de modo a não se lhe regatear os maiores applausos, mas tambem não se pôde negar que somente a falta de calma e de organização é que tem permitido o tragico espectaculo de estarmos a deparar, a cada passo, com cadáveres abandonados em plena rua. Ninguém absolutamente nos convencerá de que ha falta de transporte para esses cadáveres.

Outra circumstancia que revela falta de serenidade e de direcção nesse serviço é a obstinação com que se permite que os mortos se vão agglomerando nos necroterios e cemiterios á espera que lhes construam caixões.

Emquanto estes não apparecem — o que é difficil em razão de conhecidas circumstancias — ficam os cadáveres expostos sempre durante 48 horas, e,

o que é mais grave, quasi todos estão em estado de putrefacção.

E' facil imaginar o perigo immediato a que está sujeita a cidade numa situação como esta, situação que não é difficil remover, que deve mesmo ser removida, sobretudo se estivermos sujeitos, durante mais alguns dias, ás enormes provações que vimos soffrendo rudemente nesta ultima quinzena de tantas lagrimas e lucto.

Si não é possivel dar vencimento ao trabalho de enterrar os mortos que se accumulam nos cemiterios, quer-nos parecer mais intelligente e muito mais humano que os incineremos, afim de evitar bem maiores e mais calamitosos males. Não é aliás somente nossa esta idéa. Ainda hoje pessoalmente e pelo telephone diversas pessoas solicitaram a nossa intervenção afim de que fósse ella suggerida aos poderes publicos.

E todas essas pessoas, justificando-a, allegavam um alto sentimento de humanidade, o de que devemos sacrificar quaesquer preconceitos afim de que salvemos os vivos, emquanto é tempo ainda.

Segundo relatou o Director de Saúde Publica, em cada Delegacia de Saúde e em cada posto de prophylaxia rural era estabelecida uma estação de Assistencia «um verdadeiro dispensario em que se attendesse a todos os doentes que procurassem remedios e de onde partiam medicos, levando á domicilio os recursos therapeuticos necessarios. Além dessas estações, foram organizados postos de soccorros em todos os pontos em que constava a existencia de doentes sem assistencia medica».

A imprensa ainda em 21 de Outubro informava que já se achavam installados 34 postos, mas lamentavelmente pela balburdia do momento, pelo estado de alma em que se viram os encarregados dos serviços de soccorros immediatos, tudo era feito atrabalhoadamente e quem o confessa é o proprio illustre Director de Saúde Publica no seguinte topico do seu Relatorio:

«A premencia do momento não permittiu um serviço regular de estatistica, nem mesmo a do

numero de póstos organisados. Esta organização era summaria. A' noticia de que em um ponto, qualquer se necessitava de recursos, ás vezes mesmo ao simples pedido de qualquer pessoa idonea, da Repartição Central partia uma ambulancia que, em automovel, levava um medico com os remedios de urgencia indispensaveis. Assim, pôde-se garantir que mais de cem póstos foram desse modo improvisados. A proporção que os doentes eram acudidos n'um ponto em que rareavam os consulentes, o pósto mudava-se para outro local que delle mais necessitasse.

Parallelamente com esse serviço estabelecido nos logares mais necessitados, organisava-se rapidamente um serviço de assistencia a domicilios.

Infelizmente todas essas sabias providencias só puderam ser póstas em execução, quando o mal, depois de ter devastado toda a cidade, acomettendo quasi dous terços de sua população, iniciava o seu declínio que, de 23 de Novembro em diante, era patente.

O periodo horroroso foi o de 16 a 22 e á tarde deste ultimo dia um dos nossos mais conceituados vespertinos ainda desta maneira se manifestava:

«O aspecto da cidade vinha sendo até então o mais impressionante, com as principaes arterias desertas de povo e com o movimento de bondes diminuido. Os bondes trafegavam, por assim dizer, vassios, e mais vassios ainda quando desciam para a cidade, da qual todo o mundo fugia.

Na *urbs*, como varrida pela morte, quasi não se via viva alma e os poucos transeuntes passavam por esses dominios da epidemia como fugitivos que quizessem evitar um contagio que parecia existir por toda a parte.

O mal de tudo isso era a impressão e o pavor que creou essa atmospheria inteiramente irremediavel para todos. Os cafés, a totalidade dos estabelecimentos fechados, ainda mais contribuiam para tornar pesado e funebre o ar de toda a cidade.

Hoje, felizmente, já se notou uma certa modificação na physionomia da parte central da cidade,

cujos aspectos amanheceu um pouco mais animador. Graças á circular do Snr. prefeito, alguns estabelecimentos já abriram suas pórtas, o que contribuiu de certo modo e principalmente para a modificação que se começa a notar. Muitos cafés começam a ter alguma frequencia e essa frequencia forçosamente irá augmentando com o regresso á vida das ruas daquelles que já pagaram o seu tributo á terrivel epidemia.

O proprio movimento das ruas já é um pouco maior e os bondes embóra poucos ainda, começam a descer cheios de passageiros, que se espalham por certos pontos da parte central, cuidando de seus affazeres diarios, aos quaes regressam».

A crise da pharmacia foi desoladora! Esgotaram-se os medicamentos mais em voga e então a Directoria de Saúde, impossibilitada de attender ao aviamento de receitas especiaes creou «algumas formulas geraes que se prestassem aos casos mais communs e banaes da doença». Os saes de quinina distribuiram-se aos kilos e a essencia de canella, em boa hora lembrada pelo Dr. Carlos Seidl (indicação de um medico inglez), era dada a todos que a solicitavam.

Ou porque fôsse esta, na precipitação daquelles angustiosos momentos, mal preparada ou indevidamente dosada, o que é certo é que os doentes não tardaram a repelli-la, queixando-se da causticidade que lhes produzia, o que levou a ser abandonada.

Entretanto o agente therapeutico era heroico contra a grippe, provando-o sobejamente os resultados que obtivemos no tratamento de mais de 10 mil doentes no Pósto da «Assistencia á Infancia» que fundei e dirigi e onde, sob as minhas vistas, era preparado o esplendido medicamento que verdadeiros prodigios operou, ora isoladamente nas fórmias mais benignas, ora associada aos saes de quinina nas fórmias mais graves.

A Pharmacia Werneck foi pelo Governo arrendada durante o periodo do «Pândemonio de 1918» para attender aos pedidos de medicamentos e ahi se fazia a distribuição de purgativos, poções,

— excitantes diffusivos, antithermicos, expectorantes e tónicos cardiacos.

Era notória na cidade a escassez de alimentos e já em 19 de Outubro a todos se afigurava uma utopia pensar em obter leite, ovos, galinhas, pão, legumes, tudo enfim quanto pudesse servir á dieta dos doentes.

O serviço de enterramentos constituiu-se a cousa mais apavorante da época e até hoje sem rival na historia de nossa vida. A' falta de caixões e de carros de transportes, os cadaveres já chegavam a ser abandonados em plena rua e muitos outros ficavam em franca decomposição nas proprias cazas, a mercê da problematica conducção nos caminhos e autocaminhões que, conduzindo dezenas delles empilhados, empestavam a cidade de horrôrosa fedentina. Nos cemiterios era indisciplinavel o espectáculo: os cadaveres, amontoados por todos os cantos, ficavam dias a seguir aguardando a hora da inhumação. Os coveiros em numero restricto, por estar quasi todo o pessoal respectivo affectado do mal, alternavam-se na horripilante missão e, no auge do desespero, teve o Governo de lançar mão até de pessoal de correccionaes e detentos que, nas differentes necropoles da Capital, entraram a abrir grandes valas, onde, sem distincção de classe social, eram jogados os corpos em adiantado estado de repugnante putrefacção, chegando-se a affirmar, com fóros de verdade, que os vérmes que atravessavam os cadaveres creavam grandes difficuldades aos coveiros para separal-os!

...E dia e noite o macabro espectáculo não cessava, enchendo de dôr a quantos o assistiam!

Fizeram-se no dia 20 de Outubro 400 enterramentos mas se calcula em cerca de 600 os cadaveres que existiam nas cazas particulares.

O Dr. Fernando Magalhães, naquella mesma data, por incumbencia do Governo, aproveitava o «Hospital Pro Matre» e transformava-o n'um «Pósto de Soccorro», autorisando-o aquelle a fazer as despesas necessarias, em ordem, segundo se propoz o seu Director, a receber 200 doentes.

Mais tarde pelo mesmo medico era installado o Hospital de Inhaúma.

Em carta remetida á «Gazeta de Noticias» em 23 de Dezembro de 1918 — aquelle meu illustre collega informava haverem sido recolhidos nos dois hospitaes alludidos durante a pandemia, 522 doentes tendo ficado o custo do tratamento de cada um em noventa mil réis.

Pela leitura do relatorio da Policlínica de Botafogo, publicado em 1920 pelo seu eminente Director Dr. Luiz Barboza, ficou-se conhecendo o benemerito serviço dessa piedosa instituição durante os luctuosos dias do pandemio. Foram alli amparados 1944 doentes, dadas 3.349 consultas e effectuadas 561 visitas a domicilio. Foram tambem distribuidos muitos generos alimenticios á pobreza do bairro de Botafogo.

Do relatorio pelo esforçado confrade Dr. Getulio dos Santos apresentado á Cruz Vermelha Brasileira se deduz haver, na séde desta, sido estabelecidas, logo nos primeiros dias da epidemia, enfermarias que não se demoraram em ficar repletas de doentes, constituindo-se assim a benemerita instituição um verdadeiro hospital. De 105 doentes recolhidos falleceram 14.

Eram concumittantemente tambem installados novos póstos em S. Christovão, na Ilha do Governador e na Maternidade das Laranjeiras.

Tal se revelava o pavor da nossa população durante os mais tenebrosos dias da epidemia, que se chegou a espalhar profusamente ser o mal o cholera-morbus e não a gripe *hispânica*. Esse prejudicial boato foi immediatamente desfeito graças aos exames negativos pelo Dr. Emilio Gomes procedidos no Laboratorio Bacteriologico da Directoria de Saúde Publica.

A Hygiene Municipal, pela iniciativa do seu operoso Director, Dr. Paulino Werneck, que houvera tomado as necessarias providencias para, na alçada dos seus mistéres, auxiliar a acção do Governo, por accôrdo feito no Palacio do Cattete, ainda em 20 de Outubro, passou a constituir com os

da Saúde Publica um só serviço sanitario da Capital.

Nessa data ainda mais notoria se fazia a falta de medicamentos que, pela ganancia dos exploradores, aliás frequente em épocas taes, eram vendidos por preços quasi inacessíveis e muitas vezes adulterados ou francamente substituídos por substancias de nenhum effeito therapeutico. Muito polvilho foi então vendido por alto preço, sob o rotulo de quinina, aspirina, antipyrina ou outro e o verifiquei eu varias vezes!

A situação sendo ainda assoberbante, a Directoria de Saúde Publica determinou que fôsem gratuitamente aviadas, em todas as pharmacias, as receitas expedidas aos indigentes pelos póstos de soccôrro e, para que não escasseassem os remedios, providenciou aquella Repartição para que os estabelecimentos pharmaceuticos fôsem suppridos pelos seus fornecedores.

No dia 21 de Outubro, depois de conferencias em Palacio, o Governo alvitava novas providencias para tornar mais efficiente o serviço de assistencia, creando novos póstos, apparelhando convenientemente varias enfermarias, para regularisar o abastecimento da cidade, normalisar o serviço de transportes urbanos e ferro-viarios, etc., etc..

Uma grande commissão, sob a orientação do Dr. Octavio Barboza Carneiro, autorisado pelo Presidente da Republica, deu inicio ao plano de execução a que se propuzera e, depois de á ella se juntarem pessoas de representação social ficando sob a presidencia do eminente Monsenhor Rangel, então Vigario Geral do Arcebispado, entrou a agir, colhendo obulos e com elles adquirindo varios generos de soccórros logo prodigalisados ás familias pobres torturadas pela pandemia.

Sob a direcção do Dr. José Braz installava-se tambem um pósto de soccôrro no proprio Palacio do Cattete.

Tudo isso não impediu que, ainda em 22 de Outubro, continuassem as amargas queixas contra o Governo, através dos jornaes, responsabilisan-

do-o do incremento da grave epidemia pela falta de um plano geral e uniforme das providencias, que deviam ser immediatamente realisadas para a sua prophylaxia e extincção, visto que ella assolava toda a população, estendendo-se impiedosa e assustadoramente por todo o Brazil.

Jornal houve que então escreveu:

«O que o Governo até agora conseguiu organizar em caracter definitivo foi a balburdia, porque ninguém nas camadas governamentais se entende».

...E eram todas mais ou menos desse teor as censuras a cada passo ouvidas ou publicadas e nem sempre justas.

No meio desse côro de lamurias e de desgostos, assistia-se ao edificante exemplo da munificencia particular e á frente della o vulto sympathico do millionario Conde de Pereira Carneiro destinando, de uma feita, *cem contos* para soccôrre os pobres.

O clero catholico, tendo na vanguarda S. Emnencia o Cardeal, começou a agir, por intermedio de suas corporações e membros, concórrendo grandemente para auxiliar as autoridades sanitarias na sua dolorosa missão. As sociedades de beneficencia e de caracter religioso, de todos os matizes, tambem accórreram solícitos ao bem commum.

Mas a despeito de tantas providencias, de tantos esforços, de tanta abnegação, força é confessar que ainda amargas eram as horas que aqui se atravessava e não cessavam os lugubres gritos do desespero.

Em pessimas condições continuava a ser feito o transporte de cadaveres, que permaneciam dois, tres e quatro dias no interior das casas, quer fôsem de indigentes, quer de abastados! Continuava-se a assistir o triste espectáculo de encontrar a cada passo estendidos pela via publica os corpos victimados pela grippe, em franca decomposição aos rigores do sol, a dar-nos a impressão de um sahno macabro.

Havia oito dias que esse horror enchia de pânico o nosso povo, que, por seu lado, não podia imaginar quando teria termo a angustiosa situação.

Contava-se então scenas dantescas a meúdo occórridas.

Como os reclamos, as solicitações, as imprecações não eram correspondidas pela Empresa Funeraria, os cadáveres eram jogados dentro dos bondes de passageiros para que fôsem levados para os Cemiterios.

Uma pobre familia de Catumbý, que desgraçadamente havia perdido dois entes queridos, ha mais de quatro dias, conservava os cadáveres em casa por já ter esgotado todos os meios afim de obter para elles conducção. N'um duplo desespero pela impiedade que consistia em manter insepulto aquelles corpos e pelo estado de alta decomposição em que elles já estavam, empestando de podridão toda a vizinhança, estudava o chefe daquella familia um meio de resolver o caso.

Ficou então á porta da casa á espera de um dos muitos caminhões que a todo momento atravessavam á rua conduzindo, amontoados, os cadáveres das victimas do «Pandemonio» e ao passar um delles, fel-o parar e, de joelhos, impetrou do conductor do veículo que levasse para o cemiterio os cadáveres ha tanto involuntariamente existentes em sua casa.

Depois da calorosa discussão, o homem do caminhão disse que tinha ordens terminantes de não receber mais corpo algum e bem assim estar completa a lotação do vehiculo; insistido, porém, condoendo-se da situação daquella pobre gente, propoz, e foi acceito, trocar dois cadáveres frescos por aquelles cuja podridão era insupportavel, dando tempo a que a conducção destes fôsse possível!

Estes e outros factos horripilantes foram contados e commentados pela imprensa que mal podia retratar o que se via a toda a hora e por toda a parte.

Dizia-se por exemplo que a Santa Caza não tendo meios para fazer os enterramentos, mandava

para fóra da Barra, alta madrugada, sáveiros cheios de cadáveres de indigentes que eram lançados então em alto mar.

Afirmava-se que, na confusão com que centenas de corpos eram levados para os Cemiterios, muitas creaturas ainda vivas eram transportadas e mais que isso até enterradas antes de exhalar o ultimo suspiro!

Referiu-se mesmo o caso de um pobre grippento encontrado vivo ainda dentre os conduzidos e que jogado á vala, foi pelo coveiro (que era um fascinora sentenciado, seu desaffecto) morto por uma enxadada, para livrar-se ao trabalho de socórrer-o.

Actos de deshumanidade deste quilate fôram descriptos pelo «Rio-Jornal» em sua edição de 10 de Novembro de 1918:

«O morto vivo

COMO ERA E COMO SE DEU A TRISTE OCCURRÊNCIA

Dentre todas as pessoas que, por nós procuradas, indicaram verdadeiramente quem era o infeliz retirado dentre os cadáveres, só então recuperando a vida, estava o Snr. Augusto Alves Coitinho, residente á Rua Evaristo da Veiga n. 1.

O Snr. Alves que expontaneamente veio á nossa redacção, declarou-nos que o facto entregue á nossa syndicancia, era delle bastante conhecido, pois tinha relações com o actual morto-vivo, cujo irmão, também carregador, havia fallecido, não sabendo quando nem onde.

Chama-se Casemiro, disse-nos o Snr. Alves, e poderá encontrá-lo no Mercado ás sete da manhã.

Conforme a informação do Snr. Alves lá fomos aquella hora.

Ahi, nada menos de dois cavalheiros com o mesmo nome encontramos. Não era porém nenhum delles.

Foi então quando nos disseram que conheciam um outro, mas este havia fallecido na Santa Casa.

Já estávamos desanimados, quando a nova informação nos deu coragem.

—E este Casemiro morto onde morava? Perguntamos.

—Na rua da Misericórdia, mas o numero ignoramos.

Seguimos para a rua da Misericórdia e em frente a «Casa da Miséria», nos dirigimos a um grupo de carregadores que nos deu informações não só do Casemiro, e onde elle poderia ser encontrado, como também do proprio caso.

Marcado para hoje o encontro, ás 10 horas da manhã, fomos pontuar, como foi o nosso informante. No local determinado encontramos o morto-vivo.

—Chama-se o Snr? — Antonio Soares, para servil-o.

—E' um felizardo, não? Conseguiu escapar á morte por pouco, não é verdade?

—O Snr. quer se referir ao caso da Santa Casa, não é assim?

—Tal qual.

Frente a frente com o morto-vivo

—Ora eu lhe conto. Não sou propriamente carregador aqui no mercado, mas do Lloyd Brasileiro, e fazia ponto na travessa do Commercio.

No dia 19 senti-me mal, e, cahido na calçada, fui dahi apanhado e levado para a Santa Casa onde dei entrada naquelle mesmo dia, na 14ª enfermaria, ao que fui informado. No dia seguinte lá appareceu para visitar-me o meu irmão Joaquim Soares, empregado num botequim sito á Estrada Real de Santa Cruz n. 830.

Pedi ao irmão que me levasse para sua casa e accedendo este, prometeu-me que no dia seguinte me levaria.

No dia seguinte, como eu me negasse a tomar o caldo e o chá, a fraqueza produziu-me uma vertigem e nessa occasião ao que parece, fui levado para o deposito de cadaveres, isto já no dia 20.

Dahi, só me recôrdo da hora em que tornei a vida e, abrindo os olhos, dei com meu irmão ao lado, muito pallido, a olhar-me espantado. Eu estava sobre uma das frias mezas do necroterio da Santa Casa. Com o auxilio delle, que em altas vozes dirigia palavras aos homens da Santa Casa, levantei-me e, levado para um automovel, o meu irmão transportou-me para um posto hospitalar, onde me curei.

—E seu irmão?

—Morreu. Onde e como não sei. Elle contou-me apenas que indo a enfermaria buscar-me, disseram-lhe que eu havia fallecido.

Dirigiui-se ao necroterio onde me procurou para fazer o enterro. Após certo trabalho para me descobrir, fui encontrado numa pilha de cadaveres, de onde fui retirado e posto sobre a mesa. Ahi, na occasião que elle me cruzava os braços, eu acordei.

Eram 10 horas da manhã.

Esta foi a narrativa que acaba de nos fazer Casemiro Antonio Soares, o morto-vivo.

O assassinato da Chininha no cemiterio do Cajú entre morto e vivo

ENCONTROU UM DESAFFECTO QUE LHE APRESSOU A MÓRTE

Um dos casos mais tetricos occorridos no Cemiterio do Cajú durante o enterramento de cadaveres, foi-nos narrado por José de Carvalho Filho, mais conhecido pelo alcunha de «Juca Pequeno» e morador no Mórro do Castello.

Apanhado pela policia, foi elle levado para o

Cemiterio afim de enterrar os cadaveres que lá se achavam insepultos.

«Juca Pequeno» fez-nos então narrativas impressionantes do que lá se passou, coisas absurdas e inacreditaveis. Dentre essas está o assassinato de «Chininha» (Francisco Luiz Pereira), carregador bastante conhecido na Praça do Mercado.

Contou-nos, que o corpo desse infeliz chegou ao Cemiterio no dia 25 e foi nesse mesmo dia levado á beira da valla commum.

Ao ser aberto o caixão, o infeliz «Chininha» accôrdou da vertigem, mas o seu estado era tão grave que não permittiu usar da voz.

Um preso que o nosso informante viu, exclamou:

— Ah! és tu «Chininha»? Onde está a tua valentia? Agora é commigo. E, com a propria enxada deu uma bordoadá na cabeça do infeliz, atirando-o a valla, onde o desgraçado acabou morrendo de facto.

Procuramos obter algumas informações sobre este caso e no predio da Ladeira do Castello numero 13, conseguimos de D. Carolina, dona da casa onde elle residia, algumas informações que confirmam a tragica narrativa que nos fez Juca Pequeno...»

Entre os varios outros episodios relatados pelos jornaes, um merece explanação e foi tambem publicado pelo «Rio-Jornal».

Guardo na transcripção a sua copia fiel:

Como nos contos de Hoffmann

A SANTA CASA ENTERRA PESSOAS VIVAS

Laurentina Cordeiro é uma rapariga bem troncuda de 19 annos de idade, linda e garrula, razão porque sempre foi a vaidade justa de seu noivo.

Filha do Cabo Frio, de onde veio ha algum tempo, empregava-se como cozinheira e arrumadeira na casa do Snr. Francisco Fonseca, á rua do Cattete 246. A' noite, mal cessados seus affazeres, deixava o lar do patrão e demandava a casa da rua Pedro Americo 238, de propriedade de dona Conceição, mas onde Laurentina occupava por aluguel um quarto para dormir.

Na manhã de 23 de Outubro ultimo, já era alto o sol e o Sr. Francisco Fonseca impacientava-se já, porque a cozinheira não chegava para adubar o caldo aos doentes da casa, pois a epidemia, naquella occasião, estava no apogeu e muitos eram os *grippados* na casa onde servia a rapariga.

Na rua Pedro Americo a impaciencia de D. Conceição, a senhoria, tambem não foi menor e sem justa causa, vendo, que Laurentina tão useira no habito de madrugara, ainda estava no quarto, portas trancadas na hora em que só os ricos têm o direito de gosar a regalia dos lençãos.

Lá numa certa hora, mordida de um máo sentimento, resolveu bater á porta e em seguida entrar, depois de abri-la com algum esforço, visto que ella estava trancada por dentro e a rapariga não respondia aos chamados. No quarto pôde ver a razão de tudo. Laurentina estava «hespanholada» e ardia em febre alta. O peor era que D. Conceição tambem estava enferma e não tinha pessoa alguma que se pudesse encarregar de buscar medicamentos para a inquilina.

Mas como o mal lhe crescia, a propria Laurentina resolveu deixar o leito e ir á pharmacia mais proxima medicar-se. Emtanto na via publica, tal era a sua fraqueza, que foi tomada de um deliquio, cahindo na rua. Quando recobrou animo teve a impressão de que havia sido transportada para o Hospital Deodoro. Mas enganára-se. Estava apenas na Assistencia e dahi a segundos seguia rumo da Santa Casa, o nefasto matadouro de Santa Luzia.

Na Santa Casa

Lá ao entrar, sentiu o chocalho dos nervos vibrar forte. Navalhadas de gelo lanharam-lhe a espinha dorsal e os cabelos, de arripiados, tomaram a aspereza do arame.

Era o terrôr que devia experimentar quem tivesse um dia de penetrar os reinos de Averno.

Cadáveres aos montões em todos os cantos, doentes morrendo de inanição em todos os lados, infelizes em febre alta, sem assistência medica para o abrandar de seus males e percorrendo, impassíveis, as entrelinhas das tarimbas e dos colchões, os emulos do Sr. M. de C. — o sardanaz mestre daquelle inferno vivo — a proporcionar as mais recalcitrantes o lenitivo do chá da meia noite ou do caldo sujo, especie de elixir de vida breve.

Mal chegou, Laurentina teve de provar do caldo. Provou-o e desfalleceu. Desfallecida, envolveu-se num lençol, e atiraram-na num caixão commun. Estava morta e ia ser enterrada. No Cajú, naquella barafunda de cadáveres, entrou na noite do dia 24, e lá permaneceu insepulta até o dia 25.

No Cajú

Por uma réstea do caixão, a pobre morta começou a sonhar. Sonhos tragicos de morta! Sonhava, por exemplo, que estava vendo, num cemiterio, o enterramento collectivo de milhares de cadáveres putrefactos. Luzernas fantasticas e tetricas tremeluziam na poite chuvosa e dantesca. Gente de caras diversas abria covas onde eram despejados aos montes todos os defuntos. De vez em vez passavam policias inspecionando os serviços. Lá num dado momento, o caixão da morta foi tomado por um pulso herculeo. Chegára tambem a sua vez. Um frio siberiano gelou-lhe o corpo, a que o frio da morte já tornára algido. Era o

epilogo pathetico do sonho da morta! Abriram o caixão. Laurentina ia ser despejada na cova, pois mister se fazia levar o caixão para outro defunto! Mas aberto o caixão, o coveiro estacou espantado:

—Mas esta mulher está viva! exclamou para os outros.

Viva!

—E' deixal-a para um canto até que môrra: propoz um detento dos que serviam de coveiros.

E lá foi ella para um canto, entre caixões vassios, sob a chuva impiedosa, á espera da morte. Mas a morte não vinha e um coveiro da Prefeitura condeou-se della e propoz ao administrador:

—Esta mulher ainda vive! Seria humano que fosse transferida para um hospital. Talvez possa salvar-se.

Resuscitada!

No Hospital Deodoro, Laurentina Cordeiro, sob os carinhos dos medicos, foi revivendo, foi revivendo e sarou. Teve alta e seguiu para a casa de D. Constanca, a rua Pedro Americo.

Assombração

Lá já não contavam com ella. Suppunham-na morta, pelas informações da Santa Casa.

D. Conceição, entretanto, apalpou-lhe as carnes, fel-a falar e se convenceu logo de que estava em frente de sua authentica inquilina. Todavia, o mesmo não succedeu em casa de seu patrão, onde tambem já era considerada defunta a antiga cozinheira e onde ha creanças. Até hoje acreditam que Laurentina morreu e voltou apenas para assombrar a casa.

As consequências

De sua hospedagem lugubre na Santa Casa e de sua villegiatura funesta ao Caju', Laurentina guarda dolorosas consequências. Está apatetada, olhos vagos onde transluz enfermiza a belleza de outróra e já não reconhece nem o proprio noivo.

Tudo isso foi o que ella mesmo contou á sua velha senhoria no dia em que chegou do Hospital de Deodoro, quando ainda desfructava um estado mental recommendavel. Foi tambem quanto nos informou D. Conceição, consternadissima pela sorte de Laurentina, que muito estima.

Indiscriptiveis eram as scenas que se passavam.

Entre os horribéis transe que transcórremos, eu e os meus abnegados companheiros do «Pôsto de Soccorros» da *Assistencia a Infancia*, pudemos registrar casos verdadeiramente apavorantes.

Em uma das caravanas de caridade que fóra ao Morro da Cruz, dentre as mais desoladoras e angustiosas scenas, assistiu-se ao macabro espectáculo de encontrar-se, em uma caza de pouco de dois metros quadrados, feita de taboás de caixotes velhos e latas de gazolina, nove pretos mortos, seus unicos habitantes: haviam succumbido á fome e á gripe e ficaram nas posições em que a morte os suprehendêra: uns esticados ao solo, outros sentados em caixotes e ainda outros cahidos sobre os cantos angulosos dos cacaréos que, em desordem, se espalhavam naquelle lugubre ambiente.

Cada caso mais desolador se revelava e, nesse caudal impetuoso a que o «Pandemonio» arrastava, tambem fui eu uma victima, não porque fôsse accomettido do mal reinante, que felizmente me poupou, mas porque, ao lado das grandes canceiras a que não podia fugir, dos pungentes momentos por que passava, tive a ferir-me tambem o coração um rude golpe que até hoje sangra.

A 19 de Outubro, dia dos mais tremendos da epidemia, estava eu, desde o romper do sol, a postos na «Assistencia á Infancia» a dirigir em pessoa o vultoso serviço, a agir, eu proprio soccorrendo quasi um milhar de grippentos que nesse ensombrado dia enchia todos os cantos da instituição, quando pelo telephone de minha casa me communicavam já haver minha familia perdido a esperanza de poder fazer o enterramento de uma creatura muito cara que, 24 horas antes, succumbira a um pleuriz.

Era preciso uma providencia e diante das difficuldades do momento só eu a podia tomar.

Não havia caixões e era uma phantasia pensar em conducção.

Parti para o Deposito Funerario da Santa Casa e lá chegando me entendi com o Administrador.

Massa enorme de gente, n'uma promiscuidade horriavel, homens e mulheres, premindo-se naquelle quasi asphyxiante ambiente estavam n'um pranto copioso, na disputa de caixões para enterrar os seus defuntos.

O Administrador conheceu-me e, em termos desvanecedores, honrou-me sobremodo dizendo ao povo alli aglomerado:

«O Dr. Moncorvo é tão grande bemfeitor da humanidade, está prestando tão extraordinarios serviços á esta população que nada se lhe póde negar. Consintam que elle penetre no recinto do fabrico dos caixões, onde elle irá talvez obter o que precisa para enterrar um ser querido fallecido em sua casa». O povo abriu alas n'um gesto de respeito captivante e eu penetrei no macabro ambiente em que um certo numero de individuos preparavam atrabalhoadamente os caixões encomendados.

A atmosphera era irrespiravel porque, não tendo aquella officina aeração conveniente, empestava o ambiente o cheiro de podridão dos cadaveres que nas circumvisinhanças se empilhavam.

Esperei muito tempo que algum empregado me attendesse, mas debalde: quando já desanimado de

poder obter o que desejava vi a mim se dirigir um pardo alto e macilento entregando-me as taboas toscas de um caixão semi-armado, dizendo-me que me arranjasse como pudesse...

...E que fazer então? Com a ajuda do auxiliar que me acompanhava, Washington Rodrigues, de martello em punho, atirei-me a armar o caixão, collocando-lhe as dobradiças, forrando-o convenientemente com o material que me forneceram ao preço de mais de um conto de réis!

Conduzi-o, eu mesmo, no *double-phaeton* que me aguardava á porta da Santa Casa, para poder no dia seguinte obter fôsse enterrada em um cemiterio publico, o que a muito custo consegui, a querida velhinha tia que até dias atraz enchia de alegrias o meu lar.

Certo não chegariam as paginas de dez livros iguaes a este para relatar a infinidade de casos dolorócos como os que foram citados, registados nos dias tenebrosos do terrivel flagello de 1918.

E continuavam os apódos, as injurias e a grita assacadas ás autoridades por parte de alguns jornaes, que se deixando arrastar no desespero do momento, diziam coisas como esta:

«Diante das medidas que o Governo tem tomado para combatter a gripe e auxiliar o povo desgraçado tem-se a impressão nitida de que estamos governados por doidos...»

E' que o estado de alma de todos não permittia a menor reflexão e era por quantos recantos tem o Rio de Janeiro, a mesma desolação, o mesmo desanimo e o lucto diffundindo-se em larga escala por todos os lares.

Nas ruas da cidade ainda perdurava, si bem que em paula menor, o estado de profunda tristeza que reinava desde os primordios do surto epidemico. Quasi todo o commercio paralisado, o transito normal entôrpecido, quasi nullo, e pelas ruas de maior movimentação nos dias communs, sobretudo a Avenida Rio Branco e a Rua do Ouvidor, raros eram os transeuntes a passar.

De quando em quando o silencio funereo que

brado era pelo tympano das ambulancias da Assistencia Municipal ou o *fononar* dos automoveis da *Assistencia á Infancia*, da *Directoria de Saúde*, da *Cruz Vermelha* ou do *Hospital Pro-Madre*, todos com a sua respectiva flamula symbolica a tremular em cima do radiador, a conduzirem os doentes cahidos na via publica ou levando aos domicilios soccórros de toda a especie.

Era um *bello-horriovel* aquella athmosphera de pavôr, de angustia, de dôr, de lucto e de miseria, a contrastar com a grandeza dos actos de bravura daquelles heróes, medicos e enfermeiras, todos rigorosamente uniformisados, a acudirem, com um desprendimento e um ardôr altruistico de encantar, os que cahiam sob o peso cruel da dominadôra doença.

Apezar disso as censuras sempre crescentes faziam accentuar que «mos póstos officiaes de soccórros, onde se desconhecia, em absoluto o methodo e a ordem, quando haviam medicos não se encontrava remedios, ás vezes faltando ambos, e depois das 6 horas da tarde os funcionarios, encerrando tranquillamente o seu expediente, como si a pandemia, fóra das horas de luz solar, occultando suas garras, fizesse uma solução de continuidade, não atacando ninguem!»

A maledicencia do povo é infinita, bem se sabe, e da mesma sôrte a ironia e a maldade dos escriptores.

Um jornal desta Capital, em 25 de Outubro de 1918, criticando o serviço de combate á *hespanhola*, ainda asseverava:

«Quem percórre os nossos hospitaes chega a ficar assombrado. Alli são internados doentes de ambos os sexos na maior promiscuidade, quasi todos immundos, recolhidos ao leito sem nenhum cuidado de hygiene, sem lhes darem ao menos uma roupa. Ha trez dias foi installado um desses hospitaes no Caes do Porto, n'um casarão deshabitado, onde falta agua, onde a luz está cortada. Ha alli para mais de 100 doentes, sob o regimen de purgativos e não ha W. C. e não ha vasos apro-

priados e a comida é feita por um cosinheiro do Regimento e daquelle hospital sabe uma fedentina horrôsa. Tudo isto porque não ha uma direcção nessa campanha: o Snr. Prefeito está de um lado fazendo o que pôde (e na Prefeitura ao menos ha unidades de acção); o Dr. Theophilo Torres age independentemente, como independentemente agem o Dr. Carlos Chagas e outros sub-chefes. E para a confusão ser mais completa, temos a policia enterrando os mortos e o Dr. Bulhões, Chefe do Commissariado, ajudando a acabar com os vivos, com as medidas destemperadas que só servirão para prejudicar mais o povo.

A fiscalisação de preços de drogas foi um absurdo. Os proprios droguistas riram-se da tabella e andaram annunciando por menos que os preços officiaes. Quanto a alimentação, basta ver o que se deu com o commercio de aves. Falta carne, não ha leite, e o commissario não encontra uma idéa para resolver esse ponto de importancia extrema á vida da cidade.

E cada dia vão morrendo na Capital da Republica 500 grippados; e o povo sente cada vez mais as consequencias da fome, da peste e... da sua immensa paciencia em supportar essa desorganisação descommunal sem um protesto mais energico.

Esses topicos eivados de paixão jornalística, ha a extranhar, foram transcriptos, como muitos cutros do mesmo genero, do relatorio official do Serviço Sanitario do Estado de São Paulo (*A grippa epidemica no Brazil*).

Ao passo que assim se manifestava a imprensa, uma nota em 23 de Outubro oriunda do Palacio do Cattete declarava que a epidemia tendia a declinar, acreditando o Snr. Presidente da Republica que, com as providencias já tomadas e as que se achavam em via de execução, o governo se encontrava aparelhado para defender do modo mais efficiente a população do Districto Federal.

E a nota fechava com o seguinte periodo:

«Não ha, portanto razão para continuar o pânico que se vem estabelecendo no seio da popu-

lação, tanto mais quanto a mortalidade causada pela molestia, e que todos sinceramente deploram, é, entre nós, considerada em relação á grande extensão que tem tido, muito inferior á de quasi todos os paizes onde está grassando neste momento, quer na Europa, quer na America».

No mesmo dia desta nota, por iniciativa da Senhora Wencesláu Braz era creado na Escola Rodrigues Alves, proximo ao Palacio do Cattete, um posto de soccorro destinado a prestar aos pobres o auxilio em generos de primeira necessidade e de regimen dietetico.

Na mesma data pelo Ministerio do Interior era requisitado o Cemiterio de S. Francisco Xavier, no Cajú, deixando-o sob a guarda de um Capitão da Brigada Policial e accusava o boletim que a *hespanhola* naquelle dia havia victimado 501 individuos, excluidos os obitos havidos nos hospitaes e postos de soccorros improvisados e quantos outros verificados depois das 6 horas da tarde em diferentes domicilios. Segundo referiam os jornaes, as remoções de cadaveres continuavam, a despeito da melhor vontade dos poderes governativos a ser feita atrabalhoadamente, sendo incrivei o desrespeito pelos mortos tratados como se fossem o lixo da cidade» (sic).

Na estação do Meyer, o Snr. J. A. Chavantes, graças ao seu donativo de 10 contos de réis, conseguia installasse alli o Governo um posto de soccorros.

O clero continuava na sua bondosa missão, visitando em todos os pontos do Rio de Janeiro a pobreza atacada pelo mal e proporcionando-lhe os maiores beneficios.

Os postos de soccorro creados pela Directoria de Saúde estendiam-se pelos suburbios até Anchieta, Ramos, Penha, Deodoro, Engenho de Dentro, etc., além dos nove postos installados sob a Direcção do Dr. Belisario Penna, Chefe do Serviço de Prophylaxia Rural.

Em Catumbý tambem se creava um posto.

Em 25 de Outubro o Snr. Presidente da Re-

publica, visitava os póstos hospitalares do Engenho de Dentro e do Meyer, colhendo, segundo rezaram as notícias, boa impressão.

A gripe, que tanto houvera perturbado a vida, não permittira que proseguissem os trabalhos, já em meio, do Congresso de Medicina e a Conferencia de Hygiene e Microbiologia, cujas sessões se realisavam no edificio da Faculdade de Medicina, à Praia Vermelha.

Era doloroso que ainda no dia 27 de Outubro se annunciasse que nesta Capital haviam fallecido ás consequencias da terrivel *hispanhola* mais de 600 pessoas, continuando a população a assistir, aterrorisada, o desastrado serviço de remoção de cadáveres, passando a cada momento pelos seus olhos o triste espectáculo dos auto-caminhões, em vertiginosa carreira, conduzindo caixões de defuntos, semi-nús e nús, amarrados uns aos outros, ás duzias, com segmentos de membros ou a propria cabeça dependurados pelos lados dos vehiculos.

Em seu trabalho inaugural defendido em Abril de 1919 perante nossa Faculdade de Medicina, o Dr. Imbassahy, com côres as mais negras, descreveu o que foram os quadros «da desolação, de angustia e de desordem que se espalhou por toda a nossa cidade.

Ella foi assediada, assaltada, invadida e tomada de modo inopinado, violento, seguro. A população quasi inteira tombou ao sópro terrivel e fulminante que nos vinha das plagas occidentaes e, de um momento, das mais alegres e ruidosas cidades do mundo surgiu silenciosa, erma e triste, com as ruas abandonadas, as cazas fechadas, o commercio parado, os vehiculos immoveis, apresentando em toda a parte signaes de afflicção e de lucto...» e assim proseguia descrevendo, com o seu verdadeiro aspecto, os dias tortuosos por que passámos.

«...Nos cemiterios não havia coveiros.

Eram os cadáveres atirados aos montes, ás pilhas, e alli permaneciam em estado de decomposição á espera de braços que os enterrassem. Formou-se urgente buscar quem abrisse cóvas.

Aproveitaram os detentos no lugubre mister, mas no tractado da cadeia para as necropoles, o baido de criminosos, cynicos por natureza, indifferentes por habito, passavam berrando cantigas carnavalescas que soavam como um canto macabro.

A epidemia, de 26 para 27 de Outubro daquelle anno tormentoso, declinava sensivelmente pela natural razão de que quasi já não havia mais ninguem a atacar e, então com rapidez do raio, se espalhava por todos os Estados do Brazil.

Ainda por essa época os professores publicos, em reunião realisada especialmente para auxiliar o combate á gripe, resolviam crear 23 póstos de soccórros que não sei si chegaram a funcionar.

A doença, embóra o seu declínio, indiscutivelmente ainda fazia victimas e a 29 de Outubro o proprio Presidente da Republica era della atacado, curando-se n'um curto lapso de tempo. Naquelle dia eram ainda consignados 605 mórtes pelo mal reinante, verificando-se que em dois dias houvera sido verificados 1400 enterramentos.

Só por essa época pouda a Directoria de Saúde iniciar o serviço de desinfecção domiciliaria, a principio sómente nas cazas em que havia occorrido obitos e posteriormente nos domicilios mais infectados.

A Repartição Sanitaria confessava que os seus serviços communs começavam a normalisar-se, os hospitaes provisorios tambem tinham o seu movimento muito mais reduzido, o numero de casos novos decrescia a olhos ivstos e o flagello depois de martyrisar quasi a população inteira, como que fugia précipite, horrorisada com os desastres e estragos por elle mesmo produzidos.

A baixa da mortalidade já era sensivel e os pedidos de soccórros, já bem diminuidos em numero, davam certa trégua aos abnegados medicos e enfermeiras dos póstos de soccórro e da Assistencia Municipal, signal indicativo de que o mal positivamente se attenuava.

A distribuição de soccórros em generos por parte dos emissarios do Governo incrementava-se

sobretudo nos suburbios, onde melhor fôra feita do que na parte central da cidade.

Os jornaes annunciavam sempre os locaes e a hora de taes distribuições. O côro de acres queixumes, e reclamações, porém, contra as medidas sempre póstas em pratica, encontravam êcho na imprensa e até certa vez houve um jornal que criticou o facto de uma nota official de um Ministerio em que se annunciava que «no dia *tal* e em *tal* logar devia ser effectuada pela Exma. Snra. do Ministro *tal*, uma grande distribuição de generos alimenticios, SI NÃO CHOVER...» e commentava-se então o facto de fazer depender das eventualidades meteorologicas a providencia de matar a fome do povo, desgraçado pelo maior dos cataclysmas sobre nós baixado.

A 30 de Outubro visivelmente a cidade se movimentava e a maioria da população começava a voltar á actividade, o commercio principiava a funcionar com certa gravidade e já se fallava na reabertura das casas de espectaculo e dos cinemas.

Em 31 de Outubro a estatistica assignalava o computo de 10.479 pessoas victimadas pela epidemia grippal!

As altas nos hospitaes e póstos eram dadas em massa e o declínio rapido e evidente do tremendo mal encorajava para o trabalho o povo, que, ainda abatido e fraco, cambaleava pelas vias publicas.

Em 2 de Novembro, dia de Finados, os Cemiterios mostravam-se vasioz graças á bem ponderada medida das autoridades superiores prohibindo terminantemente a visita, como de costume, aos tumulos.

Diminuia então o numero de enterramentos, o Ministro do Interior dispensava os detentos que estiveram servindo de coveiros, sendo os Cemiterios de novo entregues a administração da Santa Casa de Misericordia, accentuando-se no dia 3 o declínio da *hespanhola*, havendo o Prefeito recomendado o fechamento dos póstos da Municipalidade.

As casas de diversão na mesma data abriram suas pórtas, mas a frequencia era diminuta. Em todas as physionomias ainda se via estampado o espanto e a dôr.

No dia 4 de Novembro, o Governo já começava a mandar fechar os póstos espalhados por toda a cidade, nesse dia elevando-se o numero de mortos apenas a 350, menos 128 do que na vespera.

Assignalava-se a entrega de 10 contos de réis pelo Snr. Presidente da Republica a Monsenhor Rangel, donativo destinado a ser distribuido em beneficio dos pobres da zona suburbana.

No dia 5 o Governo mandava fechar os póstos que ainda restavam, conservando sómente a funcionar o Hospital Deodoro.

Segundo a observação de todos, a 7 de Novembro de 1918 a vida desta Capital estava definitivamente normalisada, tendo se reduzido sensivelmente a lethalidade, raros mostrando-se os casos novos de grippe denunciados.

Nessa data o Jornal do Commercio em vibrante artigo sobre «a epidemia e a população rural» adduzia alguns commentarios entre os quaes.

«Dominado, virtualmente, o flagello na parte urbana da cidade, chegou a vez dos suburbios e verifica-se ser bem mais difficil a tarefa de distribuir soccórros. Para tanto militam a dispersão das casas, a distancia em que ellas se acham do centro de provisões e de assistencia, e muitas outras circumstancias de facil apreciação.

O problema, está-se vendo, é todo domiciliar e constantemente o attestam as surpresas dos encarregados de distribuir soccórros, quando ao transporem os humbraes das habitações visitadas, deparavam com familias inteiras atiradas pelo chão, sobre farrapos de esteiras e rodeando os fogões apagados, as prateleiras desertas a traduzirem a fome e a inanición, enquanto pelas frinchinhas dos telhados e pelo esburacado das paredes penetrava o vento da noite a fustigar com o latego da morte, as faces afogueadas dos infelizes invadidos pela febre.

Milhares de victimas desappareceram, já, para sempre, pelo tardio da assistencia, empenhada em attender aos pontos mais accessiveis da cidade.

Hoje, que tantas lacunas estão mais ou menos preenchidas, determinando evidente melhoria da situação, é mais que tempo de, com a maior insistencia e resolução, lançarmos nossas vistas para o interior do paiz, voltando o nosso pensamento de misericordia para as chôças perdidas dos nossos sertões, de onde nem queixumes nos chegam porque não permitem o isolamento em que se encontram. Quantas choupanas existirão, quantas centenas, quantos milhares, onde ao lado dos paes fulminados pela molestia, e já em decomposição, agonisam, famintas as crianças votadas, por falta dos progenitores?

Córramos em auxilio desses miseros brasileiros, não nos esquecendo de que, se o problema da assistencia nesta cidade, foi-se complicando e difficultando, a medida que se deslocava para os subúrbios, o doloroso campo de operações, maiores ainda serão os obstaculos a se oppôr aos esforços, com que buscamos levar a necessaria assistencia á população rural que se espalha pelo nosso vastissimo territorio.

E' esse o motivo a mais para intensificarmos os nossos movimentos e para que, sem prejuizo da collaboração dos particulares, no offerecimento de recursos, lance mão o Governo de abundantes meios de acção e, por uma organização rapida e de larga envergadura, corra em auxilio dos que, ignorados, estão succumbindo longe de nossas vistas.

Ignoro quanto dispendeu o Governo Federal até agora com a campanha de combate á actual epidemia, mas presumo ter ido além de dous mil centos de réis. Que justificação lhe poderá caber se de prompto não destacar pelo menos dez vezes maior a quantia, para attender ás necessidades do interior?»

E assim proseguia o articulista pretendendo demonstrar, n'um fundamentado appello, a indiscutivel

vantagem de acudir solicita e immediatamente ao «desfreado galope» que estava «vasculhando os mais escusos recantos do paiz e ahí abatendo os desamparados sertanejos».

Em 8 de Novembro do anno maldito já se annunciava, sob demonstrações de jubilo, que a epidemia cessára a sua furia ceifadora e a vida da nossa linda Capital volvia de facto á normalidade, concorrendo para isso formosos dias de soldado que por seu lado incitavam os seus habitantes á habitual actividade dos bons tempos.

Ainda assim o obituario daquelle dia accusava 101 fallecimentos nas ultimas 24 horas, tendo-se notado nos subúrbios, de 26 de Outubro a 4 de Novembro, segundo informavam os dados officiaes, um decrescimento de 40%.

A 10 de Novembro, como uma resposta ás terriveis hostilidades de era alvo desde o principio da epidemia e, bem se comprehende, porque representára ella o theatro das mais apavorantes scenas pela plethora de doentes que bruscamente teve de enfrentar, a Santa Casa da Misericordia desta cidade, por intermedio de seu Provedor, fazia publicar minucioso Relatorio no qual procurava, com muita ponderação, se justificar das acérbas e violentas accusações que lhe eram assacadas.

Começou dizendo, acertadamente, que «a primeira preocupação dos victimados por grandes calamidades, na paz ou na guerra, é encontrar um responsavel sobre o qual caiam o desgosto, a queixa e a maldição em desafogo aos males soffridos, consolação unica á desdita ou á derrota.

A colera não raciocina, a dôr e a miseria levam ao desatino, desapparecem os sentimentos de justiça e indulgencia nesses momentos de obscuridade moral proveniente do mal estar material, sobretudo quando em vez de se promover a calma nos espiritos, se tem satânico prazer em animar e entreter a sua irritação.

A epidemia que flagellou a nossa bella Capital não podia constituir excepção á essa refréga; era preciso que alguém ficasse com a odiosa

fama da autoria de tantas desgraças, sobre quem recabisse a execração publica, e a esse martyrio foi condemnada a Santa Casa da Misericordia, com as mais negras alevisias e a mais revoltante das ingratidões, pois foi com ella, só com ella, que se encontrou a pobre população urbana e suburbana desde o apparecimento do mal até se manifestar o seu declínio.

Aos cegos que não queriam ver, mostrar o que se fazia, aos surdos que não queriam ouvir, dar as razões que impediam levar a cabo quanto era preciso, seria perder tempo, e imprudentemente alimentar a crepitante fogueira de odios, calumnias e injurias.

Conservei-me calado, proseguiu o Provedor, dando-me em corpo e alma ao desempenho de meus deveres, sem um instante de desfalecimento, só ou junto dos Irmãos Mordômos e Administradores, nos cemiterios, nos asylos das nossas orphãs aguardando o momento, hoje chegado, de prestar contas de meus actos ao unico poder capaz de tomal-as, e ao qual sómente devo obediencia, á Meza e Junta desta Santa Casa, e accentuando o papel meritorio desta no seio de nossa sociedade, affirmou que «a Santa Casa da Misericordia em nenhum tempo e por qualquer fórma, coube a incumbencia, instituição particular que é, de cuidar da Saúde Publica, desta cidade ou de fazer a Assistencia official: pratica a caridade, váe para quatro seculos, conforme permittem seus recursos e de harmonia com seus fins. Nem directa, nem indirectamente, lhe cabe, portanto a minima particula de responsabilidade pela invasão e desenvolvimento da epidemia e suas consequencias».

Entrou depois na ennumeración dos serviços prestados, os entendimentos com as autoridades superiores, as difficuldades com que luctou a Administração da Irmandade, mostrando que de 10 a 20 de Outubro o Hospital recolhera «1598 enfermos, dos quaes tiveram alta 850, falleceram 251» approximadamente 16%, «continuando em tratamento os restantes», citando além disto a estatística das con-

sultas e formulas aviadas nos estabelecimentos outros dependentes da Santa Casa.

O povo, embóra relativamente tranquillo e gosando o prazer que a cessação do tufão epidemico lhe proporcionára, traduzido em todos os semblantes, não recobrára totalmente a necessaria paz do espirito, porque pairava ainda a duvida si o mal voltaria ou não em uma segunda rajada.

E não era inverosimil assim imaginar visto que o facto se observára em varias partes do mundo e foi encarando essa situação que o Director de Saúde Publica, Dr. Theophilo Torres, reitiradas notas á imprensa enviou, procurando tranquillisar o publico, insistindo como medida de prophylaxia individual evitar-se as agglomerações e a approximação de pessoas accommettidas da doenca, mesmo de caracter brando.

Approximando-se a época do Carnaval (fevereiro de 1919), fallava-se no perigo de accumulo de gente nas ruas e novos conselhos eram divulgados pelo povo para que fôsse evitada a recrudescencia do malfadado flagello que tão tristes recordações em todos deixára.

O Carnaval passou, o povo divertiu-se como sempre, mas em Março novas apprehensões sobrevinham de que a gripe pudesse voltar e então a Directoria de Saúde lançava um appello á classe medica para que fosse immediatamente extincto qualquer foco que explodisse.

Felizmente o tempo provou terem sido até certo ponto infundados os receios porquanto, a não ser o apparecimento de reduzido numero de casos em algumas guarnições militares, não houve nova explôso do mal e nós medicos tivemos novamente que nos familiarisar com os casos quotidianamente observados na gripe *nostras* que desde 1870, ou melhor, positivamente caracterisada desde 1889, jamais deixou de ser, com maior ou menor benignidade, sem caracter propriamente de epidemia, verificada na clinica diuturna.

A hálburdia do «Pandemonio de 1918» não permittiu que se tivesse até hoje uma estatística per-

feita da mortalidade occasionada pela *hespanhola*, nos seus angustiosos dias, a despeito dos herculeos e louvaveis esforços da Demographia Official.

Sabe-se vagamente que o total do obituario de Outubro e Novembro daquelle funesto anno accusou 16.996 fallecimentos, sendo 11.291 no primeiro desses mezes e 5.705 no ultimo, devendo-se notar que a somma dos casos de gripe nesses dois mezes orçou por 11.953.

Segundo as affirmações do Dr. Theophilo Torres, «sendo avaliado em seiscentos mil» (para nós calculo optimista visto que talvez dois terços da população foi assolada por conseguinte cerca de oitocentas mil pessoas) o numero de individuos atacados de gripe durante o «Pandemonio», segue-se que a mortalidade foi menor de 2% dos accommettidos.

Em muito bem fundamentadas escusas, o Dr. Sampaio Vianna, Demographista da Directoria de Saúde mostrou a impossibilidade absoluta de uma estatística fiel em virtude de varios factores, a frente dos quaes sobrelevou a ausencia do pessoal do serviço por estar elle acomettido do mal reinante.

De tudo quanto commentei se conclue que nos achavamos, em contraste com o que se tem feito em todos os paizes cultos, no mais deploravel estado em materia de Assistencia Publica, continuando até hoje nas mesmas condições apesar dos reclamos de todos: imprensa, medicos, hygienistas e homens de coração, sempre a clamarem contra a nossa desidia sob tal ponto de vista.

Torna-se inadiavel essa organização para que póssa o Brasil realizar uma velha aspiração; outrosim lhe permittindo um aparelhamento capaz de, resolvendo os casos dos tempos communs, enfrentar com segurança e efficiencia qualquer epidemia que nos visite.

IV — O "POSTO DE SOCCÓRROS" DA ASSISTENCIA A INFANCIA

Propositalmente fugi até aqui á referencias mais detalhadas ao nosso papel durante o surto epidemico do anno lethal, no desejo de concentrar n'um só capitulo, tão resumidamente quanto possivel, tudo que fiz, que presenciei e que soffri.



FIG. 1 — Edifício da Assistencia á Infancia, á Rua Visconde do Rio Branco, em que esteve instalado o Posto de soccorros aos grippentes.

Sinto a mão tremer-me, ao ter de descrever esse particular do «Pandemonio».

Não ha adjectivação possivel para qualificar o estado d'alma em que fiquei ás 11 e meia horas

da manhã daquelle inesquecível e calamitoso dia 16 de Outubro em que, diante da mólle humana de esfrangalhados organismos, semi-mórtos, no ambiente do Instituto de Protecção e Assistencia á Infancia do Rio de Janeiro, me vi forçado a improvisar, em minutos, a humanitaria installação em um «Pôsto de Soccórros».

O início dos trabalhos já o descrevi em paginas do começo deste livro.

Desde o primeiro instante, nunca mais tive trégoas a labuta e a actividade, difficilmente podendo eu e os meus valorosos companheiros attender ao que se passava em tão accidentados e angustiosos momentos.

De hora para hora cada vez mais augmentando o numero de doentes de ambos os sexos, de todas as edades, nacionalidades e classes sociaes, que, em desolador estado, apresentando-se o mal sempre de crescente gravidade, accórriam ao Instituto dia e noite, em 19 de Outubro sentia desfallecerem-me as forças. Encarando os lugubres quadros que se me deparavam, certamente não tardando a conduzir-me á uma situação insolvavel, já havendo por outro lado esgotado todos os recursos de minha bolsa particular, pois cinco contos que providencialmente tinha em caza vi-os desaparecer em horas na despeza absorvente do «Pôsto» com a aquisição do material, drogas e outras e nas esmolas distribuidas aos miseraveis, a minha attribuição levou-me implorar os bons officios do Governo, imaginando, como é logico, a elle competir ir ao encontro da população em casos de calamidades sociaes da ordem dessa.

Effectivamente quando naquella data já haviam sido soccórridos pelo «Pôsto» muitas centenas de grippados, n'um impeto do desespero que me assobervava, ante tão amargurados momentos, dirigi ao Snr. Presidente da Republica o seguinte telegramma:

«Segundo programma humanitario e social, no Instituto Assistencia Infancia do Rio, que fundei e dirijo ha dezenove annos,

estabeleci um Pôsto permanente de soccórro aos grippados, sem distincção sexo, nem idade. Até este momento cerca mil, fôram soccórridos. O estabelecimento está repleto. Acho-me dia e noite, quasi só, pois os collegas e demais funcionarios, estão doentes. Os remedios, em profusão adquiridos, acham-se quasi esgotados. Recursos pecuniarios da Instituição pobre, são exiguissimos. Implôro V. Ex. o concurso do Governo, no sentido da remessa de pessoal tecnico e subalterno, e de recursos pecuniarios para que não tenha de fechar as portas do Instituto, que tão relevantes serviços está prestando. Grato em nome da população. Respeitosamente. *Moncorvo Filho.*

Recebi nesse mesmo dia, pelo telephone, por intermedio do Snr. Dr. Raul Sá, então seu Secretario, um recado do Exmo. Snr. Dr. Wences-

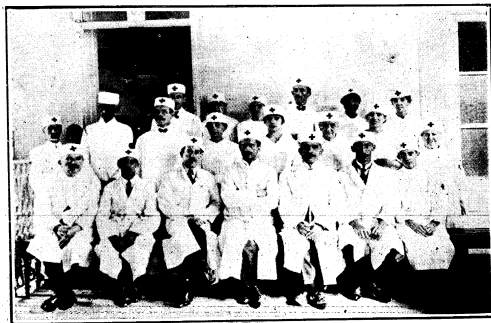


FIG. 2 — «Posto da Assistencia á Infancia» Grupo do Dr. Moncorvo Filho e alguns de seus esforços auxiliares.

láu Braz, Presidente da Republica, que, agradecendo em nome da Nação o serviço relevante que estava á população prestando, me autorizou a adquirir por conta do Governo tudo quanto carecesse o «Pôsto» e a contractar o pessoal necessario (medicos, enfermeiros, etc.) e adiantando haver dado ordem para que fôsse enviado o auxilio de 5 contos de réis que effectivamente no mesmo dia 19 de Outubro foi entregue á Thezouraria do Instituto, sendo á 22 do mesmo mez recebida mais a importância de cinco contos, perfazendo, pois, o total de dez contos de réis.



FIG. 3—O serviço do «Pôsto de Assistencia á Infancia» em franca actividade.

Em 20 de Outubro recebia eu de S. Ex.^o Presidente da Republica o seguinte telegramma:

«Respondendo vosso telegramma de 19, cabe-me informar que attendi promptamente á vossa justa reclamação, mandando que vos fôsseis fornecidos os recursos de que careceis. Cordiaes saudações. — W. Braz.»

Um tanto encorajado com o concurso dessa autorisação, embóra augmentassem a cada passo as angustias da negra situação em que me via ante espectáculos sobremodo desoladores, pondo em pratica varias medidas que se impunham, contractei medicos, academicos, enfermeiros, pharmaceuticos e todo o pessoal imprecindivel e, adquirindo o material clinico e pharmaceutico indispensavel, pude melhor organizar o serviço, dahi em diante até terminar a amargurada phase do fastigio epidemico, jamais sentindo-se na execução dos trabalhos do «Pôsto», deve-se confessal-o, a mais pequena falha.

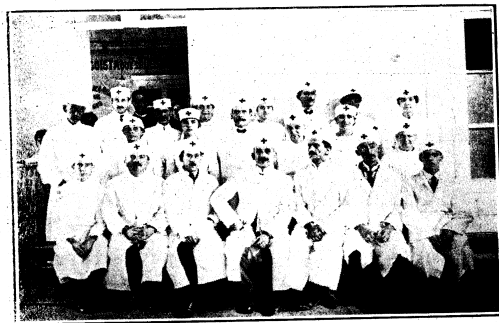


FIG. 4—Grupo do Director do «Pôsto da Assistencia á Infancia» Dr. Moncorvo Filho e alguns dos seus auxiliares : medicos, estudantes de Medicina, enfermeiros, etc.

Todo o pessoal com inegualavel solicitude prestava o seu concurso cheio de ardor, chegando até o sacrificio.

Citarei propositalmente nomes porque foram de tal ordem os serviços prestados que precisam ficar elles registados nas paginas deste livro.

Os meus colegas, alguns dos quaes acudiam aos consulentes ardendo em febre, comballidos pela doença, procurando fazer-lhes nascer as energias á custa de reiteradas injeções de óleo camphorado, que as enfermeiras lhes ministravam, foram de uma dedicação além de qualquer encomio e é com grande orgulho e summo prazer que pôsso citá-los aqui, guardando a ordem nominal dos que maiores títulos de benemerencia conquistaram nessa campanha contra a dôr e contra a morte.

Foram elles os Drs.: Maurity Santos, Octavio de Barros, Deutorando Emygdio de Meira Leite, Dr. Sylvio e Silva, Doutorando M. P. da Silva, Drs. Orlando Góes, Francisco Gomes Pinto, C. Leão, Eduardo Meirelles, J. de Azevedo, Sylvio Rego, Mario Pereira de Souza e Heitor Santos.

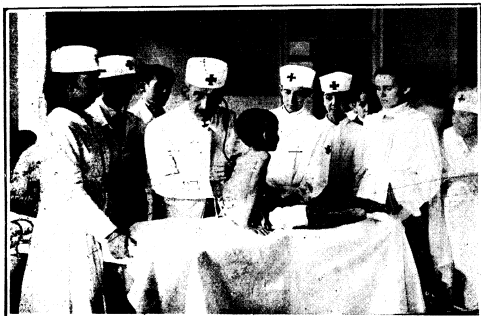


FIG. 5 — O Dr. Moncorvo Filho examinando no Pôsto que dirigia um doentinho de broncho-pneumonia grippal.

Alguns destes facultativos mal tiraram ao dia tempo para as refeições e para algumas horas de somno.

A Pharmacia, que funcçionava dia e noite con-

sagrada ao aviamento de milhares de formulas que a todos, sem distincção, eram distribuidas segundo a indicação medica, teve o seu pessoal constituido pelos Snrs. Demetrio Giovaninetti, Chefe, Alvaro Nogueira e Otto Bier, Sub-Chefes, Dr. Roberto Pacs, Dr. Renovato Meira, D. Carlota de Bem, Dra. Lincolnina de Iracema Gomes, Dra. Olga de Iracema Gomes e D. Maria Amalia Pórtes, Auxiliares



FIG. 6 — O Dr. Moncorvo Filho examinando um caso gravissimo de gripe, uma creancinha de 3 mezes.

O nome desta ultima Senhorita merece aqui especial destaque pois, em 20 de Outubro, quando mais intensa era a epidemia, offereceu-se para auxiliar desinteressadamente, os nossos trabalhos e então, com a maior dedicação, jamais abandonou o «Pôsto» sinão quando os seus valiosos serviços não se tornavam mais necessarios.

Auxiliaram sobremaneira o movimento do «Pôsto» as *Enfermeiras da Cruz Verde* (da Assistencia á Infancia) DD.: Joanna Silva, Adozinda Corrêa Maia, Carlota Gomes, Zilda Silva, Eugenia de An-

drade e Maria do Carmo Pereira e as auxiliares DD. Helena Jobim Lemmert, Leonor e Helena Costa, da mesma maneira que os academicos João Baptista da Silva Santos, Carlos Alberto do Espirito Santo Filho e os funcionarios do Instituto Snrs. Oscar Ribeiro de Medeiros e Washington Rodrigues, mais tarde tambem os Snrs. Orazimbo de Andrade, Edgard Araujo, Leopoldina de Andrade, Isaac Rosa, João de Oliveira, Olympia Rosa Soares e Julieta Carneiro.



FIG. 7 — Serviço de distribuição de generos alimenticios no «Pósto de Assistência á Infancia».

Tambem trabalharam no «Pósto» os Snrs. Murrillo Lavrador, Colombo Costa, Marcilio Moncorvo, Manoel Ferreira e Funcio Carneiro.

Para a regularidade mais perfeita dos trabalhos, creei no Estabelecimento uma secção de distribuição de generos alimenticios que occupava o local da «Gotta de Leite» e outras dependencias proximas, prestando-se a dirigil-a, com solicitude e zelo inegualaveis, o benemerito Membro da Directoria do Instituto Snr. Frederico Ferreira Lima, tendo por

incançaveis auxiliares os Drs. Arthur Cintra e Raul Guedes, este ultimo prestimoso Thezoureiro do Instituto, e as Exmas. Senhoras DD. Brazilina Guedes e Cecilia Mendes, dignas Damas da Assistencia á Infancia.



FIG. 8 — Os Drs. Moncorvo Filho (á direita) e Orlando Góes (á esquerda) e seus auxiliares medicando duas creancinhas.

Nessa Secção fazia-se a farta distribuição de pão, farinhas alimenticias, cereaes diversos, leite fresco, leite condensado e farinhas lacteas, gallinhas, etc., tendo-se elevado a 4.094 o numero das pessoas que receberam esse genero de soccôrro.

A administração do Instituto distribuia, nos casos necessarios, esmolas em moeda corrente, subsidiando varias familias indigentes para o custeio dos enterros.

Era tocante ver-se aquella léva de famintos arquejantes uns, a cahirem outros aqui, alli ou acolá com hemoptyses, crises de collapsio e de angina de peito, outros ainda em delirio intenso com esgares de loucos, todos carinhosamente amparados

por aquelle bando de bonissimas creaturas, tudo sacrificando n'um immenso amor ao proximo. E então ao mesmo tempo que uns empregavam as injeccões hypodermicas ou endovenosas, a sangria, as ventosas, a sinapisação, a revulsão pelo todo, os banhos, os balões de oxygenio e demais meios heroicos de salvamento, outros distribuiam generos, e o arroz, o café, o assucar, as farinhas alimenticias, o leite, o pão e as gallinhas eram com relativa fartura entregues diariamente aos que se viam nas mais deploraveis situações.

Raro não era ver-se um grupo de medicos e enfermeiras, com uma encantadôra dedicação, cercado um adulto pre-agonico ou um peliz na asphyxia de uma brocho-pneumonia, horas e dias a fio, na ansia de restituir-lhes a saúde o que tantas vezes conseguiam.

E eu, com as grandes responsabilidades que o momento de mim exigia, tudo tinha que ver, examinar e tratar carinhosamente centenas de infelizes doentes, cuidar da parte economica, da provisio de remedios, de roupa, do material sanitario de tudo emfim para que nada faltasse dia e noite, quasi sem poder arredar pé do «Pôsto» da Rua Visconde do Rio Branco; muitas vezes deixei de almoçar para jantar ás 11 horas da noite, quando não passava doze horas consecutivas, graças apenas á uma chavena de café, porque tempo não havia, de facto, para pensar na alimentação.

Quando, pelas necessidades da hygiene corporal, era obrigado a sahir em busca de meus penales á Rua Moura Brito, no começo de Conde de Bomfim, tracto que, nos tempos normaes, o meu *landauet* vencia nunca em mais de 10 minutos, gastava, nesses terriveis dias, duas e trez horas, porque em todo o percurso o meu automovel, transformado em ambulancia, com a sua flammula symbolica verde e branco com a respectiva cruz do cruzeiro e a inscripção «Assistencia á Infancia», muito conhecido por isso, era a cada passo assediado pela romaria de familias pobres que, em copioso pranto, surgiam de todas as esquinas, disputando o

soccôrro medico e os alimentos para a diétla dos seus doentes.

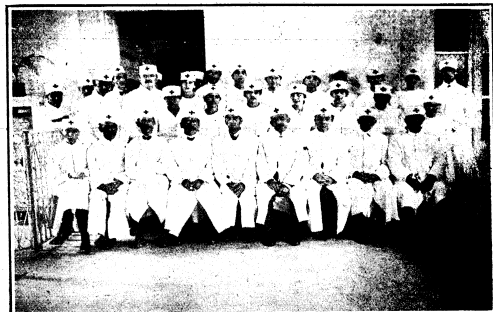


FIG. 9 — «Posto de Soccorros da Assistencia á Infancia». O Dr. Moncorvo Filho em grupo com seus auxiliares medicos, estudantes, enfermeiros, etc.

E ia eu, como podia, a todos attendendo, sem distincção de classe, nem de idade, procurando consolal-os e levantando-lhes o moral abatido.

E assim continuavam á correr os dias da tortura.

Até 21 de Outubro, quer dizer em 6 dias, já o «Pôsto da Assistencia á Infancia» havia soccorrido 2.523 pessoas e só nesse nefasto dia, o peor do «Pandemonio», acudimos a 802 individuos!

A despeito das grandes e dispendiosas partidas de medicamentos que adquiria no mercado, o consumo delles tão vultoso era no «Pôsto» que tive de recorrer á Directoria de Saúde Publica, que alguns kilos de quinina me forneceu para o nosso serviço.

Este cada vez mais penoso se tornava porque nossas forças se exauriam em trabalho que geralmente se iniciava ás 6 horas da manhã e entra-

trava algumas vezes até pela alta madrugada, sendo insufficiente o numero de horas que cada profissional, em repetidos plantões diários, consagrava ao movimento do «Pôsto». Em 22 de Outubro já ascendia a 3.051 o numero dos grippentos soccorridos naquella templo de caridade scientífica, onde então só havia sido registada, incluidos mesmo os encontrados agonicos, a insignificante cifra de 14 obitos.

O *Correio da Manhã* de 24 de Outubro informava nas seguintes linhas o que era o «Pôsto da Assistencia á Infancia».

«Poucas referencias têm apparecido aos enormes serviços prestados durante esses dias de epidemia, pelo «Pôsto» installado no Instituto de Protecção e Assistencia á Infancia do Rio de Janeiro.

Enfermos de todas as edades e atacados do mal em todos os seus grãos de intensidade, enchiam constantemente as salas do estabelecimento, inclusive o salão de honra.

Diariamente das 7 da manhã ás 7 da noite não ha alli um momento de repouso, tendo havido dias em que o serviço se prolongou até 9 e 10 horas da noite.

O aspecto que apresenta, ás horas do serviço, é verdadeiramente dantesco.

No meio de um concerto cavernoso de tosse, n'um fundo de physionomias esqualidas, abatidas, de olhos brilhando em febre, viam-se sobre as mezas crianças agonicas, cercadas por medicos de serviço e enfermeiras que procuravam manter-lhes a vida a custa de injeções.

Por outro lado as embrocações de iodo acudiam aos mais affectados dos pulmões. Enquanto isso, distribuia-se largamente capsulas de quinina, de thiocol, doses de calomelanos, vidros de alcoolato de canella, tudo emfim que fôsse remedio util para a tragica influenza.

Foi necessario installar um serviço de manipulação, improvisado na Secretaria do Instituto, sob a direcção do Snr. Demetrio Giovaninetti, que desde o dia 16 não tem tido um momento de des-

canço. Auxiliaram-n'o neste serviço, com um devotamento incançavel o Snr. Otto Bier, D. Maria Amalia Pórtes e Roberto Paes.

Os medicos tiveram de desenvolver um esforço sobrehumano, porque eram muito poucos para o serviço, pois deixaram de comparecer vinte delles.

Do dia 16 até ante-hontem foram soccorridos 3.109 doentes na séde do pôsto e mais 581 na via publica e em domicilio.

Em toda essa massa de soccorridos deram-se apenas 15 obitos, ainda assim mesmo de enfermos levados ao pôsto em estado desesperador, quando não era possivel mais nenhum soccorro util.

Diante da premente necessidade de attender, pela extensão da epidemia e a rapidez do acommettimento do terrivel mórbio, á quasi toda a população, entendi, sem tardança, dever organizar um serviço de ambulancias munidas de pessoal competente, material e alimentos e mandal-as aos pontos de devastação em que dominavam a miseria e o luto em toda a sua plenitude.



FIG. 10 — Posto improvisado, no Morro do Salgueiro, pelo Dr. Moncorvo Filho, o qual com seus auxiliares, amparou cerca de 500 doentes.

Assim em cinco e seis automóveis eu e os meus distintos e infatigáveis colegas Drs. Maurity Santos, Sylvio e Silva, Octavio de Barros, Emydio de Meira Leite e M. P. da Silva, diariamente saíamos acompanhados de enfermeiras, academicos e do pessoal subalterno, dirigindo-nos para os subúrbios ou para os mórros da cidade, attendendo outrosim a todos os chamados em domicilio em toda a área tanto urbana, como suburbana e rural desta Capital.

Foram assim soccôrridos, ao lado dos encontrados na via publica, muitos conduzidos por nós ao «Pôsto», 2.225 individuos, tendo nós fornecido, a todos, remedios, alimentos e auxilios em dinheiro.



FIG. 11—Romaria do pessoal do «Pôsto de Assistência á Infancia» no Morro do Salgueiro, acudindo á miséria e á doença alli existentes.

Entre os serviços prestados por essas «Caravanas do Bem» devem ser salientados os que fizemos no Mórro do Salgueiro, onde foram attendidos cerca de 500 doentes, no Mórro da Cruz, no

Andarahy, no Mórro do Telegrapho, na Estação da Mangueira, no Engenho de Dentro, no Encantado, em Cascadura, no Porto de Maria Angú, na Olaria, na Penha, em Ramos e outros.

Descrever o que em taes logares—os nossos olhos depararam, a miseria, a desolação e a dôr sob as suas mais negras côres, o painel mais apavorante do «Pandemonio de 1918», é totalmente impossível diante do copioso numero de scenas dantescas, macabras, que nos conturbavam o espirito, já tão abatido pelos transe porque vinhamos passando.

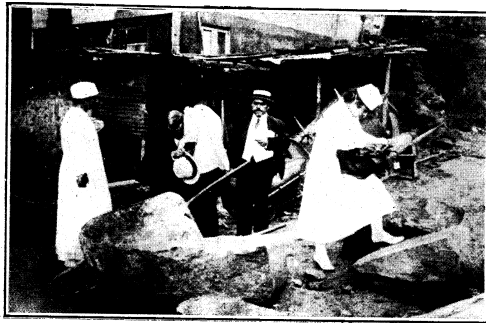


FIG. 12—O soccorro do «Posto de Assistência á Infancia» no Morro do Salgueiro. O Dr. Moncorvo examinando um doente. A seu lado se vê o benemerito capitalista Snr. Alvaro Dixon que se dignou acompanhar a «Caravana do Bem», como era cognominada.

Nesses logares, o *bas fond* de nossa Capital—, onde, nos tempos normaes, se encontra uma verdadeira aberração dos principios da civilização e a mais positiva negação da hygiene, constituído de centenas de casebres confinados que surgem de um

amontado de taboas de caixotes e latas velhas de kerozene e onde, na maior promiscuidade e imundície, á mingua de agua e de esgotos, vivem milhares de individuos passando fome e curtidos pela molestia, foi onde o malefico agente da epidemia maiores estragos produziu, porque além dos motivos expostos, sufficientes para comprehender-se o que se passava, o soccôrro official difficilmente lá attingia, nunca tendo chegado mesmo em alguns desses pontos.

As nossas «Caravanas do Bem» como eram conhecidas, sabiam a cada passo, mesmo sob a inclemencia do tempo, de dia ou de noite, quando sabiamos que em qualquer desses logares longinquos, alguns mesmo quasi inacessiveis, em montanhas ingremes, engorregadiças, estavam os seus habitantes atacados e com carencia de recursos.



FIG. 13 -- O Dr. Maurity Santos e enfermeiras acodem a dois doentes, sendo um pneumonico em estado gravissimo encontrado em um casebre do Morro do Salgueiro.

Photographias mandadas tirar pelos jornaes diarios e illustrados, dão uma pallida ideia do que

fôram nesse particular as nossas odysséas e documentam os extraordinarios serviços que á população pudemos prestar.

N'uma das diversas idas ao Môro do Salgueiro, na Fabrica das Chitas, um reporter da «Gazeta de Noticias» acompanhou a «Caravana» e, em detalhado commentary de 3 de Novembro de 1918, assim se exprimiu:

A salvação do Morro do Salgueiro Uma obra benemerita

O GRANDIOSO ESFÔRÇO DO INSTITUTO DE
ASSISTENCIA Á INFANCIA

O Dr. Moncorvo Filho, que a frente do Instituto de Protecção e Assistencia á Infancia, transformado em pósto de soccôrro á população flagellada... está prestando serviços tão relevantes á collectividade, organisou hontem uma comitiva para ir ao Môro do Salgueiro soccôrrer os seus infelizes moradores, reduzidos á mais tragica e á mais commovente situação.

Puderam assim, aquelle illustre medico e os seus abnegados auxiliares, verificar em toda a sua extensão o quadro tenebroso que aqui desenhámos, sem que para emocionar os corações bem formados tivéssemos necessidade de recorrer ao menor exagero.

Desde a chegada da comitiva ao alto do môro, onde uma verdadeira multidão de creaturas maltrapilhas e famintas se acerrou das pessoas que a compunham, estendendo-lhes supplices as mãos descarnadas, até a miseria extrema das pocilgas sem hygiene onde imperam a enfermidade, a fome, a nudez e a morte, a impressão por todos recebida foi a mais triste.

A comitiva do Dr. Moncorvo Filho, sob sua direcção, éra composta pelos Snrs. Frederico Fer-

reira Lima, Drs. Maurity Santos e Sylvio e Silva, enfermeiras DID Adozinda Maia, Carlota Gomes, Joanna Silva, Leonor Lemmert, Helena Costa e Manoela Castro e os serventes do Instituto João Casimiro e Claro da Silva Fraga.

Para bem aproveitar todo o tempo e tornar o mais eficiente possível a distribuição de soccórros medicos aos enfermos e de generos alimenticios aos necessitados, foram organisadas duas turmas, que se embrenharam pelos caminhos íngremes e tortuosos do môro, em demanda das mansardas, que foram visitadas uma por uma.



FIG. 14 — O soccôrro do «Pôsto da Assistencia á Infancia» no Môro do Salgueiro. O Dr. Maurity Santos e as enfermeiras cuidando de um sexagenario em estado gravissimo.

Emquanto isso, o Dr. Moncorvo Filho improvisava um pôsto de soccórros nas casinhas da Rua do Encanamento numeros 42 e 43.

A medida que, de casa em casa, as turmas de medicos, enfermeiras e serventes iam examinando o estado dos doentes e fornecendo medicamentos e

alimentos, no pôsto improvisado, o Dr. Moncorvo, com uma dedicacão admiravel, attendia a multidão que alli affluia para pedir um obulo e para se submeter a exames medicos.

Elevou-se a 96 o numero de soccorridos no pôsto, entre os quaes algumas dezenas de crianças de mezes de nascida atacadas de broncho-pneumonia.

Na sua peregrinacão pelos lares miseraveis, o Dr. Sylvio e Silva e as Snras. Manoela Castro e Carlota Gomes attenderam a 159 enfermos; o Dr. Maurity Santos e Mles. Leonor Lemmert e Joanna Silva a 56.

Quadros os mais tetricos, da mais commovente miseria, foram vistos nessas visitas de caridade.

Casebres ha por alli, onde a pobreza é tal, que os doentes se amontoam aos trez e aos quatro n'um só leito.

Tanto horror, tanta desgraça evidente, quão clamoroso é o abandono em que o governo tem deixado as populações desprotegidas dos pontos elevados da cidade!

E revólta ver-se, em face situacão tão triste, o Snr. Dr. C... M... com o maior desplante deste mundo, proclamar que o governo está aparelhado para combater o mal..., insidioso e terrivel que, além da morte e do luto, tem levado a todos os lares pobres a mais completa desorganisação.

Emquanto o M... da J... leva a mentir ao povo sobre o triste estado de cousas que atravessamos, a «Gazeta» vae revelando, nas suas visitas aos pontos de habitação das classes proletarias, horriveis quadros como esse a que assistiu hontem a comitiva organizada pelo Dr. Moncorvo Filho, que vae prestando aos humildes e aos miseraveis tão benemeritos serviços.

Valham aos menos áquelles que nada devem ao governo senão a tremenda desgraça que os flagella, a magnanimidade das almas boas, os nobres e generosos impulsos da caridade».

Para se aferir ainda mais do que era a desolação nesse arrabalde montanhoso da nossa tão

linda Capital, basta que se lembre aqui a impressão de um outro reporter da mesma «Gazeta de Noticias» e que, em 3 de Novembro, quer dizer no mesmo dia que noticiava a nossa romaria aquelle local, escrevia topicos como estes:

«O mórro do Salgueiro, com suas centenas de «caixas de phosphoros», como uma cunha gigantesca, fica a cavalleiro do bairro da Fabrica das Chitas».

.....
E descreve então a sua visita ao local:

«A vinte passos, em plena rampa á direita, ante olhares avidos que indagavam da nossa presença, atirámos uma pergunta a um grupo que estacionava em frente de um miserando casebre: «Ha por aqui doentes?» Snr. Doutor — diz-nos a preta Malvina Isabel da Conceição — «eu tenho duas doentes».

Guiando-nos, entramos em sua casa. Que espectáculo presenciámos!

Duas velhinhas, acodradas nos cantos da entrada do unico quarto que esse casebre possui, de finhavam ardendo em febre, em pleno chão frio, de terra batida e humida!

A' Malvina offerecemos um vidro da poção n. 3, dando-lhe todas as indicações para serem ministradas ás velhinhas.

Mais além, dez passos se tanto, apontaram-n'os uma casa de onde sahiam uns uiuos hydrophobos.

Transpuzemos a unica alcôva; a miseria e a morte fizeram pousada nesse lar. Estirada no chão, convulsionava Mathilde Felicidade, que, victima de grippe, tivera uma suspensão e, louca, ha dois dias gritava enfurecidamente, clamando ora por soccorro, ora que a queriam matar. Em vão seus gritos lascinantes não descem mórro abaixo.

Mais além, trazidos pela policia, descem dois cadaveres amortalhados nos rabecões policiaes.

Aqui n'um quarto, que de altura não tem mais de um metro e oitenta e de profundidade e largura outro tanto, jazem estendidas cinco creancinhas que, dizem, estão sob a guarda carinhosa da «Assisten-

cia á Infancia» e uma vehlinha de 70 annos Horacia de tal!

Ahi dentro o ar era irrespiravel, mórno e nauseabundo!

Mais adiante, variando, sentado n'uma esteira enrolada, gemia Antonio Lopes, tendo como amparo seu irmão Carlindo que, convalescente, nos abriu sua porta.

Casos como estes vimos ás dezenas, e em toda a parte; mais que a propria *hespanheta* está mantendo a extrema miseria.

Aqui, alli e além por onde andámos, tudo faltava e em alguns destes miseros lares nem assucar possuíam para auxiliar a ingestão dos remedios!

Onde a nossa natureza, horrorisada estacou, surpreza pelo doloroso espectáculo que a desgraça offerecia, foi na morada de Rita Eponina: enquanto agonisava uma de suas filhas, uma negrinha de 4 annos, duas outras, desamparadas, jaziam mortas estendidas no duro chão.

Ahi, onde um vivente mal teria o ar necessario para respirar, promiscuamente, no entanto, dormiam nove pessoas.

Os soccórros domiciliares não remontaram os trilhos que vão aos casebres do mórro do Salgueiro; apenas os poucos, que eram muitos, foram ministrados pelo Dr. Moncorvo que até fez de seu lar um pósto de distribuição aos necessitados: por um padre que por lá andou tomando informações pela familia do velho Salgueiro que ahi mora e pelas familias abastadas do bairro.

O mórro do Salgueiro, que continúa a dar o maior coefficiente de mortalidade no bairro da Fabrica das Chitas, despóvoa-se á mingua de todos os recursos.

Lá nesse outr'ora aprazível recanto, si quanto antes não se fizeram sentir as providencias urgentes e precisas do governo, a hecatombe será geral, victimando a miseria os poucos convalescentes que a grippe poupou.

Não deixamos em abandono a pobre gente do Mórro do Salgueiro e em reiteradas visitas alli,

acudimos á sua população, levando-lhes sempre, além do soccôrro medico, muitos generos, leite, pão, farinhas, etc., e deixando-lhe esmolos em dinheiro.



FIG. 15 — O soccôrro do «Posto da Assistencia á Infancia» no Mórro dos Telegraphos na (Estação da Mangueira) O Dr. Octavio de Barros, com uma enfermeira, acudindo a centenas de doentes.

A «Gazeta», entre outros jornaes, estampou varios *clichés* dos differentes aspectos, surprehendidos pelo seu photographo, da nossa acção humanitaria naquellê Mórro, como em varios outros logares, onde dominava igualmente a desgraça e o luto.

No mórro da Arrelia, no Andarahy, no da Mangueira e outros foram visitados pelo abnegado pessoal da «Assistencia á Infancia» centenas de gripentos e acudido grande numero de doentes encontrados em abandono nas maltas desses rincões.

Ainda temos bem presente na imaginação a-quelle caso macabro, que em linhas atraz cilei, dos nove pretos encontrados, na mesma casa, mórtoes pela doença e pela fome!

As romarias que fizemos aos suburbios com automoveis e ambulancias, pessoal de medicos e enfermeiros e grande copia de generos e de garrafas de leite, permittiram-nos assistir a quadros verdadeiramente innervantes pela brutalidade dos acontecimentos.

Mal chegava com o seu pessoal a um suburbio, como se deu no Ençantado, no Engenho de Dentro e em Cascadura, o nosso automovel era asediado por uma multidão em miseravel situação, ardendo em febre, uns em delirio franco, com crises asphyxicas de pneumonia, a bradarem outros por alimentos porque morriam á fome!



FIG. 16 — O Dr. P. da Silva medico do «Pôsto da Assistencia á Infancia», examinando um adulto affectado de gripe na Estação de Mangueira num dia de chuva.

E com uma actividade intensa, arrojando as inclemencias do tempo, não raro, sob chuva fina e humidade penetrante, distribuiamos por alli a passar tintura de iodo em uns, a fazer injectões em outros, tudo isso no meio de ruas lamacentas

e esburacadas, sob a escuridão absoluta da noite, em logares sem iluminação publica, e a mór parte das vezes quasi pelo tacto e com o auxilio de phosphoros que os auxiliares ascendiam...

Eram scenas horribes' essas!

Foi tão extraordinaria a movimentação dos nossos serviços de beneficencia publica durante o martyrio do «Pandemonio de 1918» que seria lacuna imperdoavel deixar de reportar-me á sua estatistica, tanto mais quanto ella revela dados sobremódo interessantes.



FIG. 17 — O soccôrro do «Posto da Assistencia á Infancia» no mórro da Estação da Mangueira. O Dr. Octavio de Barros, auxiliado por uma enfermeira, acóde a um doente grave.

Pelo movimento do Pôsto da «Assistencia á Infancia», segundo os dados até hoje publicados, o mais concórrido por occasião do surto epidemico, verifica-se que, de 16 de Outubro á 6 de Novembro de 1918, isto é em 22 dias, foram soccórridos:

Adultos	2.669	
Crianças.....	5 562	8.231
Doentes em domicilio e na via publica (crianças e adultos)	2.225	
Total.....	10.456	

Em nosso estabelecimento, pois, aberto ao publico, emquanto o numero de creanças foi de 5.562, o dos adultos elevou-se apenas a 2.669. A mesma correlação foi verificada entre os doentes soccórridos em domicilio e na via publica.

Si é certo que o mal muito poupou os maiores de 40 annos, estes sendo acomettidos envolvendo a doença com feição benigna, como pude observar, não se pôde deixar de reconhecer que, a despeito das asseverações de Hutinel, Darré, Cadet de Cassicourt, Comby, Netter e outros, pretendendo seja rara a gripe na infancia e segundo alguns até quasi excepcional em idade abaixo de um anno, se deve, a bem da verdade, resaltar que, pelo menos no decórrer dos tenebrosos dias da nossa epidemia, elevada se revelou a cifra de doentinhos da primeira idade e até de recém-nascidos. A lenda da immunidadade da infancia não procede pois.

O mal não poupou nem raças, nem sexos, nem edades, a excepção dos maiores de 40 annos.

Aliás Henri Gillet, em seu excellente capitulo do «Tratado de Molestias da Infancia», de Grancher e Comby, já mostrara as grandes devastações que a gripe entre as creanças houvera feito em alguns surtos epidemicos na Europa como os de 1414, 1421, 1427, 1888-1890, 1892-1893 e 1900. Em certas epidemias, conforme assignalaram Flessinger, Perronet e Breton, notou-se uma grande predominancia pelas creanças e até de tenra idade. Gillet, Pery, J. Para e Kanellis viram a influenza atacar as creanças abaixo de 6 mezes, o ultimo desses autores chegando até a observar a predilecção do mal pelos pequeninos dessa idade.

Valendo a pena conhecer-se a estatistica detalhada do Pôsto da «Assistencia á Infancia» em rela-

ção as edades, constitui um grupo de 1.739 creanças em que, com precisão, pude registar dados para observação. Eis-a:

Menores de um mez (de 5 a 22 dias) ..	7		
De um mez ..	10		
» 2 mezes ..	15		
» 3 mezes ..	29		
» 4 » ..	19		
» 5 » ..	31		
» 6 » ..	29		
» 7 » ..	19		
» 8 » ..	20		
» 9 » ..	21		
» 10 » ..	24		
» 11 » ..	22	246	
» 1 anno ..	246	246..	492
» 2 annos ..	317		
» 3 » ..	84		
» 4 » ..	130		
» 5 » ..	111		
» 6 » ..	106		
» 7 » ..	71		
» 8 » ..	97		
» 9 » ..	59		
» 10 » ..	78		
» 11 » ..	57		
» 12 » ..	49		
» 13 » ..	45		
» 14 » ..	43	1.247	
	1.739	1.739	

Como se vê, dentre as 1.739 creanças desta estatística, 492 (ou sejam approximadamente 28%) pertenciam ao primeiro anno e encontrando-se até recém-nascidos de 5 a 22 dias; o maximo foi atingido aos dois annos, decrescendo progressivamente dos quatro annos em diante, em que o algarismo foi de 130, até a idade de 14 annos concorrendo com a cifra de 43 creanças grippadas.

Em relação aos adultos é interessante o que revelou a estatística do Pôsto:

Sobre 2.669 adultos de ambos os sexos soccôrridos, eram maiores de 40 annos apenas 252, quer dizer 9,6%.

Eram elles das seguintes edades:

De 40 a 50 annos ..	183
» 51 a 60 » ..	45
» 61 a 70 » ..	22
» 71 a 80 » ..	2
Somma ..	252

Estes dados comprovam a minha asserção de que, pelo menos na ultima epidemia de grippe, os maiores de 40 annos foram muito poupados relativamente ás creanças e principalmente aos individuos dos 20 aos 30 annos.

Quem com attenção leu o historico a que procedi neste livro, em relação as epidemias de influenza havidas em nosso paiz, particularmente nesta Capital, lembrar-se-ha de que os epidemiologistas, sobretudo Barão de Lavradio, salvo uma ou outra excepção, assignalaram sempre a impetuosidade, aqui verificada, com que o mal sempre accommetteu a infancia.

Em 1918 ainda as creanças bastante soffreram, facto por mim averiguado com segurança, contradizendo a opinião corrente, entre nós mesmo, de que a grippe houvera poupado os individuos de baixa idade.

Bem sei que a indole deste livro não comportaria qualquer explanação sobre as fôrmas clinicas e complicações da grave doença que em nosso meio recebeu o epitheto popular da *hespanhola*.

Os fructos da observação, porém, impellem-me a pedir venia ao leitor para n'um verdadeiro parenthesis aqui deixar embôra syntheticamente esteriotypada a minha opinião, harmonisada com a dos distinctos collegas que me acompanharam nesse transe doloroso em que nos achámos.

Sem me cingir absolutamente a orientação dos tratadistas e procurando com sinceridade emittir o meu juizo despretençioso sobre o que observei e pude registar, acho que a grippe, na ultima epidemia, assumiu fôrmas, desde a mais benigna, frequente nas creanças, de caracter frusto muitas vezes, até a da mais intensa gravidade, lembrando o

o quadro dos grandes processos morbidos, espectaculosos, deixando aturrido o clinico mais experimentado.

Desprezando a classificação classica baseada no aspecto da evolução do mal — a *forma benigna*, a *de media intensidade* e a *grave*, — melhor parece dever-se considerar, como em seguida faço, as differentes modalidades porque o mórbido se apresentou, grupando-as pelo numero extraordinario de casos revelando os mesmos quadros clinicos.

Dessa sorte razoavel será considerar quatro as formas da gripe que assolou o Brazil: a *nervosa*, a *pulmonar*, a *hemorrhagica* e a *exanthematica*.

Forma nervosa — Sem querer penetrar na discussão da questão da pathogenia do mal, pois que a bacteriologia, sob tal ponto de vista, em todas as epidemias no mundo observadas tem vivido incerta e dando logar aos mais desencontrados juizes, mister é salientar a extrêma virulencia com que se mostrou o germe especifico da doença e o daquellas que tão frequentemente a acompanhavam, acarretando até gravissimas complicações.

Sem duvida a forma nervosa foi a mais communmente observada: accommettimento subito, congestão facial, cephalalgias, dores generalisadas, asthenia profunda, vomitos, febre alta, etc..

Taes phenomenos podendo durar de 2 a 5 dias, não raro eram agravados por complicações as mais serias. Tive ensejo de apreciar casos, em não pequeno numero, de collapsio e de perturbações nervosas, vindo até os doentes a fallecer de meningite ou de encephalite.

Vi a par destes, casos que se poderiam talvez enquadrar na forma apyretica de Filatow e outros de forma ephemera.

Forma pulmonar — Assaz frequente. Iniciando-se pelo coryza, tóse secca e phenomenos geraes: febre, depressão, accommettimento do pneumo-gastrico, dyspnéa, etc., não tardando a desenharse nitidamente rudosa bronchiite, e extensa, com abundante expectoração.

Nos adultos a invasão pneumonica, com todo o

seu côrtejo de symptomas, na ultima epidemia foi de observação vulgar. A broncho-pneumonia, mais rara em idade superior á puberdade, e a bronchite capillar atacaram de preferencia a infancia.

Foram assaz frequentes na anginas, as rhinites, tracheo-laryngites e outras, sendo-me dado observar complicações as mais serias para as quaes é de utilidade chamar a attenção.

Casos de gripe vi em grande numero em creanças portadoras de coqueluche, asthma e adenopathia tracheo bronchica, emprestando ao quadro morbido o prognostico mais sombrio.

Entre os doentinhos grippentos tratados no «Pôsto da Assistencia á Infancia» dois achavam-se affectados de angina diphterica comprovada pela bacteriologia.

O que sobremodo impressionou os medicos os mais experimentados na clinica, foi o numero algo exagerado dos accommettidos de pleuriz, com ou sem derrame, observados no curso da ultima epidemia. Entre as creanças e até de tenra idade não raros casos cahiram sob a minha inspecção e até alguns de pleuriz purulento.

Forma hemorrhagica —, que se poderia talvez cognominar ataxo-adynamica, pela phenomenologia que revelava, foi observada muitas e reiteradas vezes. Afóra os casos de simples epistaxis, até certo ponto communs na gripe, outros houve em que, á par da maxima gravidade lembrando as grandes infecções como a febre amarella ou a peste, observavam-se hemorrhagias labiaes ou gengivales, hemoptyses, a purpura, a hemathemése, enterorrhagias copiosas, zombando muitas vezes da mais acertada medicação.

A adynamia era phenomeno commun e convém que seja chamada a attenção para o não pequeno numero de casos em que o devastador mórbido, pelas suas toxinas algogenicas, arrastou os doentes, tanto adultos como creanças, ao estado de hypothermia, baixando a temperatura, ao lado do precarissimo estado geral, a 35° e mesmo 34° e meio como me foi dado verificar. Clemente Ferreira já

houvéra chamado a atenção para esse facto, também de sua observação, na epidemia que grassára entre nós em 1895.

Fôrma exanthematica. — Foi também observada, revestindo até aspectos os mais diversos, desde o simples erythema até a erupção de character intenso simulando a roséola, o sarampão ou a escarlatina.

No curso da convalescença da gripe com frequência se verificaram: o ecthyma, o eczema, a furunculose e outras dermatoses.

E' preciso quando se trata da gripe, não se queira vel-a sempre com o seu *cachet* especial, com os característicos, enfim, das fôrmas descriptas. Quem esteve em face da calamidade foi preciso reconhecer que a temida doença em um sem numero de casos não evolvia com uma marcha univoca nem regular, maximé na infancia, o que bem exalta a verdade das grandes palavras do grande Henri Huchard «une maladie à méprises et à réprises.»

Além das citadas no correr da succinta descrição que venho fazendo das fôrmas clinicas da doença, não será demais salientar algumas complicações da maior gravidade com que se viu assediada a nossa população tão impiedosamente acometida pela gripe *hespanhola*.

Embóra a opinião de alguns clinicos de que entre nós se verificou com relativa frequência, na ultima endemia, a localisação gastro-intestinal da doença, a ponto de chegarem a querer consideral-a uma fôrma clinica autochtone — a «gripe intestinal» —, coadunando-se a minha observação com o juizo dos melhores autores, penso não proceder tal modo de considerar.

De facto, a não ser leves perturbações do aparelho digestivo que acompanham quaesquer infecções de raros casos de enterite, de colite ou enterocolite dysenteriforme em que predominava sempre o cortejo de qualquer das fôrmas por mim admittidas, os symptomas graves para o lado do aparelho gastro-intestinal, via de regra, não dominavam o quadro clinico.

Este modo de ver confirma os muito bem orientados trabalhos de anatomia pathologica de Jürgens, Weichselbaun e outros, secundados pela opinião do sabio Professor Netter.

Alguns casos de *angina pectoris* tive occasião de observar em adultos de ambos os sexos.

Otitis seguidas de otorrhéa foram de frequência notavel.

Entre as perturbações para o lado do systema nervoso, grande foi a variedade observada, desde as nevralgias ou o mais simples delirio até o côma, a meningite, a encephalite, as psychoses, a debilidade mental e até as paralyrias.

As nephritis mais raramente se assignalaram, da mesma maneira que o rheumatismo localizado.

Tive a oportunidade de verificar em varios doentes a osteite do maxillar, nada menos de seis ainda em tratamento mezes depois no Serviço de Cirurgia do Dispensario Moncorvo a cargo do Dr. Sylvio Rego, e bem assim um caso de osteomyelite das tibias consecutiva á gripe e que observei em uma menina de 5 annos.

Cahiram sob a minha inspecção dois doentes de noma (grangrena da bocca) no curso do mal epidemico, um delles sendo simultaneamente portador de um pleuriz purulento.

Como um facto curioso deve ser citado, o de um doentinho de 9 annos soccôrrido pelo Dr. Maurity Santos e que, accommettido de influenza, teve uma gravissima peritonite.

Esse illustre companheiro, um dos maiores heróes dessa campanha formidavel, poudé também registrar um caso digno de admiração pelas circunstancias que o cercaram.

N'um dos dias de maior azafama do «Pandemonio», o Dr. Maurity Santos, apressado, passava pela rua Frei Caneca para accudir ao appello de varios doentes quando uma senhora, em estado de verdadeiro desvario, lhe péde soccôrro para um filho de nove annos que morria asphyxiado por uma angina!

O dedicado clinico subiu com rapidez extrema

as escadas do sobrado que habitava o doentinho, e em face do quadro aterrador, encontrando-o imóvel, cyanotico, sem pulso, face cadaverica, succumbindo enfim a uma implacavel asphyxia, só teve tempo de passar a mão em um *bisturi* ao seu alcance e n'um golpe seguro o firme ao longo do pescoço, deixava immediatamente aberta a trachéa por onde penetrava em jacto atravez de uma canula, instantaneamente, o ar nos pulmões da pobre creança que, respirando então, estava salva! De certo succumbiria ella si lhe não valesse aquella providencial interferencia, graças ao cérebro culto e a grande habilidade do collega que a accudira.

Afóra todos esses casos, como foi de observação, a doença epidemica sacrificou numerozo grupo de tuberculosos latentes, em muitos outros individuos até então aparentemente sãos, abrindo-lhes a porta para a invasão de virulento bacillo de Koch.

Completando assim o esboço da descripção das formas clinicas do impiedoso mal e que me animei a fazer nas linhas acima, lícito me seja ainda alguma cousa referir tambem acerca do tratamento da cruel doença, sobretudo porque menor não é o interesse da questão, dadas as condições de momento.

Ponto sobremódo discutido entre nós, como o tem succedido tambem por toda a parte, quer no Novo quer no Velho continente, por occasião dos grandes surtos epidemicos da grippe, não pretendo aqui dissertar sobre tão delicado assumpto, mas somente alludir á orientação que tive de dar a minha acção sob tal ponto de vista ante a difficil situação que se me deparou em 16 de Outubro do fatidico anno.

Tendo em conta ser a influenza uma doença proteiforme, de caracter intensivo, com frequencia aggravada por accidentes espectaculosos exigindo prompta e energica intervenção, muito logico é comprehender-se a razão pela qual a maioria dos mais provecos tratadistas proclamaram a thera-

peutica symptomatica, desdenhando de uma medicação especifica.

Eu e os meus abnegados collegas do Posto da «Assistencia á Infancia», embora não nos querendo affastar de tal modo de proceder, sentimo-nos, toda a gente póde bem imaginar, em emergencia difficilima, de um lado, pela suspensão quasi completa do trabalho nas pharrnacias e drogarias desta Capital e, de outro, pela grande falta existente no mercado, dos principaes medicamentos aconselhados ao caso.

Preciso tornou-se então uma providencia présta e efficaz, com certa uniformidade de vistas, o que me levou a estabelecer a therapeutica basica constituida pela quinina associada ao alcoolato de canella (5 grammas de essencia de canella dissolvida em q. s. de alcool absoluto para 100 cc.), procurando ministrar aos doentes todos os demais recursos que os casos de momento exigiam: inhalações de oxygenio, menthol ou gomenol, revulsão pela tintura de iodo nos casos extremos até pelo vesicatorio, emprego de antithermicos (antipyrina, phenacetina, aspirina, salicylato de sodio, acetato de ammonia, envoltorios ou banhos frios ou quentes), de antitarrhaes (thiocol, benzoato de sodio e de ammonia, terpina, etc.), da ipeca, de tonicos como: injectões de oleo camphorado, cafeina, esparteina ou soro physiologico e de hemostaticos (antipyrina, asaprol, ergotina, hemetina e chloreto de calcio). Como purgativo tiveram a melhor applicação os salinos.

Si não foram praticados os methodos de Baccelli, o da autohemotherapy, dos abscessos de fixação, o da vaccinação jenneriana ou o soro do cavallo, por alguns proclamados na época epidemica, tanto quanto possivel se ensaou o tratamento pelos colloidaes de ouro, de enxofre, o electrargol, a ionase e outros.

O methodo therapeutico a que a situação em tremendo transe conduziu, teve em poucos dias de ficar circumscripta á applicação, antes de mais, de um purgativo salino (sulfato de magnesia ou de

sodio), seguido de uso da quinina associada ao alcoolato de canella na dóse de uma colher de café em meio côpo de agua com assucar, de 3 em 3 horas, para os adultos, e, guardada a mesma posologia, mas constituindo uma poção em que cada colher de chá daquelle soluto continha 10 centigrammas de um sal de quinina, para ser administrado ás creanças, ás colheres de chá de 2, de 3 ou de 4 em 4 horas.

De um módo geral pôde-se affirmar que mais de dez mil doentes de todas as edades e ambos os sexos foram assim tratados, usando quasi sem excepção da canella e da quinina, com o mais benefico resultado, ficando provado os bons effeitos da canella como tonico e abórtivo da grippe, e que, segundo a indicação de um medico inglez, havia o Dr. Carlos Seidl recommendado logo no inicio da epidemia, sem que jamais fôsse, por outro lado, a mim ou aos meus collegas, dado observar qualquer accidente do uso desse agente therapeutico.

Deve-se entretanto salientar que o alcoolato de canella foi sempre sob o maior escrupulo preparado na Pharmacia então installada no Instituto.

Que o methodo therapeutico por mim estatuido foi de efficacia inconcussa, ahi estão para affirmar-o além dos eloquentes dados da estatistica mortuaria (9 por mil), a opinião dos meus auxiliares, distinctos observadores e que, desde o começo do «Pandemonio», tiveram commigo occasião de poder apreciar detidamente os resultados maravilhosos do methodo.

Ainda não iam em meio os trabalhos do Pôsto e a fama adquirida pela tão simples therapeutica echôara de tal módo que até dos Estados me solicitavam com avidez, frascos do alcoolato de canella que empregavamos, o que sempre com boa vontade attendi, fazendo grandes remessas para Minas, Espirito Santo, Estado do Rio e S. Paulo, a pedido de pessoas altamente collocadas inclusive Senadores e Deputados.

Fallarei agora algo sobre a *mortalidade verifi-*

cada entre os doentes que soccórremos em nosso «Pôsto.»

Por motivos que escapam ao conhecimento da nossa população, jamais até hoje com precisão, sabido foi o numero total dos obitos da influenza *hespanhola* occórridos nesta cidade, desde o inicio da epidemia, em Setembro, até o meiado do mez de Novembro em que teve o seu declinio animador. De um módo approximado affirmou a Demographia Official haver sido em numero de 12.386 os obitos de grippe registados nos trez ultimos mezes de 1918. O que porém ficou patente, o que profundamente abalou o moral do nosso povo, e com razão, foi o excessivo numero dos que succumbiam pela miseria, pela fome e pela falta de soccôrro medico e pharmaceutico.

Quem escreve estas linhas e todos quantos o ajudaram na epidemia e na exhaustiva missão a que se propuzeram na execução dos Serviços do Pôsto da «Assistencia á Infancia» já na sua séde, já nas turgurias da pobreza aglomerada nos suburbios, mórros e outras zonas esquecidas, onde dorme o infortunio, a privação, o abandono e a ignorancia, tiveram a dolorosa oportunidade de sentir todo o horror de scenas verdadeiramente dantescas, macabras, pela sua hediondez de descripção impossivel.

Aqui eram mãe, pae, filhos e parentes, n'um confinado ambiente de insufficiente cubagem, ardoendo em fébre, pneumonicos delirando ou cômatosos; alli era uma pobre creancinha, ou duas ou trez, sobre o sólo da terra humida, ao abandono, uma ou outra nos estertores da agonía; acolá era uma familia inteira de nove pessoas encontradas mórta á mingua de qualquer recurso, em attitudes apavorantes, sentadas umas, outras encostadas á parede, outras ainda estendidas sobre o sólo, encafurnadas todas em uma palhoça constituída por um telheiro de latas enferrujadas!...

Impossivel a descripção dos negros quadros que eu e os meus prestimosos collaboradores presenciavamos no meio de tantos gemidos, tantas dôres

e tantas lagrimas e que talvez fossem muito mino-
radas si o mal tivesse encontrado o nosso meio em
situação differente da que infelizmente defron-
tou.

E tenho mais tanto mais razão de assim ima-
ginar quanto a estatística que pudemos apresentar
bem alto falla em prol do valor dos cuidados de-
dicados e proficientemente consagrados, em parti-
cular, da energia e do criterio da applicação thera-
peutica.

De facto, tendo o Posto da «Assistencia á In-
fancia» podido amparar de 16 de Outubro á 6 de
Novembro, 10.456 individuos (adultos e creanças
de ambos os sexos) só falleceram 95 o que fornece
um algarismo global de 9 por mil, coëfficiente mi-
nimo em relação a lethalidade geral então obser-
vada.

Tendo-se em conta que não pequeno numero
desses obitos se referem a individuos aos quaes o
nosso soccôrro chegou quando já os doentes se
achavam agonicos, a cifra alludida ficará reduzida
á uma taxa de mortalidade exiguissima em face da
impetuosidade e da gravidade com que a grippe
acometteu a nossa população.

Os obitos registados eram:

de adultos.....	5
de creanças.....	90
Total.....	95

As causas de morte foram as seguintes :

Diversas fórmãs de grippe.....	50
Broncho-pneumonia.....	41
Meningo-encephalite.....	1
Myocardite.....	1
Tuberculose.....	1
Atrophia.....	1
Total.....	95

Quanto as edades, os obitos assim se distri-
buam:

1 mez.....	2	
2 mezes.....	1	
3 ».....	1	
4 ».....	2	
5 ».....	2	
6 ».....	6	
7 ».....	4	
8 ».....	3	
9 ».....	5	
10 ».....	2	
11 ».....	2	
1 anno.....	26	
2 annos.....	13	
3 ».....	8	
4 ».....	3	
5 ».....	5	
6 ».....	1	
7 ».....	0	
10 ».....	1	
14 ».....	1	90
16 ».....	1	
19 ».....	2	
20 ».....	1	
24 ».....	1	5
Total.....	95	95

Da inspecção dos dados que ahí ficam depre-
hende-se conclusões de importancia não só de or-
dem medica mas tambem social.

O maior numero de obitos affectou justamente a
infancia (90:5), a broncho-pneumonia, como é com-
mum nas epidemias de grippe, muito calcando o
dizimo mortuario da estatística do «Posto». Em re-
lação ainda as edades das creanças fallecidas, de-
ve-se referir que, emquanto somente 32 eram maio-
res de um anno, elevou-se a 78 o algarismo das
que succumbiram no curso dos primeiros doze me-
zes.

Exactamente á conclusões semelhantes chega-
ram as estatísticas publicadas pela Directoria Sa-
nitaria do Estado de S. Paulo nas quaes se vê
«que foi na idade menor de quatro annos que

mais se accentuou a mortalidade da gripe, dando 37,5 por cento, occupando o segundo lugar o grupo de 20 a 40 annos, com a percentagem de 37,7. Os maiores de 50 annos foram os mais poupados».

Referindo-se a mortalidade do grupo de 0 a 1 annos, a Demographia paulista informa ainda ter sido ella de 17,0 por cento. —

No dia 6 de Novembro de 1918, tendo a epidemia entrado francamente em declinio, não se tornando mais necessario medidas extraordinarias, encerrava eu os trabalhos do Posto de soccorros, da «Assistencia á Infancia», remetendo ao Governo minucioso relatorio e a respectiva prestação de contas.

O final desse relatorio dirigido ao Dr. Urbano dos Santos, então Ministro do Interior, dizia o seguinte:

O computo dos serviços prestados pelo Posto

Embora não fôsse possível estimar em moeda corrente os relevantes e dedicadissimos serviços do Posto da «Assistencia á Infancia» por toda a gente apreciados durante o curso da epidemia de influenza *hispânica*, cumpre-me scientificar a V. Ex. que, na execução de taes serviços impoz-se á esta Administração a necessidade de despende a somma total de trinta e seis contos, duzentos e quarenta e seis mil, quinhentos e cincoenta réis (Rs. 36:246\$550).

Tendo em consideração haver-se com esta somma podido carinhosamente soccorrer 10.456 individuos, resulta concluir-se que o custo de cada um dos soccorridos ficou por 3\$466, o que é sobremodo exíguo.

Querendo-se calcular os benefícios prodigalissimos, embora sob minima avaliação, pôde-se obter os seguintes dados:

Consultas (avaliadas a 5\$000 cada uma).....	41:155\$000
Remedios (a 25\$00 cada um)	26:140\$000
Visitas a domicilio (a 10\$000 cada uma)	22:23\$000
Auxilios em dinheiro.....	3:00\$000
Alimentos distribuidos a 4.094 pessoas	64:7\$600
Total.....	98:992\$600

d'onde, fácil é inferir que cada protegido do «Posto», recebeu, na média, soccorros computados na importancia de cerca de 10\$000.

Estes dados vem ainda uma vez provar que a beneficencia publica bem orientada é de resultados fecundos e, com jubilo, pôsso deixar consignado nestas linhas o grande concurso da munificencia particular á boa execução dos trabalhos do nosso Posto.

Obulos varios, tanto em dinheiro como em generos alimenticios e outros, de muito valeram para chegar-se ao resultado conseguido, e não permitindo a extensão deste relatorio a enumeração de todos esses benemeritos, seja-me licito citar, ao menos, o grande rasgo de generosidade de um conhecido capitalista desta cidade, (*) sempre solícito a acudir a pobreza, que, pedindo occultar-lhe o nome, me

(*) Depois de escripta esta obra, á insistencia minha consegui que esse grande philanthropo deixasse publicar o seu nome, descrevendo a scena que se passou por occasião desse seu gesto munificente.

Refere-se elle ao Dr. Julio Benedicto Ottoni, talvez o maior benemerito brasileiro, pois de velha data vem empregando toda a sua fortuna em obras de caridade.

A historia daquelle donativo do Dr. Julio Ottoni é simples, mas muito commovedora. Quando cada vez mais aturrido me achava, já esgotado de forças e sobretudo de dinheiro, após alguns dias que funcionava o «Posto» da Rua Visconde do Rio Branco, percebi que a enorme concurrencia de doentes e de famintos, nesse dia tormentoso já havendo attingido a mais de mil, iria fatalmente arrastar-me ao fechamento do «Posto», por falta de recursos!

Foi quando senti estreitar-me em cordialissimo amplexo o Dr. Julio Ottoni, que, banhado em copioso pranto por haver assistido alli ás mais dolorosas scenas, me entregava o valiosissimo obulo citado para occorrer ás despezas urgentissimas.

...E foi graças a esse gesto de suprema benemerencia que o «Posto de Soccorros» poude proseguir na sua misericordiosa missão.

entregou o valioso donativo de 10 contos de réis em dinheiro para o custeio das despesas do «Pósto», e o do nobre industrial Snr. Albino de Souza Cruz, a quem tanto e tanto já deve a nossa instituição e que remetteu também o auxilio de cinco contos de réis. A estes deve ser junto o concurso do Governo da Republica, graças a iniciativa de V. Ex. que, pelo Aviso de 14 de Dezembro de 1918, mandou fôsse o Instituto indemnizado de parte das despesas feitas com a manutenção do «Pósto».

E' immorredoura a gratidão dos mantenedores da *Obra da Cruz Verde* a todos quantos, condoidos pela sorte de muitos milhares de infelizes arrastados pela «rajada da morte», correram ao seu encontro, procurando com a bondade de seu coração atenuar a grande desgraça que pesou sobre o Brazil nos dois ultimos mezes.

Eis, Exmo. Sr. Ministro, o que me cõrre levar ao conhecimento de V. Ex. e devo confessar que me sinto fundamentalmente feliz de haver podido concorrer, embóra em escala relativamente pequena, para minorar os soffrimentos de uma parte de nossa população, por outro lado podendo de maneira indiscutível provar a utilidade do INSTITUTO E PROTECCÃO E ASSISTENCIA A' INFANCIA DO RIO DE JANEIRO que me aventurei a fundar em 1899 e que na trajetória dos seus quasi 20 annos de funcionamento, jamais desmentiu os intuitos do seu *desideratum*, apparelhando-se dia á dia para ser, como tudo leva a crer, um dos departamentos proficuos da nossa tão almejada organização da Assistencia Publica.

MONCORVO FILHO .

Em 28 de Dezembro de 1918.»

*
*
*

Todos quantos tiveram a oportunidade de assistir ao que se passou no vetusto edificio do Insti-

tuto de Assistencia á Infancia, á Rua Visconde do Rio Branco, naquelles amargurados dias do «Pandemonio de 1918» são accòrdes em considerar da maior relevancia os serviços prestados e á imprensa desta Capital fiquei profundamente desvanecido e grato aos conceitos emitidos, da mesma fórma que ao encorajador concurso da nossa população que expontaneamente accorreu solicita a levar-me os mais valiosos obulos destinados a manter aquelle phenomenal trabalho de assistencia, servindo tudo isto para mim de farta compensação a tantos sacrificios.

Da parte do Governo da Republica até hoje aguardo accusar o recebimento do meu relatorio.

*
*
*

Entre outros órgãos da imprensa era o «O SOCIAL» que, em 3 de Novembro de 1918, assim se exprimia:

«O INSTITUTO DE PROTECCÃO E ASSISTENCIA A' INFANCIA. IMPOE-SE A CONSIDERAÇÃO DO POVO CARIOCA.

A «Obra da Cruz Verde» seria sublime, si não fôsse a continuação do que allí se pratica ha quasi vinte annos.

O Rio de Janeiro é uma das cidades onde se exerce a caridade de módo o mais elevado por intermedio de suas intituições de caridade e philanthropia, cada uma na sua esphera de acção.

Entre todas, porém, distingue-se o Instituto de Protecção e Assistencia á Infancia, sublime creação do Dr. Moncorvo Filho, porque protege a creança antes do nascimento até o principio da adolescencia.

Os serviços que tem prestado durante os quatro lustros de sua existencia são feitos tão gloriosos, que registal-os é demonstrar os beneficios que espalhou por milhares de creanças, — os homens e as mulheres de amanhã—.

Tinha um passado a recommendal-o á gratidão e ao reconhecimento; tem presentemente mais do

que isso, a consideração dos poderes publicos e as benções dos infelizes que soccôrrreu, protegeu e amparou, nesta hora angustiosa e afflictiva que atravessa a nossa patria.

Durante diversos dias do mez findo, quando a pandemia que nos visita dizimava a nossa população póbre e humilde, sem recursos para a sua subsistencia e tratamento, visitei por diversas vezes o Instituto, percorri suas dependencias, de manhã e a tarde e em todas encontrei dezenas e dezenas de adultos e creanças, que eram carinhosamente soccôrridos com assistencia clinica, medicamentos, diéta e generos de alimentação.

O Instituto estava aberto dia e noite de módo a proporcionar o maior numero possivel de beneficios e o conseguiu de módo satisfactorio, graças ao serviço que foi organisado.

Moncorvo Filho, fortalecido para a lucta pela humanidade, gosava pelos beneficios que prodigamente dispensava, efficazmente auxiliado por dezenas de dedicações que completavam a sua grande Obra.

Escrevemos estas linhas sob uma agradável impressão e para externar o nosso elogio pelos beneficios que o Instituto prestou, supplantando todas as instituições desta Capital e tornando-se digno das homenagens do nosso publico e da sua admiração.

S. L.»

..E desse jaez eram quasi todas as encomiasticas referencias de nossa imprensa, cujos representantes a cada passo procuravam pessoalmente infôrmes no estabelecimento, onde até mesmo alguns, com um desprendimento digno dos mais vivos embóras, se propuzeram a estar a meu lado naquelle ardoroso afan de salvar tantas victimas do desespero e da dôr!

Quando serenados os animos, entravamos to-

dos na vida normal, assignalando-se apenas as terribes consequencias que a maldita *hespanhola* nos havia acarretado, serviram para mim de grande alivio á exaustação em que me encontrei, as palavras de conforto com que me cercaram.

Dentre as manifestações desse genero, nenhuma, de certo, tocou mais fundamentalmente meu coração do que a concedida pelas Enfermeiras «Cruz Verde», as incomparáveis companheiras na lucta que empreendemos nos dias aterradores do «Pandemonio».

Aproveitando o pretexto de uma modesta conferencia que fazia eu na noite de 24 de Dezembro de 1918 sobre «O brinquedo e a creança», incorporadas, aquellas mensageiras do Bem, distinguindo-me com um formoso mimo, dirigiram-me as palavras que para aqui translado pelo muito que reconfortaram o meu espirito, ainda tão abatido.

«Exmo. Snr. Dr. Moncorvo Filho.

— Permitti que deixemos por minutos os nossos labores e vos detenhamos nesse tempo para cumprir um dever de consciencia profundamente caro aos nossos corações.

Na alta e nobre esphera de vossas humanitarias cogitações, nem sempre podeis observar os gestos e os impulsos de gratidão, despertados em cada um dos innumerados surtos de vossa bondade; mas elles se multiplicam, se fundem, se avolumam e de espaço a espaço, de oportunidade a oportunidade, logram rythmar a vossa admiravel vida, com as mais expressivas e merecidas benções.

Semeador incansavel do bem e do progresso, deveis vos esfaltar de contemplar, com piedade, a ingratição das almas fortemente imperfeitas, mais certo ainda não tereis descrido de todas ellas; os gestos generosos do vosso coração, nunca se esgarzem de todo sobre o desinteresse dos inconscientes, a ambição dos egoistas e a indignidade dos ingratos!

Uma dezena de milhar já não compôrta mais, seguramente, o numero dos que sabem comprehen-

der, admirar e abençoar a oppulencia de vossa magnanimidade e a justiça de vossa benemerencia.

Por mais humildes não seremos nós, de certo, os menos entusiastas sinceros e dignos desse numero.

Falla antes em favor de vossa valia neste particular a circumstancia sobremodo grata a todos nós, de havermos acompanhado, por largo tempo, os vossos passos nessa incomparavel cruzada em prol da infancia que mereceu as preferencias da vossa attenção e do vosso herculeo esforço.

Aqui viemos para aprender a ser uteis aos nossos semelhantes e á nossa Patria quando carecessem dos modestos serviços.

A isso nos levava um bemdito impulso transmittido pelos nossos paes, pelos nossos primeiros mestres, pelas nossas melhores companheiras.

Aqui vos encontramos de braços abertos, entendidos para nós, como para todos os que trilharam esse nobilitante caminho.

Aqui nos edificamos com o vosso magnifico exemplo, brilhantemente secundado pelos vossos dignos ccmpanheiros e auxiliares.

Dentre estes seria injusto não destacar os dois eminentes profissionaes do Serviço de Cirurgia aos quaes mais de perto acompanhamos, ensinando-nos e protegendo-nos.

A elles, ao Dr. Sylvio Rego e ao Dr. Mario Pereira de Souza, não só pela posição de Chefe e Adjunto do Serviço para o qual a natureza de nosso estudo nos impellia, não devemos exclusivamente as excellencias de um amavel e bondoso trato, sinão tambem um esforço sabio, devotado e bem orientado que, com o nosso agradecimento e a nossa admiração, seria constantemente recôrdado por todos nós.

Foi larga a caminhada e não podia ser mais prodiga em ensinamentos materiaes, intellectuaes e sobretudo moraes.

Nem mesmo nos faltou a athmosphera de horror e panico que simulasse o scenario da guerra

com a sua phantastica e apavorante desolação; foi a terrivel epidemia que assolou a nossa cidade.

Tivemos então a ventura de ensaiar com vigor e enthusiasmo as nossas primeiras investidas sob a formidavel sombra de vossa homerica figura.

Mal descansámos da refréga, viéram as provas finaes do nosso preparo e não faltou a valiosa assistencia do vosso elogio que era uma recommendação.

Vencemos todas — conquistamos o diploma de «Enfermeiras da Cruz Vermelha», e quizestes que fossemos tambem «Enfermeiras da Cruz Verde».

Estamos officialmente aptas a prestar os mais uteis e adequados serviços que a Patria póde esperar de nosso sexo, em momentos tristemente excepcionaes.

Alcançado o fim que visáramos nos nossos primeiros commentarios, uma pessoa não podia ficar esquecida: era a vossa; um gesto de admiração e reconhecimento não podia faltar: era para vós; das nossas esperanças, um voto não se poderia apartar: o que fazemos pela vossa felicidade.

Sem nos despedirmos de vós, pois que, emquanto pudermos e o consentirdes, aprenderemos e prestaremos serviços á esta benemerita Instituição e não queremos proseguir ou enveredar por novos rumos, sem vos apresentar os protestos de nossa immorredoura gratidão».

V—DERRADEIRAS CONSIDERAÇÕES EM TORNO DO PANDEMOMIO DE 1918

Uma das questões interessantes que se prendem á causa etiologica da gripe *hispânica* e que muito deu sempre que fallar, é a que se refere a influencia das condições athmosphericas sobre a virulencia do germe della productur.

De facto, em todas as épocas epidemicas houve constante tendencia a acreditar, tanto aqui como na Europa, em modificações metereologicas ou teluricas especiaes influindo indubitavelmente para que o microbio da gripe (qual seja?), tão manso nos tempos normaes, se revestisse de uma extrema malignidade, varrendo em sua insolita e devastadora passagem, populações inteiras de alguns milhões, como ainda em 1917 a 1919 succedêra.

Licito não se figuraria discutir aqui problema medico tão transcendental até hoje ainda não resolvido pelos mais notaveis scientistas.

O que é certo porém, cingindo-me tão sómente a reportar-me ao que é nosso, é que João Alves Carneiro, Silva Maia, Paula Candido, Valladão, Barrão de Lavradio, Sigaud, De Simoni e tantos outros jamais deixaram de filiar todas as epidemias de *catharraes* ou de legitima gripe entre nós havidas, desde 1749 até os nossos dias, á condições athmosphericas, sempre, uns e outros, assignalando o mal ora «em março, nos fins dos grandes calores do verão» (1749 — 1811), ora coincidindo com «vi-rações frescas e aturadas» e «a temperatura ambiente de 27 e 28° Reumur», (1835), ora com «variações subitas de temperatura em virtude de chuvas escassas, alternando com altos grãos de temperatu-

ra e reinado de ventos contrários, do quadrante do norte quente e seccos, e do quadrante do sul, frios e húmidos, sendo certo que tão notavel foi a influencia dos ventos na produção... da epidemia que as cazas situadas na direcção do norte a sul foram as que deram maior numero de doentes» (Relatorio da Commissão da Sociedade de Medicina), ora appellando para «o estado da athmosphera (ainda em 1835)», «no principio de Abril, em virtude da baixa rapida de temperatura e do apparecimento de excessivo e desagradavel frio, subsequente ás chuvas que cahiram por 15 dias successivamente, procedidas de vento impetuoso do sudoeste que soprou, etc.» (1837), ora a epidemia «começando depois das grandes chuvas acompanhadas de fortes ventos do sudoeste que cahiram em Fevereiro» (1851), ora «depois de copiosas chuvas» (1852), ora «em fins de Março, por occasião das mudanças athmosphericas, occorridas com o equinocio do outono» (1863), ora coincidindo com «mudanças athmosphericas» (1864), ora segundo se affirmou «conforme a influencia meteorologica» (1867), ora finalmente «com as alterações do equinocio de Março».

O Dr. José Novaes, em seu já citado trabalho diz que:

«No Brazil a gripe das estações é indiscutivel, parecendo melhor dar-se no inverno e no verão do que nas outras estações. Isto não impórta em descrêr na acção cosmica sobre o individuo, o portador da doença, em hypothese — a gripe; o que se não pretende, por aqui, é acreditar em que, para ser possivel um impeto, um insulto epidemico de gripe, haja mister uma formula de meteorologia... grippal.

O estudo das celebres constituições medicas, frisando aptidões theoricas e de estações, continúa um capitulo cheio de mysterios a um simples golpe de vista do espirito positivo, que de tudo se apercebe. Outra não se admittia o contagio. Houve gente que o negasse desabaladamente, porque, entre outras razões, a gripe andava mais rapida,

de população em população, do que os meios mais velozes de transporte. Esse argumento é de um evidente desprimôr quanto aos factos. Tudo e tudo o contraria na verdade. No dia em que a navegação aerea intercontinental fór um facto, a gripe européa chegará mais veloz e rapida á America, do que chegava hontem e hoje. O contagio de homem a homem, é, pois real e irrecusavel: o debate neste particular já se encerrou.

Demais disso a gripe se transmite de homem a animal.—Os trabalhos de Ollivier provaram a gripe em gatos contaminados.

A necropsia em taes animaes e no cavallo (zokor, de Vienna) verificou a pneumonia massica como no homem: em um caso o germe encontrado foi o estreptococco (hemolytico?).

Netter notou muito bem, desse ponto de vista, o contagio do animal pelo homem e vice-versa (?), que a gripe no acto de irromper coincide, ás vezes, com epizootias.

.....
Commentando o que assevera o Dr. José Novaes, seja-me permittido algo dizer sobre a intrinseca questão.

E' verdade que, com o correr dos tempos e as grandes conquistas da sciencia do microscopio, soffreram completo desprestigio as archaicas doutrinas hyppocraticas e gallenicas das chamadas *constituições medicas* na dependencia dos agentes cosmicos, do ar, da temperatura, das estações, emprestando ás doenças certa forma e predominancia.

A natureza infectuosa ou toxica explicaria, pelas doutrinas hodiernas, a eclosão de uma epidemia e a sua disseminação.

Quem nos tempos que correm attrituiria, por exemplo, a variola á estação chuvosa ou aos ventos do Oeste, o carbunculo ao calor secco, a peste ao Simoun, o escorbuto ao vento do mar, a colica de chumbo ao calor intertropical?

O grande Sydenham, havendo revolucionado a Medicina com os seus maravilhosos estudos e observações, mantinha a noção de uma alteração

secreta e inexplicavel do ar... «no apparecimento de uma epidemia» e o *genio epidemico* dominou ainda muito tempo até que o notavel Ozanam descrevesse as *epidemias de contagio e de infecção*.

Mas Bernutz, fazendo reviver a verdade da doutrina das constituições, appellou para as dissimelhanças que as modalidades reaccionarias apresentam em diversas épocas nas mesmas doenças e que constitue verdadeiramente a idéa hyppocratica, noção que persistia e era confirmada pela observação.

Entre outros factos, citou-se a epidemia de grippe de 1782 que se tornou celebre porque, explodindo em Petersburgo, *no mesmo dia* atacou innumeras pessoas, em seguida á uma brusca modificação da temperatura ambiente.

Não foi menos singular a epidemia de influenza que, em 1837, teve inicio em Paris em 15 de Janeiro, extinguindo-se a 11 de Março depois de copiosas devastações.

Em 1889 por occasião da conhecida lufada epidémica que assolou o mundo, nem mesmo escapando o Brazil, procurou-se resolver o problema da relação existente entre o estado das estações e as grandes pandemias, o que permitindo aca loradas discussões entre os clinicos de todos os paizes, não teve infelizmente como desfecho qualquer solução pratica, a despeito mesmo dos importantes relatorios apresentados á Sociedade Medica dos Hospitais de Paris sobre «as constituições medicas do periodo de 1862-1883».

A historia epidemiologica e bacteriologica da grippe, pôde-se dizer, gira em torno da pandemia que devastou o mundo até o fim do anno de 1889.

O curioso é ter ella começo em S. Petersburgo, em Outubro, por occasião de grandes chuvas. Apparecendo de 10 a 10 de Novembro em Moscou e em Berlim, surgiu precisamente em 12 do mesmo mez em Paris, dahi se estendendo a todos os paizes da Europa, chegando até a America.

Ainda mais curioso de ser citado é que o mal, conforme a noção admittida de que segue, na sua

immensa rapidez de propagação, as vias de comunicação, enquanto no XVII seculo levou seis mezes para ir de S. Petersburgo a Paris, em 1889 gastou no percurso apenas seis dias graças ao caminho de ferro. Si este facto é porém verdadeiro não deixa de ser extranho e sobremodo interessante o que se deu com a cidade de Königsberg, centro de grande importancia situado entre S. Petersburgo e Berlim, onde param os trens rapidos e onde a grippe só appareceu *oito dias* depois da sua eclosão em Berlim. Outros exemplos mysteriosos são assignalados em Montpellier, assólado depois de Paris, antes de Lyon, Marselha e Versailles e o da Christiania depois de Boston!

...E foi diante desses factos que Bezançon e Jong (cap. *Grippe* — Tr. d'Hyg. de Brouardel — Chantemesse — Mosny — 1912) declaram, com certo fundamento, depois de citar a opinião de Kelsch, *que não crê no papel exclusivo do contagio*, o seguinte:

«Nous ne prétendons non plus nullement nier la contagion dans la grippe, quel que soit sa pathogénie; nous voulons seulement faire constater que nous ne savons *rien d'indiscutable* sur la marche de la pandémie grippale et qu'à la lecture des documents ont reste étonné de voir affirmer la marche régulière de l'est à l'ouest ou du nord au sud de l'épidémie de grippe.

En revanche l'explosion massive fut un des caractères de l'épidémie bien plus que l'extension en tache d'huile. La morbidité fut considerable. La France fut éprouvée par l'épidémie dans la proportion de 75 p. 100, et l'Allemagne dans celle de 50 p. 100, environ. Il s'est trouvé des localités où plus dans tiers de la population fut atteinte. Au magasin du Louvre, où l'épidémie débata, le nombre des malades fut de 670 employés en quelques jours. Dans l'armée (Kelsch) sur 460.000 hommes, elle en a frappé 150.000 environ, et ces chiffres, pour être très élevés, n'en restent pas moins en officiers, ni les permissionnaires atteints pendant leur absence, ni les cas très légers compatibles avec la

continuation du service et qui furent très nombreux. Cette morbidité a varié d'ailleurs suivant les régions».

Em um interessante opusculo dado á luz da publicidade pelo Dr. Luiz Rodrigues (*A epidemia sob o ponto de vista meteorológico* — 1919—), procurou o seu autor relacionar o evoluer da pandemia com as condições atmosphéricas do momento, pretendendo que o maior numero de casos da doença coincidissem justamente com as chuvas, nevoeiros, irrovoadas etc., a par de oscillações da temperatura ambiente.

Abstendo-me de commentarios sobre toda essa questão, não posso deixar de concordar com aquelles, que julgam ainda mysteriosa a solução do problema.

Foi publico e notorio, na ultima epidemia que tanto nos infelicitou, que si familias houve que trancando-se em casa, isolando-se por completo do meio sem contacto com pessoa alguma estranha, não viram a grippe ataca-las, duvida não resta que outras em identicas circumstancias se encontraram atrozmente perseguidos pelo mal, a despeito do mais completo isolamento.

Entre varios casos chegados ao meu conhecimento, dois ha dignos de registo: n'um se tratava de um velho residente nas matas da Serra do Matheus (Engenho Novo), ilhado completamente, cercado apenas de basta floresta.

Logo que as noticias de Dakar chegaram á esta cidade, esse homem, aterrado, fez a sua provisão alimentar, encerrou-se na sua palhoça com os seus e jamais teve contacto com pessoa alguma, sendo isso facil, porque em tão longinquas paragens ninguem o procurava. Pois essa creatura foi acometida da *hespanhola* e quasi pagou o seu tributo á morte! Outro caso identico se deu no interior da matta da raiz da Serra de Petropolis.

O problema do contagio da grippe epidemica tem dado logar, muito antes mesmo dos trabalhos de Pfeifer em 1892, ás mais vivas e calorosas discussões, intensificadas em 1918 graças ao aperfei-

çoamento da technica bacteriologica e a multiplicidade de investigadores em todos os paizes por onde o mal ia arrastando milhares de victimas.

E' assim que nos ultimos tempos da ultima pandemia em Londres, o Dr. Edington descrevia o seu microbio considerando-o parente proximo do bacillo da peste e propagando-se pelo rato e pela pulga; na Hespanha, ao mesmo tempo que Salazar realçava o papel pathogenico de um *diplococco*, Trigaray, Codine, Huertas e Maranon achavam que o germe seria um simples *cocco*; ainda na Inglaterra, enquanto Matheus affirmava a especificidade do velho bacillo de Pfeifer, Little, Griffiths e outros acreditavam haver descoberto na grippe um *bacillo alongado* diferente daquelle; na França, Martin tambem assignalava um *bacillo*, mas que o Instituto Pasteur caracterisava como o de Pfeifer; na Hungria e na Austria, era este germe identificado nos casos de grippe; na Alemanha, onde a maioria dos scientistas emprestam todo o prestigio ao classico bacillo de Pfeifer, Uhlenhuth confessava, na União Medica de Munich, raramente tê-lo encontrado na ultima epidemia; em Portugal, Jorge Azevedo confirmava a opinião da maioria dos medicos allemães; na Italia, surgira Ciauri com o seu virus filtravel «um germe completamente novo na pathologia humana» e finalmente no Brazil Henrique Aragão, na opinião de Noguchi, — o grande sabio japonês — o investigador que melhor estudou a causa etiologica da *hespanhola*, asseverou tratar-se de um virus filtravel, devendo-se considerar o bacillo de Pfeifer como um microorganismo apenas satellite daquelle.

Por esta succinta exposição o que se percebe é que, em materia de microbiologia da grippe, ainda estamos muito longe da ultima palavra.

Dos acatados e recentes estudos de Vincent, da Academia de Medicina de Paris e Director dos Laboratorios do Exercito em Val-de-Grace, resultam, todavia, preciosas verificações no tocante ao contagio da fatidica doença.

Dest'arte se exprimiu elle:

«O seu character epidemico, tão extraordinario, explica-se pela maneira porque se produz o contagio. O germen desconhecido da grippe reside, pelo menos no começo da doença, de preferencia nas fossas nasaes, no pharynge, e na bocca, no larynge e nos bronchios. Resulta disto o apresentarem-se milhares de occasiões, na vida corrente, que permitem ao micróbio a sua exteriorisação. O acto tão simples, de fallar provoca a projecção em estado quasi invisivel de particulas salivares portadoras daquelle agente infeccioso. Para confirmal-o bastará collocar em frente duma pessoa que fala uma placa de cultura, ainda virgem. Constatase então que, depositando esta cultura na estufa, cobre-se immediatamente de colonias microbianas mais ou menos numerosas. Nas experiencias que tenho feito com o Dr. Lochoy verifiquei que ao fim de dous minutos de conversa em voz média, a placa de cultura regista já umas duzentas ou trezentas colonias.

E' facil de comprehender que a tósse e o espirro têm, sob este ponto de vista, um effeito mais notavel. Escusado será recordar que toda a pessoa grippada tem, precisamente como primeira manifestação da sua infecção, uma tendencia muito pronunciada para tossir e espirrar. Póde-se registar nas placas de cultura os microbios assim projectados para fóra. Tres ou quatro accessos de tósse originam mais de seiscentas colonias. Em consequencia disto, todo o doente em que a grippe se manifesta, vive cercado de uma nuvem infectuosa que irá contaminar o seu interlocutor, o vizinho, o transeunte, o enfermeiro que o trata, tão fortemente como si tivesse cahido sobre uma placa de cultura. A inalação de tal atmospheria virulenta permite aos germens a sua introdução nas vias respiratorias. Esses mesmos germens depositam-se, varias vezes, sobre o rôsto e sobre as conjunctivas, por onde é facil fazer-se tambem a inoculação.

Dahi o lacrimejamento e a vermelhidão dos olhos e que são tão frequentes na grippe. A meu

ver, «estas noções fundamentais devem ser bem conhecidas do publico». Não ha duvida que o contagio se póde dar por outros modos, mas é, sobretudo a transmissão aerea que intervem na maioria dos casos.

Seria de toda a utilidade que se collocasse, «em toda a parte», sobretudo nos trens, metro e salas de espectáculo, uns cartazes chamando a attenção para os processos de contagio e convidando, expressamente, toda a pessoa que tósse ou espirra a fazel-o «no seu lenço de assaar». Recommendo isso «com insistencia. O «projectil-microbio» encontrará assim um campo mais restricto para sementeira».

Um outro eminente medico francez o Dr. Francisco Heckel em uma communicação enviada em principio de 1919 á Sociedade de Therapeutica, começava salientando a contagiosidade da grippe; referia não conferir immunidadade um ataque da doença e poderem muito poucas pessoas resistir ao contagio prolongado e repetido de um grippado. Citou a influencia que têm, na expansão da grippe, o frio, a humidade, as emoções fortes, a privação do somno e as variações bruscas atmosphericas. «São causas predisponentes que influem no contagio, o qual póde ser transmittido por um doente, por objectos contaminados ou por pessoas sãs portadoras de microbio contagionante. Refere que todo grippado, ou apenas suspeito, deve ser isolado num quarto, não receber visitas, devendo o medico e o enfermeiro do doente cercar-se de cuidados especiaes, para não se contaminar nem contaminar os outros».

A proposito do ultimo topico desta transcrição de certo occorrerá á mente de todos que assistiram ao «Pandemonio de 1918», as provações e as deploraveis perdas que soffreu a classe medica brasileira.

E' possivel que em todas as regiões do globo, nas quaes a grippe dominou em sua plenitude, tivesse havido da parte do corpo medico local as maiores dedicações e solitudes. Impossivel é porém que se pudesse exceder ao que, pelo menos

na Capital da Republica dos Estados-Unidos do Brazil, foi dado observar-se.

A excepção de alguns, felizmente muito raros, que se aproveitaram da dor, da angustia e das deficiencias do momento para encher-se de dinheiro, havendo quem tivesse juntado com isso muitos contos de réis, via de regra, a quasi totalidade dos medicos, os que mais frequentemente eram atacados, bem se o comprehende, e com maior inclemencia pelo microbio devastador, mostraram-se verdadeiros apostolos da caridade, corajosos e incomparaveis heróes nessa campanha formidavel, por occasião da qual baquearam jovens profissionaes da fina flôr da nossa classe.

Tratando-se de um acontecimento em que o soccôrro medico era o ponto culminante das preoccupações de toda a população, não é extranhavel que as explorações campeassem, a revelia de qualquer providencia.

Não menos frequentes eram assignaladas as scenas grotescas e os episodios verdadeiramente cómicos por occasião do furacão epidemico e a proposito para aqui transcrevo, a titulo de curiosidade, o que escreveu em 6 de Novembro do anno nefasto, um dos jornaes de maior circulação desta Capital:

«Se não fôsse a lembrança dos transe angustiosos por que temos passado, o luto que pesa sobre tantas centenas de lares, nós com paciencia iriamos esforçar-nos por publicar os casos cómicos passados na Saúde Publica, que fariam gostosamente rir...

Na Saúde Publica, como se sabe, nos primeiros dias do «mal...» eram as centenas os pedidos que chegavam para as visitas a domicilio. Os medicos em numero reduzido, não bastavam para attender aos chamados. Foram por isso acceitos os serviços dos academicos que se apresentavam, e muitos estudantes que nunca estudaram a arte de formular, entraram a receitar. De uma feita, para uma das zonas pobres da cidade foi mandado um academico afim de acudir aos pedidos de assistencia medica. Com a lista dos pedidos o estudante par-

tiu cêlere no automovel pôsto á sua disposição. Tinha porém que subir uma ladeira e o carro não podia chegar até ás casas humildes do alto do morro, onde os doentes pediam soccôrro immediato. O estudante, viu, então, que, debaixo da chuva que cahia e na noite cerrada, precisava andar um pouco a pé para attender aos pedidos de assistencia.

Dentro do carro não chovia e melhor seria que não se expuzesse a um resfriado, pensou o estudante. E elle teve uma idéa genial.

—Eu fico aqui no carro, disse elle, voltando-se para o «chauffeur», e você vae lá em cima attender aos doentes. Toma o n. 1, que é um purgativo; o n. 2, que é para a febre, e o n. 3, que é para a tósse se tiverem. Não precisa dizer que é «chauffeur»; você vae como se fôsse medico.

E o «chauffeur», satisfeito de ser investido nas funções de medico, partiu para o cimo do morro, enquanto, o estudante, reclinado nas almofadas do carro, esperava que o «medico» attendesse aos doentes. O «chauffeur» bateu. Abriam a porta. E elle começou a fazer as perguntas, se tinham febre, tósse, etc. As pessoas que estavam junto dos doentes, vendo as maneiras do «Medico», a sua fala carregada de portuguez e a capa e o *bonet* de conductor de carros, desconfiaram logo da mystificação e, quando elle quiz tomar o pulso do enfermo, teve que sahir ás carreiras, debaixo de uma sóva de pau! E tanto corria o «medico» pela ladeira a baixo, como os donos dos doentes, que não tiveram pena do improvisado facultativo. Valeu-lhe, e tambem ao estudante, que teria apanhado bastante, si o carro dentro em pouco não corresse mais que os moradores do morro... O caso que relatamos é perfeitamente veridico, e o proprio estudante quasi victima da tremenda sóva de pau, com toda a naturalidade o contou aos seus collegas na Saúde Publica. O «medico» é que nunca mais ha de querer deixar as suas funções de modesto conductor de carro para receitar essencia de canella, o n. 2, ou n. 3 da Saúde Publica.

E não é este o unico caso verdadeiramente co-

mico a que deram logar alguns estudantes contratados. Deve-se, porém, com justiça confessar que muitos delles se mostraram extremamente dedicados, zelosos cumpridores da missão de que foram incumbidos. Mas, o que se não pôde deixar de dizer é que alguns certamente contribuíram para o augmento dos obitos...

Um houve que, mandado para acudir a um chamado, quiz dar uma injeção em um cadaver!...

Quando elle chegou, encontrou logo estendido no chão o «doente». Auscultou-o, depois chegou á porta e chamou o «chauffeur»:

—Você vae ajudar-me a dar uma injeção. Pegue o doente e ponha-o na cama.

—Mas o doente está morto, declarou o «chauffeur», logo que se abaixou para cumprir as ordens do academico.

—Qual morto qual nada, sentenciou o estudante: o «doente» o que precisa é uma injeção. Você não entende nada; ponha o doente na cama.

—E, enquanto o «chauffeur» collocava o defuncto no leito, o academico flambou a agulha, preparou a seringa, encheu-a de oleo camphorado.

Quando, porém, elle desinfectou o braço do «doente», ficou um pouco espantado de achá-lo tão frio.

—Parece que você tem razão, disse o academico ao «chauffeur»: o doente está morto.

E tornou a auscultar o defuncto, convencendo-se, afinal, de que elle não necessitava mais de injeções senão de caixão...

E, como estes, são tantos os casos que um livro se poderia encher.

Não teria sido melhor que a Saúde Publica tivesse contractado medicos do interior, como tantas vezes dissemos?

Não desconhecemos, tornamos a assignalar, os serviços prestados nos dias agudos da epidemia, serviços que foram inestimaveis. Alguns, porém, não se compenetraram das responsabilidades que sobre elles pesavam, e mais se preocupavam com a «importancia» de se assentarem nas almofadas de um

auto tendo uma bandeira vermelha atravessando as ruas movimentadas da cidade.

Um quintannista não se contentou simplesmente de assignar o «doutor» nas receitas copiadas; mandou fazer alguns milhares de cartões que ia deixando nas casas com os seguintes dizeres:—

«SERVIÇO MEDICO

O Dr. ..., pede aos seus clientes para avisarem a sua cura ou reclamarem novamente seus serviços gratuitos, por telegramma, cartão ou pessoalmente, á ..., sua residencia».

E as scenas cómicas que se desenrolaram durante a epidemia ainda fazem rir os funcionarios da Saúde Publica. Nenhum, porém, é tão adoravel quanto o Dr.»

Já que me foi dado citar este trecho de jornal, de um episodio veridico, acho que os leitores encontrarão tambem algum interesse nos topicos que reproduzo de uma chronica em 2 de Novembro de 1918 por Miguel Mello inserta na «Gazeta de Noticias» retratando certos outros factos que convem sejam conhecidos.

Dizia elle:

«Tinha razão Schopenhauer, quando affirmou que a maldade humana, a barbaria interna de muitos corações, só se revela de modo completo quando um grande facto convulsiona uma cidade e faz os preconceitos suspenderem por um momento o seu dominio, como ferrólhos que saltam deixando fugir de uma prisão todos os detentos...

A demonstração é absoluta nos dias de revolução popular.

Nós, graças aos deuses, não passamos por uma crise desse genero, mas nos vimos angustiados por uma situação de quasi anarchia.

E faria uma colheita funebremente interessante, nesta dolorosa quadra da gripe, o espirito observador que se desse ao trabalho de notar os casos mais salientes de egoismo e de ferocidade...

mico a que deram logar alguns estudantes contratados. Deve-se, porém, com justiça confessar que muitos delles se mostraram extremamente dedicados, zelosos cumpridores da missão de que foram incumbidos. Mas, o que se não pôde deixar de dizer é que alguns certamente contribuíram para o augmento dos obitos...

Um houve que, mandado para acudir a um chamado, quiz dar uma injeção em um cadaver!...

Quando elle chegou, encontrou logo estendido no chão o «doente». Auscultou-o, depois chegou á porta e chamou o «chauffeur»:

—Você vae ajudar-me a dar uma injeção. Pegue o doente e ponha-o na cama.

—Mas o doente está morto, declarou o «chauffeur», logo que se abaixou para cumprir as ordens do academico.

—Qual morto qual nada, sentenciou o estudante: o «doente» o que precisa é uma injeção. Você não entende nada; ponha o doente na cama.

—E, enquanto o «chauffeur» collocava o defuncto no leito, o academico flambou a agulha, preparou a seringa, encheu-a de oleo camphorado.

Quando, porém, elle desinfectou o braço do «doente», ficou um pouco espantado de achal-o tão frio.

—Parece que você tem razão, disse o academico ao «chauffeur»: o doente está morto.

E tornou a auscultar o defuncto, convencendo-se, afinal, de que elle não necessitava mais de injeções senão de caixão...

E, como estes, são tantos os casos que um livro se poderia encher.

Não teria sido melhor que a Saúde Publica tivesse contratado medicos do interior, como tantas vezes dissemos?

Não desconhecemos, tornamos a assignalar, os serviços prestados nos dias agudos da epidemia, serviços que foram inestimaveis. Alguns, porém, não se compenetraram das responsabilidades que sobre elles pesavam, e mais se preocupavam com a «importancia» de se assentarem nas almofadas de um

auto tendo uma bandeira vermelha atravessando as ruas movimentadas da cidade.

Um quintannista não se contentou simplesmente de assignar o «doutor» nas receitas copiadas; mandou fazer milhares de cartões que ia deixando nas casas com os seguintes dizeres:—

«SERVIÇO MEDICO

O Dr. ..., pede aos seus clientes para avisarem a sua cura ou reclamarem novamente seus serviços gratuitos, por telegramma, cartão ou pessoalmente, á ..., sua residencia.

E as scenas cômicas que se desenrolaram durante a epidemia ainda fazem rir os funcionarios da Saúde Publica. Nenhum, porém, é tão adoravel quanto o Dr.»

Já que me foi dado citar este trecho de jornal, de um episodio veridico, acho que os leitores encontrarão tambem algum interesse nos topicos que reproduzo de uma chronica em 2 de Novembro de 1918 por Miguel Mello inserta na «Gazeta de Noticias» retratando certos outros factos que convem sejam conhecidos.

Dizia elle:

«Tinha razão Schopenhauer, quando affirmou que a maldade humana, a barbaria interna de muitos corações, só se revela de modo completo quando um grande facto convulsiona uma cidade e faz os preconceitos suspenderem por um momento o seu dominio, como ferrôlhos que saltam deixando fugir de uma prisão todos os detentos...

A demonstração é absoluta nos dias de revolução popular.

Nós, graças aos deuses, não passamos por uma crise desse genero, mas nos vimos angustiados por uma situação de quasi anarchia.

E faria uma colheita funebremente interessante, nesta dolorosa quadra da gripe, o espirito observador que se desse ao trabalho de notar os casos mais salientes de egoismo e de ferocidade...

Com effeito, pequeninos episodios, foram registrados agóra, que bem mereçam attenção, para nos darem uma idéa de toda a infinita grosseria de certas almas, precavendo-nos contra a illusão de que possam pertencer á mesma especie todos os individuos que exteriormente apresentam característicos humanos. Meditem um pouco no que pôde ser o cérebro de quem nestes dias de tamanha dôr, se entrega ao divertimento de fazer caçoadas pelo telephone, transmittindo á Assistencia Publica falsos pedidos de soccôrro, sem se importar de perturbar um serviço tão necessario aos que soírem de verdade!

Abysmos de indiferença e de frieza, varios cavalheiros engraçados se entregaram a semelhante *sport*...

A esses deve ser adicionado o sujeito que recebeu da propria familia dinheiro para enterro de um parente e não appareceu mais em casa, gastando-o nos regabofes que poudo organizar numa semana de tão difficeis divertimentos!

Outro se fingiu de medico e andou pelos suburbios receitando. Não lhe descobriram o embuste, pelo facto de lhe morrerem os clientes, porque tal fatalidade antes deveria servir para authentical-o, confirmando-o no seu grão. Mas um conhecido, com certeza um amigo, por conhecel-o bem, denunciou-o. E toda a sua autoridade na sciencia de Hypocrates foi parar numa delegacia de policia, de onde sahiu desesperançado de alcançar fortuna que uma subita e immensa clinica lhe fizêra sonhar.

Ha typos que farejam instantemente, diante de qualquer cousa, o lucro a tirar.

Logo que o Governo organisou póstos de soccôrros e os vigarios de todas as igrejas entraram a distribuir auxilios aos pobres, os miliantes lembraram-se de percorrer, ligeiros, varios póstos e varias igrejas, recebendo assim e escondendo tudo o que podiam açambarcar.

Mas houve outros incidentes, e tetricos.

O terror da molestia, o medo da infecção pro-

vinda da decomposição dos môrtos, abafou os sentimentos de humanidade, e extinguiu o respeito devido aos entes queridos enregelados no somno ultimo.

No Cajú, logo aos primeiros dias da epidemia, o môrto ficava dias e dias depositado em qualquer canto, sem descer á terra. Cada vez que apparecia um amigo ou parente a ver si conseguia o enterro, notava a falta de uma corôa.

Essas surpresas se repetiram.

E por fim surgiu nos jornaes a denuncia de estar sendo organizado um serviço clandestino de venda e revenda das mesmas corôas, successivamente aproveitadas, subtraídas e outra vez aproveitadas, num vaivem macabro, a produzirem uma renda avultada para os seus magicos exploradores.

Um negociante, cheio de tristeza e de revôlta, sem querer publicar nomes, vem á uma redacção e conta que uma pessoa de sua familia, victima da grippe, foi levada para o Cajú, numa tarde, e já na manhã seguinte, ainda insepulta, estava privada dos sapatos, da sobrecazaca e da gravata...

Mas, si cabotinagens desta ordem houve á farta, para compensar puderam ser registados actos de verdadeiro heroismo, de dedicação e de desprendimento, capaz de honrar qualquer povo que os assignalasse.

A meu lado trabalhavam medicos, enfermeiras, estudantes, pharmaceuticos, cirurgiões-dentistas e outros prestimosos companheiros da nossa cruzada, e cada qual maiores provas de amor ao proximo demonstrava, desdenhando de grandes interesses que podiam auferir nessa época em que a poucos dado era poderem prestar serviços.

Basta citar o eloquente facto que se segue para ter-se a idea dos altos sentimentos de todo esse pessoal que, exaustos de um trabalho formidavel, atravez uma quinzena accidentada, dia e noite quasi sem um momento de repouso, com o moral aoadidissimo pelas scenas a que assistia, apresentou-

se-me resoluto, mostrando-se disposto a proseguir na aspera lida, independente do mais insignificante interesse pecuniario.

Em 1º de Novembro de 1918 o serviço ainda era muito movimentado no nosso «Pôsto de Soccorros», mas os recursos de que podia dispor escassejavam a tal ponto que impossível me era proseguir a utilizar-me do pessoal contractado e então naquella data fiz expedir a todos a seguinte circular:

«PORTARIA

Tendo se esgotado por completo neste momento os recursos financeiros para a continuação dos multiplos serviços que constituíram o excellente aparelhamento de assistencia organizado pelo Instituto de Protecção e Assistencia á Infancia do Rio de Janeiro que conseguiu, de 16 a 31 de Outubro de 1918, quer dizer, no decurso de 15 dias, soccorrer 8.671 individuos de ambos os sexos e de todas as edades, com auxilios da mais proficua assistencia medica, remedios, soccorro em domicilio e na via publica, distribuição de alimentos, e esmolos em dinheiro, esta Directoria, muito a contragosto, vê-se obrigada a restringir d'agora em diante a benefica acção desta humanitaria Obra, tomando as seguintes e immediatas medidas:

- a) Dispensar todo o pessoal extraordinario contractado.
- b) Continuar com o pôsto permanente, attendendo *exclusivamente* á creanças.
- c) Suspender os auxilios de alimentos e esmolos.
- d) Suspender o serviço de assistencia á domicilio e na via publica.

Agradeço, muito reconhecido, a todos quantos nest'hora angustiosa me tem trazido o seu valioso concurso material com incomparavel dedicacão, zelo e piedade.

Rio de Janeiro, 1 de Novembro de 1918.»

Sem excepção de um só, os profissionaes que tão valiosa cooperação me emprestavam nos luctuosos dias daquelle Outubro, offereceram seus serviços gratuitos e as dignas enfermeiras, todas senhoras e senhoritas pobres, as mais necessitadas de todos que alli trabalhavam, n'um gesto de fidalgo altruismo, quizeram na carta abaixo transcripta significar com eloquencia a grandeza do seu coração.

Eis as linhas escriptas e que guardo como um penhor de gratidão:

«Exmo. Snr. Dr. Moncorvo Filho

Nós, enfermeiras desta Casa que a vossa bondade perdularia abriu aos pequeninos, cheias ainda de religiosa admiracão ante a grandeza do vosso esforço sobrehumano no minorar o pranto, no jugular a dôr que aqui veio abrigar-se batida pelo infortunio, lacerado ainda o coração pelos gemidos e ais amarissimos de mães torturadas nos paroxysmos de dôres que se não medem, guardando na retina a visão tragica dos pequeninos olhos mareados que se despediam da vida, vimos todas, n'um impulso incontinido, beijar-vos as mãos dadi-vosas, trazer-vos o preito unanime, a benção fervente dos corações despedaçados que a vossa alma generosa reconfortou, o tributo de uma admiracão leal e grande como a vossa virtude antiga e rija que explende, embóra envôlta na simpleza de quem sabe ser grande, leal e modesto, a despeito do rebusnar da inveja, do mal querer do ingrato, do bôto do vilão.

E nest'hora, quando baldo de recursos, exgotado de forças, a porta desta Casa se cerra, todas aqui vos protestamos admiracão e solidariedade, e todas vos pedimos de continuar acceitando a nossa fraca collaboracão, permitindo-nos trazer a nossa parcella de esforço, o nosso carinho, apertar no mesmo abraço os pequeninos que os vossos braços compassivos apertam.

Rio de Janeiro, I-II-1918.

Joanna Silva,, Adozinda Maia, Zilda Silva, Carlota Gomes, Leonor Lemmert, Helena J. Lemmert,

Helena Costa, Maria Amalia Portes, Eugenia de Andrade.»

E dessas grandes almas, algumas até hoje graciosamente prestando os mais abnegados e profíscientes serviços na «Assistência à Infancia», resplumbra um glorioso exemplo do valor e da munificencia do coração da mulher brasileira.

Durante os cruéis dias do «Pandemonio de 1918» as dedicações extremadas reflectiam com exuberancia a grandeza d'alma de nosso povo e innumeras e edificantes demonstraçoões do facto a cada passo enchiam de orgulho os que dellas se apercebiam.

Dos medicos, então, contam-se cousas admiraveis!

Aqui um sem numero delles, a cambalearem, tropegos pela asthenia, ardendo em febre, esqualidos, a examinar e prescrever para a turba que, em soluços e prantos, imprecava a sua piedosa assistencia: alli um facultativo que já nas vascas da morte prescrevia ainda para os pobres que lhe enchiam o solar; acolá eram os profissionaes que da sua propria bolsa particular acudiam á infinidade de familias indigentes que, por espirito de caridade e sem o ribombo do espalhafato, soccorriam efficaçamente.

Os exemplos de altruismo nunca foram, de maneira mais evidente, pôstos em pratica em nossa terra.

Entre milhares delles ha o daquella senhora, espôsa de um modesto funcionario da Alfandega e que, no auge do soffrimento pelos quadros por ella assistidos na zona em que morava, correu a supplicar ao marido que, na falta de recursos pecuniarios, lhe consentisse vender todas as joias, das quaes não tardou a se despojar, empregando os 600\$000 apurados, distribuindo-os em esmolas e alimentos!

Quando explodiu a gripe, que a situação desta Capital se anormalisou como nunca, o commercio fechou, todos os serviços diários foram suspensos, os estabelecimentos bancarios e a Caixa Economica

cerraram tambem suas portas, raro foi aquelle que não passou as maiores provaçoões, alguns abastados mesmo.

Eu, que casualmente tinha em caza cinco contos de réis, levei-os todos a empregar nas despezas do «Pôsto de Soccorros» que fundára e como fechei o meu consultorio, negando-me systematicamente a attender á minha clinica civil para entregar-me exclusivamente ao soccorro dos pobres que aos milhares de mim se acercavam, privando-me outrosim de aceitar chamados para cidades do Interior que me dariam largos proventos, senti-me em difficuldades prementes pela cessação completa da renda e a absoluta impossibilidade de recorrêr sequer a um Banco.

...E o que commigo succedia, reproduzia-se com frequencia pela cidade afóra.

A' algumas familias de grande tratamento e que, em funcção do Pôsto, acudi em domicilio, defrontando quadros desoladores, tive de deixar, além de dinheiro e dos remedios, pão, leite e outros generos porque havia muitas horas que passavam o supplicio da fome!!!

Apoz tão dolorôsas vergastadas no sentimentalismo do leitor ao conhecer alguma cousa do que foi o «Pandemonio de 1918», justo é se enfeixe estas paginas com uma nota alegre para o que propositalmente transcrevo o artigo sob o titulo «Historia anedoctica da gripe na collecção do «Jornal do Commercio», neste editado em 26 de Janeiro do corrente anno, graças a iniciativa do meu eminente e pranteado confrade General Ismael da Rocha:

Deleitem-se os leitores.

«Ha largos annos, quando jamais nos preocupára a possibilidade da irrupção devastadora, qual a de Outubro e Novembro de 1918 nesta Capital, publicou o «Jornal do Commercio», em criteriosa explanação, mui interessantes, ainda opportunos, conceitos sobre o tratamento e o historico das epidemias da «grippe», bem antiga no velho continente. Se a illustre redacção quizer reproduzir esse ensinamento, poderão ser relidos os testemunhos da extrema benignidade das primeiras invasões generalisadas, e da feição grave, alarmante, de ulte-

riores, com verdadeira *exaltação de virulencia*. A narrativa abrange em traços expressivos, quasi seis seculos, desde as referencias de 1239 até os annaes tristemente celebres de 1803, mortandade na época do Consulado predecessor do Imperio napoleonico, e verão os leitores que nada melhor foi divulgado.

Encontrou esses apontamentos assiduo rebuscador na preciosa collecção desta folha, citando para maior curiosidade o dia, o mez, o anno, mas enviando o retalho authentico da pagina, que conserva.

Disse o articulista, sob o titulo:

«COMO ERA OUTR'ORA TRATADA Á GRIPPE

A «grippe» tão commum nos invernos europeus, acompanhada do seu ordinario côrtejo de tósse, fêbre e dôres renaes, não é, como se poderia, talvez, suppôr uma molestia moderna. Outr'ora, em remotas épocas já se manifestava, sem que se tentasse qualquer cousa no sentido de uma defeza contra o mal.

Dizia Alphonse Karr que contra o deflúxo os medicos só tinham achado uma soluçáo a qual consistiria em lhe dar outro nome, denominando-o «coryza». O mesmo se poderia affirmar relativamente á «grippe».

Não foi descoberto o meio de a curar, mas á doença foi attribuida outra designação, e á essa molestia se chamou «influenza».

Assim, a «grippe» é, como dissemos, muito antiga. Já no começo do seculo XIII os seus symptomas eram assignalados. A primeira menção que disso existe remonta ao anno de 1239; e a doença de tal modo se propagou naquella data em Pariz, que os medicos não eram sufficientes. Cumpre dizer que no anno referido a capital da França contava 30 «migres» (medicos) e 8 «migresses» (medicas). Mas, toda a sciencia desses doutores e dessas dou-

toras não poude preservar da epidemia os Parizienses.

Em 1404 e 1414 novas referencias á «grippe» são feitas no «Jornal de Nicolas de Baye». Refere elle que, no fim de Abril de 1404, desse mal se queixavam ricos e pobres. A molestia, que então se denominava «Tac», era attribuida a uma «pestilencia do ar».

Dez annos mais tarde o «Tac» de novo se manifestou em Pariz. E «Nicolas de Baye» relata que todos os doentes tinham «dôres na cabeça, nos rins, nas côstas, nas espaldas e nas pernas.»

Essa molestia, que poupava (assim diz Baye) as crianças de menos de dez annos, determinou grande perturbação na vida da capital. As audiencias do Parlamento e do Chatelet foram suspensas, pois os advogados não podiam fallar, tão constante era «a tósse, acompanhada de extincção da voz». O clero, accrescenta o citado informante, foi forçado a cessar a celebração das missas cantadas e, para conjurar o flagello, o Capitulo de «Notre-Dame» ordenou que se fizesse uma procissão geral.

O mal era provocado, segundo Juvenal des Ursins, por um «vento maravilhoso, extremamente frio», que soprava durante os mezes de Fevereiro e Março.

Nenhuma classe da sociedade deixou de ser atacada pelo «Tac» que, entretanto, não determinou nenhum obito.

A epidemia, em 1414, durou tres semanas.

A' 1427 ella reapareceu com igual intensidade, porém foi menos longa. Pariz soffreu durante quinze dias apenas.

Os sacerdotes renunciaram as prédicas, porquanto diz um chronista, toda a gente espirrava, e tossia, o que era muito respeitoso.

Em 1510, o «Tac» mais uma vez se revelou em Pariz. Esta epidemia era precisamente a «grippe», que ainda não havia mudado de nome. Começava geralmente, por um fôrte deflúxo mais ou menos

violento e febre. A tósse e uma dôr generalisada completavam os symptômas. Os doentes não podiam comer nem dormir.

Os medicos de 1414, os «physicos», como então se dizia, nenhum remedio aconselhavam. Modestamente declaravam que desconheciam o segredo da cura.

Os «physicos» de 1510 não conseguiram tambem debellar a epidemia, mas experimentaram alguns medicamentos: a agua de carvão bento, a agua de theriaca, o benzoato mineral e a camphora.

A theriaca foi durante muito tempo o remedio classico contra a «grippe»; no seculo XVIII ainda era muito empregada.

Ora, a theriaca constituiu um dos remedios mais complicados, nessa época em que na pharmacopéa se viam as mais inverosímeis composições. Ella comprehendia sessenta substancias diferentes, entre as quaes figuravam o opio, o miolo de pão carbonisado, o bitume da Judéa, a myrrha, o incenso, sem contar numerosos productos tirados dos animaes, como o coração de víbora e o rim de castor.

Depois de pilados esses ingredientes, peneirava-se o pó que dahi resultava e que era mesclada á uma determinada quantidade de therebentina, a que se adicionava, depois, um pouco de mel.

Formava-se deste módo uma pasta, que não podia, aliás, ser logo utilizada. Era imprescindível que fôsse guardada durante muitos mezes frios de 1676, excepcionalmente chuvosos, novo. Só então possuia a virtude de curar os doentes de «Tac». Os «physicos» prescreviam-na sob a fórma de cataplasma ou, então, para uso interno, sob o aspecto de pequenas pilulas.

A despeito da theriaca, a epidemia com frequencia visitava Pariz. No seculo XVII varios autores de memorias se referem ao obstinado deflúxo que apparecia no inverno. Nos mezes frios de 1676, excepcionalmente chuvosos, a «grippe» grasou na Capital com singular intensidade. Só cem

annos após, em 1776, a molestia recebeu a denominação de «grippe».

Nessa data foi especialmente violenta. O Duque de Croy conta, no seu «Diario», que o inverno daquelle anno foi summamente rigoroso. «Não houve um só Pariziense, assevera elle, talvez exaggêrado, que não tivesse tido a «grippe».

Além da theriaca e da camphora, os medicos aconselhavam numerosos xaropes.

Um escriptor desse tempo fez uma comedia, intitulada «La Grippe», que é uma satyra divertida dos costumes. Nella se vê um medico, o Dr. Anodin, que cura os seus doentes em tres dias, tres horas, tres minutos e tres segundos, mediante uma colher apenas de um remedio por elle inventado.

Um anno tristemente celebre nos annaes da «grippe» foi o de 1803. A epidemia surgiu no começo do inverno e rapidamente se propagou.

La Harpe, o critico, e Saint-Lambert, o poeta, succumbiram, victimas do mal, que adquirio uma fórma grave. Dessa doença falleceram tambem duas actrizes que se tinham tornado *horton* dos annalistas de 1412 — um anno depois, Sophia Armand, a famosa cantora, morria da mesma enfermidade.

Innumeros medicamentos novos appareceram. Mas o Dr. Beauchesne, medico do hospital do Gros-Cailloü, escreveu no *Journal de Debates* um artigo no qual aconselhava aos doentes a que desdenhassem todos os remedios, pois só trez cousas curavam a «grippe»: repouso, dieta e calor.

Entre os medicos travou-se, então, uma discussão ardente.

Os Parizienses dessa época, que era a do Consulado, cantarolavam uma canção á moda, «chanson contre la grippe», que teve grande successo. E isso fez com que, na falta de um tratamento efficaç, os antepassados dos Parizienses de hoje oppuzessem aos soffrimentos uma resignação jovial.

A instructiva narração prova, sem esforço, que fôra bem a «grippe» esse «Tac» tão generalisado, mas *benigno*, de 1404-1414. Accrescentaremos haver sido apenas o «Tac» aquelle mencionado *horton*

— 158 —

dos annalistas dei 1412, — um dos multiplos cognomes da peregrina, *bavaquette, petit courrier, petite poste*; os dizeres chulos não eram de terror.

Declaram os tratados de medicina, caber a Sauvages, de Montpellier, a officialização do popular, grosseiro, vocabulo «grippe», jungido á symptomatologia classica pela possivel modificação, oculo-nasal, do «facies» «dont les traits sont retirés comme raccourcis» segundo velho livro. Mas o verbo francez «gripper» filia-se ao baixo allemão «gripan», e significa — apprehender por garras, «griffes». Tal se revela, de facto, a impressão do accommetimento subito a «empolgar», como as garras de aves de rapina, incautas creaturas. Igual synonymia tem o verbo inglez «to gripe».

Huscham fixou definitivamente, na terminologia medica, a sonôra, nasalada «Influenza», significativa de ignorancia, termo banal, oriundo naturalmente, das porventura incriminadas, «concomitantes», influencias atmosfericas, como as vastas rajadas sobre Veneza e Milão, diffundidas logo por todas as nações occidentaes,—1802-1803. Mas já o immortal Sydenham lhe gravára, sapiente, em 1676, essa especialização, imagem felississima, epidemiologica, clinica, da «influenza» futura. Teissier a proposito das devastações contemporaneas, — 1889-1890—indicou os pontos iniciais em que a «grippe» é endemica. A Russia, foi, por certo, a fonte da «grippe», como Calcuttá e o Indostão Oriental era a do «cholera», como na parte do Oriente musulmano é a da «peste negra», como o golpho mexicano foi a da «febre amarella»: quatro sinistras «viajoras, de nome popular», que de longa data «caminham, caminham...», e si não ultrapassam a velocidade das communicações entre os povos, deixam muita vez inapprehensivel a fenda da penetração ou o inopinado accrescimo de virulencia. «Hespanhola» tornou-se, porém, pelo clamor geral, a recente focalização dessa «itinerante» que no quarto trimestre de 1918 aportou ás nossas plagas portadora da mais lethal epidemia, a curto prazo, depois de haver arrebatado preciosas vidas não só de il-

lustres profissionais patricios a bordo do «Plata», mas ainda de nossos bravos marujos da esquadra, enviados todos em missão de guerra e já em rota de Dakar para o norte. De tão bruscas, instantaneas ou rapidissimas, apparições da «influenza», em navios e cidades, ha muitos casos bem verificados, analogos. Citaremos dous: — 1º. Em Dezembro de 1889 o paquete «Saint-Germain» recolheu, tocando em Santander, um passageiro proveniente de Madrid e que adoeceu a bordo no dia immediato. Foram logo contagiadas 154 pessoas, num total depois de 436. 2º. A 26 de Novembro de 1889, um empregado dos afamados «Grandes Magasins du Louvre» apresenta ubitos symptoms caracteristicos: 670 companheiros foram contaminados; a epidemia irradiára-se em Pariz! Tão intensa, imprevista, diffusibilidade ou aggravação é tradicional; autores antigos fallam de cincoenta mil casos, numa só noite, na capital russa! Descontando o possivel exaggero, por justificado panico, ainda ficam, como ensino, os nove mil obitos em Roma, em 1580, e o despovoamento então quasi simultaneo de paizes na Europa, a reforçar a tradição da irreprimivel expansibilidade, quando a «grippe» se transmuta em «influenza», isto é, pandemia.

E' nessas quadras de pavor que resurge inevitavel a generalizada crendice na «pestilencia do ar», a que alludem velhas chronicas comparando-a ás periodicas, malditas, nuvens dos insectos que se abatem sobre searas,—não mais partindo todos: os retardatarios, os que se *domicilium* entretêm focos de pestiferações possiveis. Para diffusão da febre amarella, não transmissivel por contacto de individuos como ensinava o mestre Torres Homem, foi, outr'ora, bem lembrado imaginoso pantano aereo; provado está, hoje, que sobre as habitações, onde houver o menor receptaculo para agua estagnavel, se podem formar, nos telhados, nas calhas, — como se constituem no concavo de um caule, na ramagem do arvoredor, nas latas, nos vasos para flores, minusculos pantanos, nocivos quaes os do sólo, para

pullulação dos tão fallados mosquitos vehiculadores por inoculação.

A doença, á semelhança do paludismo, da filariose, e outras, aggride, voando, em sombras, traçoieira. Assim confere a sciencia inesperada verosimilhança ás lendas, firmando em provas palpaveis, os admiraveis, espontaneos, surtos da intuição popular. Era curioso, por exemplo, o norte do Brasil pelo menos, *destelhando* incontinentemente expondo *ao tempo* os aposentos em que permaneceram tu falleceram tísicos: só ha poucos decennios foi pela bacteriologia demonstrado que o *bacillo* causa da tuberculose mórre com rapidez sob a luz directa do sol; e veio a «heliotherapia» auxiliar as curas do repouso, como vimos em sanatórios, alhures.

Quanto á «grippe-influenza», espera-se confiadamente que se pronunciem os laboratorios, já victoriosos na prophylaxia da *febre amarella*, da *peste*, do *cholera*, e positivem a obscura etiologia, nessas repentinas exaltações de virulencia, ao lado de um prazo de incubação podendo alcançar oito dias: o que justifica todo o rigor preventivo da Saúde Publica e dos medicos do porto para navios suspeitos e são muitos presentemente.

Até que surja um tratamento, como o da peste bubonica, já debellavel, nessa fórmula, pelo soro, como o de Manguinhos, superior, nunca será de mais louvar, ante os tão variados e energicos medicamentos contra a «grippe», a sensata opinião, acima, do clinico Dr. Beauchesne nos tempos do 1º Imperio francez, sobre as tres determinações efficazes, para os pacientes: *calor*, *dieta*, *repouso*; prudencia maior em tres palavras simples: *primo non nocere*.

ISMAEL ROCHA.»

*
* *

Tendo conseguido realizar o intuito deste livro, com a consciencia de haver, embóra de modo succincto e, com uma phrase insulsa, retratado, talvez

pallidamente mas com intuitos de fidelidade, o que foi o «Pandemonio de 1918», aqui findo.

Póde-se dizer que a rajada da *hespanhola* devastou os paizes com mais violencia do que a tremenda e recente guerra e muito suggestiva é, a esse proposito, a estatística que foi publicada pelo «Daily Chronicle».

Graças a tão interessantes dados se verifica que a epidemia consumiu, na Europa e na America, cerca de TRINTA E OITO MILHÕES de victimas, numero sem duvida superior ao dos que succumberam na guerra durante os malditos quatro annos.

Sómente em Londres morriam diariamente de grippe 4.000 pessoas, durante quasi um mez e na Capital da Austria este numero foi ultrapassado. Em Paris houve dias em que falleceram 3.000 individuos.

Quanto ao que se passou nos Estados-Unidos este trecho do relatório do medico do paquete «Curvello» do Lloyd Brasileiro, dá-nos a ideia do que foi a epidemia naquella paiz:

«Em Nova York começava a grassar a epidemia de influenza. Actualmente a epidemia na America do Norte, pela descripção dos jornaes e pelos communicados officiaes, assume proporções alarmantes, tendo sido necessario o governo tomar medidas energicas, como sejam: a do fechamento dos cinemas, suspensão do trafego dos «sub-ways», fechamento de fabricas e todos os pontos em que a accumulção era grande. Nos acampamentos os casos de influenza são contados por dezenas de milhares; os navios ficam sem guarnição, como se deu com a barca «Pernambuco», de propriedade do Lloyd Nacional, onde, desde o commandante até o ultimo moço foram internados nos hospitaes. Navios houve, que tendo sahido com passageiros, tiveram que arribar, ao primeiro porto, devido ao grande numero de atacados e muitos mórros. A tripulação do nosso navio na sua quasi totalidade foi acommettida, revestindo-se a enfermidade de gravidade, devido aos numerosos casos de pneumonia. Notei invariavelmente em todos os casos conges-

tão pulmonar no segundo dia, fortes hemoptyses, seguindo-se a pneumonia com todos os seus característicos em muitos». Depois de descrever a evolução da molestia em suas diversas modalidades, diz mais o relatório: «Sem ter carregado nas cores escuras do quadro, pois bem podeis avaliar pela cifra dos atacados (113 numa tripulação de 127) e pelo numero de pneumonicos (59), deixei descripta a nossa real situação, não hesitando em recommendar ao Snr. commandante o não recebimento de passageiros a bordo para uma viagem de 30 dias, assentando as minhas palavras sobre dados e informações exactas. A sciencia não encontrou ainda meios de evitar o contagio de tal enfermidade, e os que estão habituados a vela de perto não se podem fiar nas regras que se apontam como capazes de bem nos garantir contra ella. Meios certos e infalliveis não os ha, e, portanto, seria grande temeridade, sinão um crime, o recebimento de passageiros nas condições em que nos achamos, e mais do que nunca seria condemnavel, si tal fizéssemos, quando já eram tão incertos e inseguros os nossos destinos devido aos submarinos inimigos e as minas que havia á mercê das ondas.»

E sabe-se que em New-York chegou-se a registar cerca de dous mil obitos por dia!

Reportando-se a estatística brasileira verifica-se no computo geral que, em relação á mortalidade pela *hespanhola*, ficamos occupando o *oitavo lugar*, pois que o numero dos obitos diários alcançava uma media de 450, o que, si não é positivamente um consólo, nos permite afirmar que, a despeito do nosso desapparelhamento em materia de assistencia publica, houve populações mais dizimadas que a nossa.

*
*
*

Chego definitivamente ao termo dos meus commentarios e apraz-me com satisfação ter podido, na reconstituição historica da epidemia, realçar a «OBRA DA CRUZ VERDE» constituída pelo acer-

ço de serviços do Instituto de Protecção e Assistencia á Infancia do Rio de Janeiro.

Na descripção do que houve durante o «Pandemonio de 1918», já que a injustiça dos autores do Relatório do Serviço Sanitario do Estado de S. Paulo, pretendendo fazer o historico do evoluer do mal na Capital Federal os levou a silenciar em absoluto sobre a existencia do nosso «Pôsto de Soccorros», impunha-se que, como unica compensação — porque outra não tivemos eu e os meus companheiros da tremenda pugna —, ficassem consignados em lettra de fôrma os abnegados serviços por um punhado de benemeritos prestados á população desta Capital.

O Instituto de Protecção e Assistencia á Infancia do Rio de Janeiro, depois de 21 dias de luta desassombrada e silenciosa contra a mórte que aqui fez o seu arraial, tendo soccorrido carinhosa e efficientemente cerca de 10.500 victimas das quaes só 95 lhes arrebatou a peste, sentiu-se profundamente abalado na sua situação financeira por ter sido obrigado á enormes despezas com o «Pôsto de Soccorro» por elle creado em 16 do mez de Outubro de 1918. Baldo de recursos teve o Instituto apenas do Poder Publico um pequeno auxilio em prol de uma população flagellada.

Minguado de meios, valendo-se dos donativos particulares, ajuntando as parcelas generosas, foi vencendo as difficuldades até o fim; chegou porém o momento extremo e exaustivo sem mais pão para tantas boccas famintas, sem remedios já para tantas dôres, sem mais recursos para enxugar tantas lagrimas, quasi foi compellido a interromper o seu labor.

Todavia, confiando na bondade humana, o seu Conselho Administrativo, desejando não fôsse interrompida a trajectoria de beneficios que esparzia pela população, dirigiu ness'hora um appello desesperador, um grande brado de angustia aos homens de coração, ás mães amantissimas, ás filhas, ás esposas, á todas as pessoas emfim de bôa vontade e generoso sentir.

Em nome da solidariedade humana, em nome do soffrimento, em nome da orphandade, foi o seu grito de soccôrro.

Dissemos então:

«Para vós, filhas dilectas, noivas estremecidas, mães caridosas que nestas noites tragicas tendes velado o bérço de vossos filhinhos, estendem-se supplices e tremulas as pequeninas mãos dos infelizes; outras mães, outras espôsas, outras noivas desgraçadas, olhos queimados pelas lagrimas, corações transbôrdantes de amargura, aguardam na tristeza de seus larçes, rôidas pela febre, combalidas no convalecer, o vosso gésto generoso.

De vós, Senhoras, de vossos maridos, de vossos paes parta um bom movimento; estendam-se as vossas mãos dadivosas para os que soffrem, amparem o vosso esforço e o carinho dedicado á tantas victimas: ajudai-nos a salvar a vida máлъ desabrochada dos pequeninos, as existencias doloridas de tantos infortunados, porque, apezar do declinio da rajada de móрте que nos vem açoitando, ha ainda milhares de desgraçados arquejantes nas garras da febre, milhares de convalescentes succumbindo de miseria e de fome em espeluncas sombrias que nunca imaginastes existir, agonisantes, perdidos em choupanas, afundados no enxurro dos morros, onde nem de longe lhes chega o ruido da cidade, creaturas humanas jazendo como bestas no chão humido e pegagento, aconchegando-se a farrapos.

Orphãos de toda piedade, victimas de todas as injustiças, pobres rezes da peste, tristes filhos da miseria, é feito de todos os seus lamentos, tem a agudeza cruciante de todas as suas dôres, o grito de desespero que d'aqui dirigimos aos corações compassivos e nobres.»

E ao ouvir as nossas imprecações não faltou a commiseração dos ricos e dos remediados. Os óbulos appareceram e a nossa missão foi completa: **SALVAMOS MAIS DE DEZ MIL E TREZENTAS CREATURAS!**

... E tinhamos assim cumprido nossa missão.